

A person is shown from the back, wearing a dark jacket and a large brown backpack. They are holding a long, thin wooden walking stick. The person is standing in a field of tall grass. In the background, there are trees and a sunset sky with orange and yellow clouds. The title of the book is written in large, black, serif capital letters on the right side of the image.

OS TRÊS CAMINHOS DO PEREGRINO

LEANDRO PEREZ FREIRE

Leandro Perez Freire

Os três caminhos do Peregrino

escritormochileiro.com

copyright © 2024 todos os direitos reservados

Aviso importante

É expressamente proibido fazer qualquer alteração neste livro digital ou mesmo a sua comercialização.

Sua disponibilização deve ser gratuita e seu conteúdo mantido na íntegra.

Sumário

Prefácio.....	5
Nota do autor.....	7
Sobre o Autor.....	9
A decisão.....	11
O encontro com a Filósofa.....	23
O retorno.....	45
O segundo encontro.....	51
A preparação.....	58
A persistência.....	62
A Partida.....	65
Caminho Primitivo.....	73
Caminho Finisterra.....	215
Caminho dos Ancestrais.....	273
A visita.....	310
Agradecimentos.....	314
Considerações finais.....	315

Prefácio

Quem nunca se perguntou qual o sentido da vida? Qual a razão que nos faz levantar todas as manhãs?

Quando jovens, todos tínhamos um sonho e não importava o quão difícil pudesse ser para realizá-lo. Nós queríamos e isto bastava. Poderia ser um jogador de futebol, um astronauta, uma bailarina ou cantora. Víamos o mundo com outros olhos, o da criança, da inocência. Vivia dentro de nós uma chama, uma magia, uma energia que nos permitia correr até o infinito ou ficar sentado jogando conversa fora. Dançávamos sem vergonha e nem música era necessário. Falávamos sozinhos com o nosso imaginário.

Não guardávamos nenhum sentimento ruim. Quando tristes, nosso choro fazia leve nossa alma novamente.

Queríamos desbravar o mundo como eternos viajantes. Víamos beleza em cada detalhe, na natureza, nos amores e amizades. A vida parecia conversar conosco através de sinais.

Éramos simples e isso bastava para sermos felizes. Porém, quando crescemos, percebemos

que, cada vez mais, perdemos esta capacidade. Precisamos de fórmulas, buscamos a nossa razão na complexidade. O que acreditamos sobre nós mesmos precisa ser aceito por terceiros.

Já não nos permitimos errar. Não dançamos de alegria, nem falamos com nossa alma. Sentimos vergonha de nós mesmos, temos a companhia do medo, escondemo-nos.

Temos que ser tantas coisas que não nos sobra mais tempo para sonhar. Quem queríamos ser quando criança, não tem mais importância. Nem notamos que não temos mais aquele brilho no olhar.

Passamos os dias dando importância a tantas vozes estranhas, que acabamos esquecendo de ouvir nosso coração e aquela chama, quase brasa, que mantém vivo o segredo de nossa jornada.

Foi através de uma filósofa e de um estranho peregrino que eu pude compreender aquilo que sempre esteve dentro de mim, mas que eu não conseguia enxergar. Somente percorrendo os caminhos eu descobri o que o universo, a todo instante, buscava me mostrar.

Nota do autor

Alguns de nós sentimos um vazio tão grande que nada parece fazer sentido. Sentimo-nos perdidos, depressivos.

Sei que para algumas pessoas isso parecerá uma coisa banal, mas para muitos, que se escondem dentro de si mesmos, é uma mensagem importante.

Eu quero que saibam que não estão sós. Por isso escrevi este livro. Através dele eu compartilho uma experiência profunda e real. Eu quero que essa obra possa, de alguma forma, ajudar você a encontrar seu caminho.

É um livro, com mais de 300 páginas, que relata a peregrinação que eu fiz e o que eu aprendi sobre o medo, a amizade, superação, a ligação que temos com nossa ancestralidade e também, com o universo.

Ao final de cada trajeto percorrido haverá um link para acessar um vídeo dos lugares por onde passei. Espero que gostem!

Se, ao final, você quiser fazer uma doação, de qualquer valor, fique à vontade. Isso me ajudaria bastante. Contudo, o mais importante é que este livro siga como o vento. Então, por favor, pode compartilhá-lo à vontade. Peço apenas que o mantenha na íntegra e gratuito.

Sobre o Autor



Nome: Leandro Perez Freire.

Nascimento: 02 de fevereiro de 1985.

Natural: Santos/SP.



leandroperezfreire



E-MAIL



Alguém que nunca soube ao certo o que fazer.

Sempre com mais dúvidas do que certezas.

Talvez isso seja algo bom, afinal.

Uma mente repleta de pensamentos, dos mais distintos e que busca encontrar dentro de si o sentido de tudo o que há fora.

Alguém tão normal que não há muito o que falar a respeito. Não possui perfeição em nada do que faz. Suas verdades se modificam, ganham novos

significados a cada manhã, a cada nova experiência.

Se pudesse escolher uma característica: seria a capacidade de sonhar. De buscar além do óbvio. Quem sabe por isso, tenha tanto respeito pelo silêncio, pela calma. Lá, os pensamentos ganham asas e podem ir de encontro, com o que para muitos, seria impossível.

A decisão

Eram oito horas da manhã de um domingo. Um dia lindo de outono. O calor do sol tocava suavemente em minha pele, afastando o ar frio que ainda persistia, escondido nas sombras. As folhas pareciam felizes, estavam com suas cores mais vivas. Tudo parecia ter recebido mais vida.

— Como posso estar me sentindo mal com toda esta beleza à minha volta? E é justamente a ela quem culpo por me sentir assim. Talvez porque ela represente um convite à vida e o que busco é uma desculpa para não vivê-la. Ou quem sabe, eu queira que, de alguma forma, a natureza demonstrasse aquilo que estou sentindo? Que absurdo! Espero que Deus me perdoe por minha ingratidão.

Caminhei sem pressa pela calçada levando comigo um caderno, uma caneta e meu celular. De tempos em tempos surgia alguém, contudo nem eu, nem qualquer uma daquelas pessoas fazíamos questão de nos olharmos. A última coisa que desejaria naquela manhã seria encontrar alguém conhecido.

Eu pensei bastante durante toda a noite passada. O silêncio da madrugada fez-me perceber como minha mente era barulhenta, mas ainda assim, havia conseguido tomar minha decisão.

— Às vezes precisamos fazer o que temos que fazer — repetia para mim mesmo enquanto seguia o percurso.

Estava quase chegando. Havia andado por volta de vinte minutos e já tinha perdido a noção de quantos carros e motos passaram ao meu lado, mesmo ainda sendo uma manhã de domingo. Todos com pressa de chegar em algum lugar, gritavam com suas buzinas e gesticulavam com suas mãos e rostos descontentes. Não sabia o que diziam e nem me importava em saber.

— Parece que as grandes cidades nunca dormem.

Finalmente cheguei! Era uma passarela onde por baixo, havia um viaduto. Antigamente ali também passavam carros, entretanto, não era mais permitido.

— Não há mais ninguém aqui — falei contente.

Era comum aquele lugar estar repleto de pessoas que iam e vinham, e também alguns vendedores com seus carrinhos e outros que estendiam sobre o chão um pano, no qual deixavam exposta algum tipo de mercadoria. Eu conhecia bem aquela passarela, andava por ela todos os dias em direção ao meu trabalho. Ela tinha aproximadamente duzentos metros de extensão e de largura, talvez dez ou um pouco mais.

Em cada uma das laterais havia uma grade de ferro, com altura de um metro. Elas eram muito bonitas, na forma de linhas circulares, três ao total, em cada uma delas, em sua extremidade, tinha uma flor que sustentava, de forma perfeita, o círculo que havia no centro desta linda obra de arte. Centenas de outras iguais a esta complementavam a extensa grade de ambos os lados. Era, ao mesmo tempo, frio como o ferro e belo e delicado como uma flor.

— Não sei se possui algum significado, espero que sim. É muito bonita para não representar nada.

Eu passei toda a noite pensando neste lugar. Aproximei-me da grade. De lá conseguia ver os vários carros que passavam pelo viaduto. Eles nem suspeitavam que alguém os observava.

— Tanto movimento lá embaixo e aqui, ninguém. Acho que eu nunca fiquei tão feliz neste lugar, como agora. Sinto-me como o observador que ninguém pode ver. É até um pouco mágico — completei pensativo. — Porém, não faz diferença. Não tem nenhuma importância o que estou sentindo. Isso não é mais um problema.

Coloquei o celular no bolso, abri o caderno e com a caneta na mão, ensaiava escrever algo. Eu até comecei, mas logo desisti, riscando o que havia iniciado e trocando a página. Eu queria dizer um adeus, quem sabe justificar-me ou deixar registrado algum conhecimento, antes que tudo se perdesse no infinito.

— Quer saber... Talvez eu não precise escrever nada, afinal.

Olhei mais uma vez lá para baixo, apoiando o meu corpo na grade, enquanto buscava analisar a altura em que eu estava.

— Acho que será rápido.

Fechei o caderno e o coloquei sobre o chão, ao meu lado, juntamente com a caneta. Apoiei-me outra vez à grade.

— É melhor fazer isso logo de uma vez. Estou nervoso. Consigo até escutar a minha respiração.

Algo em mim parecia querer repensar sobre o que eu já estava prestes a fazer.

— Chega! Não estou aqui para me decidir. Já está decidido. Logo tudo se resolverá, finalmente!

Respirei e procurei parar de pensar.

— Não pode ser tão complicado.

Passei uma perna sobre a grade. Estava tão tenso que até salivar era difícil.

— Vai! Vai! Vai! — gritava, tentando encontrar a força que precisava.

Já não existia mais poesia, nem humor ou raiva. Apenas uma última tarefa envolvida por um pavor terrível e a esperança de um alívio eterno.

— Logo tudo vai acabar.

Respirei fundo, soltei o ar e inclinei o corpo em direção ao fim.

— Por acaso sabes voar?

— De quem é essa voz? Nem morri e já escuto anjos?

Olhei para a direção de onde veio a voz e vi uma mulher. Ela tornou a me dizer:

— Tomara que tenha asas.

— Quem é você? — perguntei impaciente.

— O que pensa que está fazendo? — perguntou, desta vez com voz séria.

— Eu não tenho que lhe dar satisfações! Não lhe conheço e não me importo com o que você tem a me dizer.

Ela parou um momento e me observou dos pés à cabeça.

— Acha mesmo que isso é o melhor a se fazer?
— Por que se preocupa? O que faz você pensar que pode me dizer o que é certo ou errado?
— Você tem razão! — disse pensativa. — Mas então, temos um impasse.
— Por que diz isso?
— Porque agora estou envolvida. Desde quando chamei sua atenção e lhe fiz hesitar.
— Não se preocupe com isso. Apenas continue seu caminho e eu seguirei o meu. Você não pode evitar. Se eu não fizer isso hoje, farei amanhã. Acaso vai querer me seguir pelo resto da vida?
— Você também tem razão em relação a isso. Não se pode mudar as escolhas de ninguém. Cabe a cada um de nós decidirmos.
— Finalmente! Achei que não iria me deixar em paz nunca mais.
— Porém, antes quero muito lhe fazer uma pergunta!
— Moça, eu não lhe conheço e não vou contar o que me levou a decidir fazer isso. Isso é um problema meu. É a minha vida.
— Não quero saber o motivo que te leva a dar fim a sua vida.
— Não? — perguntei surpreso.

E ela continuou sem dar importância ao que eu havia dito.

— O que faz este caderno ao seu lado? Trata-se de alguma mensagem final? É estranho alguém que decide desistir da vida, querer deixar uma mensagem para as outras pessoas. Pessoas essas que você nem conhece.

Eu fiquei confuso com a pergunta que ela me havia feito.

— Eu tentei deixar uma mensagem, mas desisti. Ninguém vai saber o que estou pensando — respondi de forma áspera.

— Se quiser pode me contar. Assim, se um dia alguém perguntar, eu posso dizer quais foram as suas últimas palavras.

Às vezes eu achava que ela estava preocupada, mas em outras, parecia me provocar. E me deixava curioso sobre quem seria ela.

— Tentei escrever, mas não consegui, por isso mudei de ideia e deixei o caderno no chão. E você, quem é? O que faz aqui?

— Gosto de caminhar aos finais de semana pela manhã. Ajuda a espairecer. Fico filosofando em meus pensamentos, enquanto admiro as manifestações da natureza. Acho que quando a gente encontra o sentido de nosso caminhar, sempre seguimos com ele.

— Então é uma filósofa?

— Acho que todos aqueles que buscam pela sabedoria são filósofos.

— Você a encontrou? — perguntei de forma irônica e com uma certa curiosidade também.

— Não encontrei. Estou seguindo meu caminho e apreciando a paisagem.

— É uma bela história, mas para mim não serve e não tenho um caminho, ou melhor, não quero segui-lo.

E enquanto acenava com a mão, continuei:

— Espero que tenha um bom dia.

— Talvez você esteja realmente precisando morrer — disse ela. — A resistência já ludibriou os teus sentidos. Sinto até que é com ela que estou falando.

Eu não entendi o que ela me disse. Toda vez que pensava estar me libertando dela, algo do que me dizia, mantinha-me preso.

— O que quer dizer com “resistência”? Acha que não sou eu quem toma minhas decisões?

— Sim! Exatamente isso. Não é você! — disse ela com uma certa tranquilidade nas palavras — Mas não fique triste, quase todas as pessoas agem da mesma forma.

— Obviamente esta realidade não se aplica a você, não é mesmo? — perguntei como um recurso ousado de tentar desestabilizá-la ou, quem sabe, ao menos diminuir a importância do que suas palavras pareciam exercer sobre minha curiosidade, contudo, outra vez não deu atenção ao que eu falei.

— Resistência! — disse ela, enquanto me confrontava com os olhos.

— Ainda que seja essa tal de resistência, por que se importa?

— Já disse que não me importo. Você me convenceu quando disse que eu não poderia mudar sua decisão. Porém, isso não muda o fato de que você apenas reage sem entender.

— E se eu não quiser entender? E se eu apenas quiser ficar em paz?

— Nunca terá paz enquanto não souber quem você é.

E após uma pequena pausa, continuou:

— Caso eu não te veja nas manchetes dos noticiários de amanhã, poderemos conversar mais sobre a resistência e outros assuntos. Filosofar.

Ela pediu o meu caderno e a caneta. Escreveu na última página um endereço com uma data e horário, em seguida fechou o caderno, devolveu-me e foi embora sem tornar a olhar para trás.

Eu estava novamente sozinho. Aproximei-me outra vez da grade, olhei para os carros que permaneciam passando. Tudo estava exatamente igual ao momento em que cheguei, inclusive estranhamente vazio, parecendo-me até que pude voltar no tempo e ter a chance de concluir o que havia decidido fazer naquela manhã de domingo. Entretanto, eu me sentia estranho. Apoiei-me à grade, porém já não pensava em pular. Uma vontade incontrolável de chorar tomou conta de mim. Eu me ajoelhei no chão e apoiei minha cabeça e mãos junto à bela obra de arte a qual falara à pouco, como se ela fosse uma amiga querida com quem eu pudesse desabafar. A quem eu pudesse mostrar a dor

que sentia e que de todos tentava esconder,
inclusive de mim mesmo.

O encontro com a Filósofa

Dois dias se passaram desde aquela manhã. Guardei comigo a folha escrita pela filósofa. Havia chegado o dia e faltavam apenas três horas para o encontro.

— Será que eu devo ir até lá? Talvez ela só esteja querendo me vender algum tratamento ou quem sabe, converter-me em adepto de alguma religião.

Sentado, eu olhava para o papel e continuava pensando.

— A quem estou querendo enganar? Não faço a menor ideia do motivo pelo qual estou indo, entretanto, sinto como se fosse o maior compromisso que tenho nos últimos tempos.

Não conhecia aquele endereço. Mas ao pesquisar percebi que não ficava longe.

— Vou pegar um ônibus e talvez em pouco mais de meia hora eu já chegue.

Desci do ônibus e não levou muito tempo até me localizar. Segui pela rua, conforme vi no mapa através do celular e após caminhar por três quadras, estava diante de uma espécie de casarão com muros altos.

— Não consigo ver nada lá dentro, nem mesmo se há alguém.

Toquei a campainha, aguardei um tempo. Ninguém veio ao portão me atender. Estava ansioso e confuso.

— Vou tentar uma vez mais.

Escutei passos e em seguida, finalmente o portão de madeira se abriu e um senhor surgiu.

— O que deseja?

Naquele momento percebi que não sabia o nome dela.

— O que deseja? — insistiu o senhor.

Após pensar um pouco, eu lhe respondi:

- Eu procuro por uma pessoa.
- E quem é essa pessoa?
- Uma mulher.

Notei o semblante de insatisfação em seu olhar, e de fato, foi uma resposta pouco eficaz, pensei em descrevê-la, porém possivelmente só serviria para que ele percebesse que eu não sabia nada a respeito de quem eu procurava.

- Existem muitas mulheres no mundo. Você poderia ser um pouco mais específico?

Sorri encabulado e tentei iniciar algumas frases que logo se interrompiam. Comecei a me questionar se eu havia tomado a decisão certa, em ter ido até lá. Um silêncio constrangedor envolvia-nos até que a porta se abriu um pouco mais e outra pessoa surgiu.

- Então você realmente veio. — disse a filósofa com um certo ar de certeza, mesmo a frase tendo expressado outro significado.

— Eu vim.

- Pois, então entre! — disse-me sorrindo.

Na medida em que adentramos ao casarão observei, logo à minha frente, um bonito jardim com bancos, mesas e um chafariz. Algumas pessoas lendo, outras conversando. Nenhuma delas parecia se importar com a minha presença. Continuamos por mais alguns metros até ficarmos diante de uma grande porta de madeira com detalhes em ferro. Ela já estava semiaberta.

— Entre e fique à vontade!

No centro havia uma escada e nas laterais, algumas salas. Um grupo de pessoas passou por nós. Elas estavam conversando. Algumas carregavam mochilas e outras ainda, instrumentos musicais. Antes de sair cumprimentaram a filósofa.

— Que lugar é esse?

— Depende de para quem fizer a pergunta.

— Como assim? O lugar é um lugar. Assim como a casa é uma casa.

— Mas o significado do lugar muda de acordo com o sentido que é dado a ele e de acordo com o que ele representa.

— E para você, que lugar é este?

— Para mim é um lugar sagrado.

— Como uma igreja? Eu não vejo imagens de santos, apesar de haver alguns bustos esculpidos e quadros de retratos nas paredes. Contudo, nenhum deles possui asas.

— O sagrado não está limitado ao interior das igrejas. O espaço sagrado é aquele que te faz lembrar quem você é e a quem você serve. Ele não é afetado pelo tempo, nem pelas circunstâncias. Ele é iluminado por algo maior.

— Então, esse é um lugar mágico?

Ela sorriu e me disse:

— Você tem que aprender a ver além do que mostram as aparências.

E finalizou:

— “Religare”.

Quando eu pensei em perguntar o que significava tudo aquilo, ela parou em frente a uma das portas, a primeira do lado esquerdo e pediu para que eu entrasse. Eu estava com um pouco de medo do que encontraria, contudo, para minha surpresa, era uma sala normal, com algumas cadeiras em círculo e uma lousa em

uma das paredes. O que me chamou mais atenção foi a claridade do sol que entrava através de uma fresta da janela e fazia um traçado, iluminado toda a sala. Ela fechou a porta e pediu para que eu me sentasse, e em seguida fez o mesmo.

— Ainda não entendi o que é um lugar sagrado.
— disse encabulado.

Não sei se deveria ter insistido, talvez agora ela me considerasse ignorante demais para ser capaz de compreender.

— O mundo está impregnado de sacralidades e contemplar o cosmos é contemplar inúmeros ângulos do sagrado. É buscar o que cada coisa tem a nos oferecer. Mas para isso você precisa ser capaz de enxergar a essência das coisas.

Em seguida ela desviou do tema e me perguntou:

— Como tem estado nestes últimos dias?

Aquela frase entrou em meus ouvidos e penetrou por completo em meu ser. De repente

tudo o que estava fazendo ali perdeu o sentido. Quando lembrei de mim, não importava mais se aquele lugar era sagrado, nem o que ela poderia me contar a respeito dos antigos filósofos. Eu estava sentindo uma grande vontade de me esconder, de vomitar. Eu só pensava em voltar para a minha casa, para meu quarto e me questionava porque não havia pulado, porque não tinha acabado com aquela dor. Ela aguardava minha resposta, porém eu não conseguia. Permanecia calado e olhando para o chão enquanto respirava com certa dificuldade.

— O que está aí não deixará de estar, até que você deixe de ser quem é.

— Eu sei! — respondi agoniado. — Eu sempre soube, por isso queria pular daquela passarela. Você não entende! Ninguém entende. Você acha que eu não tentei? Acha que eu quero terminar com tudo por simples capricho?

Eu falava e ela apenas escutava. Não demonstrava o que estava pensando ou sentindo.

— Eu tenho muita raiva de mim. Dos meus medos. Eu tento fugir deles, mas não consigo.

Eu sinto pânico. Eu vejo um dia lindo e sinto culpa por estar em meu quarto. Eu desperdiço a minha vida dia após dia. Eu sou o meu maior carrasco. Para não encarar a minha frustração sobre mim mesmo, eu crio fantasias, busco viver uma mentira qualquer. Quando tento superar o medo, desafiá-lo, algo acontece, dizendo-me que sou fraco, ainda que eu me empenhe por completo. É muita força que eu tenho que fazer, então prefiro ficar em meu quarto. Só que isso tem um preço. Cada dia que passa, é um dia que não terei mais. Eu quero gritar, eu quero correr, quero quebrar tudo à minha volta. Quero me agredir, quero desaparecer. Isso me faz sentir culpa, muita culpa e eu peço perdão a Deus. Eu busco ficar sozinho, não me envolver. Eu não tenho força para ajudar ninguém e não quero que ninguém sofra por minha causa. Eu sinto ansiedade e apatia. Raiva e pena. Culpa e medo. Por isso eu quis pular daquela passarela. E agora me pergunto: Por que não fiz?

Eu tinha dificuldade em respirar e todo o meu corpo estava retraído, sentia-me como se eu estivesse em um campo de batalha, gladiando comigo mesmo.

— Eu sei porque eu não pulei de lá. Porque talvez Deus jamais me perdoasse. Ele já deve estar farto de tantas queixas sem sentido.

Percebi que não era para ela que eu falava tudo aquilo, era para mim mesmo.

— A cada ano é mais difícil por causa do tempo. Por causa dos registros deixados nele. De suas marcas e de todos que ele levava consigo. Ele me recorda, como um espelho, o quão covarde eu sou, o quão ingrato eu sou com o amor de Deus. Eu poderia ser tão melhor do que eu sou, se não fosse por minha culpa. E por medo de perder o que tenho, eu continuo, dia após dia, fazendo o que tenho que fazer e dizendo o que tenho que dizer. Sem saber como eu seria, se eu não fosse o meu maior carrasco.

Olhei para a filósofa..

— Eu pensei em relação ao que me disse, sobre vencer a resistência. Eu não consigo! Não posso vencê-la, porque ela sempre volta descansada, renovada enquanto eu, estou cada dia mais cansado.

Em seguida me sentei e comecei a chorar.

— Saber onde estamos, já é um bom começo — disse-me enquanto me observava chorar. — Quantos de nós passamos toda uma vida sem termos uma conversa sincera olhando para dentro de nós. É necessária muita coragem para olhar nossa escuridão, porém somente quem a atravessa pode ser capaz de perceber a luz.

Ela fez uma pausa e continuou:

— Existe muito mais a dizer, essas palavras de agora já estavam transbordando e lhe impedindo de respirar, mas cada coisa a seu tempo. Você mencionou sobre a resistência. Eu vou lhe falar melhor sobre ela. É um pensamento de Steven Pressfield.

Aproximou-se e iniciou a falar:

— É difícil reconhecê-la quando não se está atento. Seus argumentos podem até ser verdadeiros, mas não são o suficiente para te deter. As queixas, lamúrias, desculpas e autopiedade, tudo são artifícios para que te rendas a ela. Ela começa com uma rotina, um ciclo repetitivo que você faz somente porque precisa, não te trás nenhuma realização. Com o

tempo você vai sentindo desgosto, uma amargura. Isso intensifica, a angústia o consome. Você passa a ter dúvidas sobre suas capacidades. Não reconhece mais quem você é. Ocorrem doenças psicossomáticas. Muitos passam a buscar refúgios em vícios, pura ilusão, porque perdem ainda mais o controle e a volta à realidade se torna cada vez mais insuportável. Neste ponto o indivíduo pode desenvolver depressão e em alguns casos, podendo querer dar fim a própria vida. Tamanha infelicidade o adoeceu. É a sua alma que está sufocada, gritando pela liberdade de fazer com que você cumpra a sua missão no universo. E você sente isso quando não consegue respirar ou quando sua garganta fecha, sua boca seca e seu corpo fica tenso. A única forma de combater a resistência é acreditar totalmente em seu sonho e entregar-se a ele. É um compromisso real. É entregar-se sem medo, mostrar quem você é. Seguir sempre em direção ao seu sonho, pois somente assim poderá alimentar a sua alma. Você nunca vencerá definitivamente a resistência. Todo dia é uma batalha. Mas é melhor uma derrota no mundo real, do que uma vida perfeita na fantasia, porque até mesmo a

derrota no caminho do seu sonho lhe aproxima de seu sonho.

— Suas palavras são fortes e me reconheço em muitas delas. Mas como eu vou atrás dos meus sonhos se eu não tenho sonhos? Eu não sei o caminho que quero percorrer. Talvez esta seja a minha maior dificuldade.

Ela fez uma pequena pausa e continuou antes que eu pudesse falar qualquer coisa:

— Mas você não consegue saber como fazer isso agora, porque está doente. O sofrimento e a dor estão em todo o seu ser. Nas suas emoções, na sua mente e espírito.

— A tristeza é uma doença? Será que eu não sou capaz de entender o que acontece comigo?

— Vou-lhe falar sobre as três dores que não são físicas. A primeira delas é a dor emocional. Ela é causada pela falta de confiança na vida. Você precisa entender que nada é por acaso. Existe uma inteligência que dá sentido a todas as coisas. Uma linguagem sutil que fala com você todos os dias. Busca lhe mostrar o caminho através de cada situação, conhecimento e pessoas que surgem em sua vida. A vida é cosmos e não caos. As dores e sofrimentos que

sente são sua alma querendo se manifestar e tudo o que acontece ao seu redor é o universo querendo te mostrar o caminho.

— E como eu faço para entender o que ele quer me dizer?

— Aprenda a ler os sinais. A linguagem da vida é feita através de símbolos. A todo instante eles ocorrem para ela se comunicar com você. Nunca se esqueça que o movimento da vida é inteligente. O símbolo sempre aponta para o mais nobre. Portanto faça o seu melhor e observe os sinais que a vida lhe dará.

— Mas como vou saber o que ela quer me mostrar se nunca notei sua presença?

— Observe a sincronicidade que a vida utiliza para se comunicar com você. Seja através de eventos repetitivos, que ocorrem porque você está se recusando a aprender. Seja através de pessoas que atraímos. Provas que a vida nos oferece (sempre existirá uma relação entre nossos defeitos e nossas provas, observe isso!). Conhecimentos que nos surgem no momento certo. Palavras que nos são ditas, muitas vezes por pessoas que nem conhecemos, no momento em que mais necessitamos. A percepção de eventos aparentemente negativos do passado que hoje entendemos como bênçãos,

livramentos. Experiências alheias que nos são contadas e se encaixam com decisões que precisamos tomar. Reconhecimento que temos no momento em que duvidamos de nós mesmos. Às vezes ocorrem até, diversos destes sinais ao mesmo tempo. É como se a vida estivesse gritando em seus ouvidos. Entretanto é necessário observar com imparcialidade sem querer interpretá-las para justificar aquilo que você já pretendia fazer.

— Então essa é a linguagem sutil que você falou?

— Sim! — respondeu-me.

E prosseguiu:

— Sempre dê respostas aos sinais. A cada momento que percebê-lo, comunique-se com ele, como quem fala com um amigo querido. Desta forma você fortalecerá cada vez mais o diálogo com a vida.

— E por que você acredita que a vida quer falar comigo ou ainda, indicar-me a direção correta a seguir?

— Porque ela torce pela sua evolução. E quanto mais você estabelecer esse diálogo, mais aprenderá sua linguagem, perceberá os

propósitos que ela tem para você. Cada vez mais irá evoluir e ficar em harmonia com a natureza, com o cosmos. Nunca se esqueça de que tudo tem um propósito.

Caminhou alguns passos e continuou:

— Quando você percebe que existe uma inteligência no universo, começa a reconhecer o sagrado, sua natureza, e mais do que isso, percebe que faz parte dele.

— Sagrado como este lugar é para você?

— Sim! O mundo está impregnado de sacralidades e contemplar o cosmos é contemplar inúmeros ângulos do sagrado. É buscar o que cada coisa tem a nos oferecer. Tudo o que existe aqui são reflexos do mundo das idéias, das idéias divinas. É onde todas as coisas são criadas antes de existirem. O momento em que aquilo passa a existir torna-se um símbolo daquela ideia. São pontos de eternidade em um mundo ilusório. Olhar a essência. É como olhar para a sombra e imaginar qual a figura. As coisas do mundo material têm uma transparência. Elas se deixam ver. Elas deixam entrever a sua essência, basta que você tenha um observador predisposto a ver e hábil para decodificar aquilo que ele vê. Isso

se chama simbolismo. A capacidade de enxergar o sagrado, a visão simbólica, consiste na natureza humana através da intuição, mas em grande parte também, através da inteligência. Trata-se de uma faculdade humana.

Ela percebeu que eram muitas informações e tentou personificá-las para mim através de uma passagem na história:

— Os Celtas eram tribos que habitavam parte da Europa, desde séculos antes de Cristo. Possuíam muitos conhecimentos preservados e transmitidos através dos Druidas. Também eram grandes guerreiros, que pareciam não temer a nada, nem mesmo à morte. Suas bravuras eram reconhecidas até por seus inimigos. Quando questionados eles disseram que só temiam duas coisas: Que o sol caísse sobre a terra ou que o mar se elevasse de seu leito em direção ao céu, pois isso seria uma desordem da natureza. De resto, nada os abalava, nem mesmo a morte, pois sabiam a sua função na existência, viviam em harmonia com o universo. Eles adoravam a natureza. Sabiam reconhecer nela, o sagrado. Era onde realizavam os seus ritos, sua

espiritualidade. Eles eram capazes de ver além das sombras.

— Eu nunca havia pensado sobre tudo o que me disse e na razão porque isso acontece. Você fala sobre o universo como um ser inteligente que encaminha a cada um de nós para nossa missão de vida. Como se cada um de nós tivéssemos uma relação direta com ele, com a natureza. Como se tivéssemos um propósito maior do que nós mesmos e ao mesmo tempo, como se fizéssemos parte de tudo, como uma coisa só.

— Exato!

— Mas tenho medo de não conseguir entender as suas mensagens, por que como vou saber qual o meu propósito na vida, se não sei quem sou?

— Eu vou lhe falar agora, sobre a segunda dor: A dor mental. Ela é a falta de identidade — disse-me e em seguida me perguntou:

— Você sabe a diferença entre imaginação e fantasia?

— Para mim são a mesma coisa. Imaginar e fantasiar são criações da minha mente.

Ela fez um movimento com o rosto discordando e continuou:

— Uma delas é um sentido interno e a outra, uma fuga da realidade. A imaginação é uma das comunicações com a alma. Quando você imagina algo, está na verdade, buscando um atributo que está dentro de você. Ela é capaz de buscar em você aquilo que de mais nobre você tem, como também o que há de pior. Não desenvolver a imaginação é passar a vida como um desconhecido de si mesmo, pois é lá que mora a sua verdadeira identidade. Você não poderia imaginar algo que não está dentro de você, não poderia se imaginar honesto se não tivesse esse potencial. Se você se identifica com ela e as vive através da vontade, ela se torna realidade. A fantasia é o oposto. É satisfazer-se apenas com ela. Ela não exige nenhum esforço, pois já é o resultado. Nunca se tornará real. Ela pode se tornar perigosa se for usada como fuga da realidade. A fantasia rouba a vida.

— Nunca tinha pensado sobre isso.

— A imaginação reclama ser o primeiro vínculo da alma. Meio termo entre temporal e eterno. Ela é o sentido dos sentidos e, propriamente falando, o único sentido verdadeiro. Ela é o corpo e veículo da alma. A fonte de onde flui a vida humana. O método mais venerável de se comunicar com Deus.

Quando ela falava, eu sentia como se ela desse vida a muitas consciências, muitos pensadores do passado que se mantinham imortais através de pessoas como ela. Que preservam e compartilham os seus conhecimentos, assim como faziam os antigos druidas, ajudando-nos a encontrar nosso propósito no universo.

— A última dor. A dor espiritual. É a sua alma querendo se libertar. Para cumprir sua missão é necessário deixar que ela se manifeste. Não deixe que a sua personalidade se sobreponha a ela. Ela é a essência, a sua essência. Não deixe que o egoísmo, as paixões mundanas a aprisionem. O universo é cosmos, mas você só poderá vivenciá-lo através dos valores, virtudes e sabedoria. O profano é caos, é perturbação e loucura, é apego. Portanto, cuide de você, de seu templo sagrado, limpe sua casa, "pois as musas não sujam suas vestes." Na medida que liberta sua alma, você entenderá e viverá o seu propósito.

E em seguida disse:

— Religare.

Ela tornou a falar aquela palavra estranha.

— Religare. O homem religioso. Ele não necessita ter uma crença. É aquele capaz de fazer a ponte entre o céu e a terra. Ou seja, é capaz de viver o rito. Sacraliza a sua vida. Ele vive no mundo material como se vivesse a eternidade. Ele é capaz de ver os aspectos sutis da natureza, ele vê as representações de Deus que são expressas através dela.

Ela me olhava através de meus olhos e disse:

— Nunca se esqueça que todo espaço sagrado é uma ponte, um corredor entre a terra e o céu. Ele sempre te faz lembrar quem você é e a quem você serve. Ele não é afetado pelo tempo, nem pelas circunstâncias. Ele é iluminado por algo maior.

— Acho que eu não sou capaz de compreender todas estas coisas — falei, para que ela tomasse ciência de que eu não era quem ela imaginava.

Ela não pareceu decepcionada com o que eu disse e continuou:

— Tudo começa dentro de você. A essência humana está adormecida dentro de todo ser-humano. Quando chega o momento de

despertar, o elemento que nunca foi percebido, passou mil vezes por você, naquele momento é percebido. Tudo já está ali, mas você percebe na medida que expande a sua consciência.

— E por que você me ensinou todas essas coisas? Por que se preocupa comigo?

— O maior sentido da vida é ajudar ao próximo. Não se trata mais de você. Todos somos um.

Ela era tão generosa comigo, mesmo sem nem me conhecer. Sem nem perguntar o meu nome. Sentia-me como uma criança diante de uma grande sábia e tinha medo de decepcioná-la. Ela acreditava em mim mais do que eu mesmo.

— Eu agradeço por se importar comigo. Por acreditar em mim.

— Não precisa me agradecer. Faço isso por mim também. Aquele que ensina é sempre o que mais aprende.

Um barulho surgiu da porta, que começou a abrir vagarosamente. Era uma moça. Ela acenou para a filósofa. Atrás da jovem tinha um grupo de pessoas. A filósofa sorriu para eles e se aproximou de mim:

— Se você quiser, pode participar da aula conosco.

Eu fiquei encantado com aquele lugar, porém já havia abusado demais do tempo dela.

— Agradeço, mas eu tenho que ir.

— Sei que vai levar com você tudo o que aprendeu hoje.

E depois concluiu:

— Sempre que quiser conversar, já sabe onde me encontrar.

— Sei sim! — disse com um sorriso tímido. — Obrigado por tudo que me ensinou.

Eu saí e tão logo as pessoas que aguardavam diante da porta começaram a entrar. Despedi-me uma última vez e fui em direção ao portão. Foi aí que percebi como o tempo havia passado, já era noite. Noite de lua nova.

O retorno

Voltei para o lugar onde tudo começou e quase teve fim. Era novamente manhã de domingo. Desta vez havia algumas pessoas caminhando. Não estava deserto como antes. Aproximei-me da grade. Ela esteve comigo durante todo aquele tempo e acolheu-me quando mais nenhum lugar parecia capaz de me sustentar.

— Olá, minha amiga! Estou aqui de novo. Não se preocupe, estou bem. Vim agradecer. Pensar sobre tudo o que aprendi nesses últimos dias. Você deve possuir muito conhecimento, porque já presenciou várias histórias, muitas conversas, diversos sorrisos e lágrimas. Sua construção é centenária e suas formas foram caprichosamente feitas por um artista. Seus traços parecem caminhos. Três caminhos. Que no final dão origem a três flores e elas tocam suavemente a esfera que fica no centro de tudo. Como se elas servissem de ponte para algo central que une a todas as coisas. Talvez seja o criador.

Parei por um instante e me surpreendi com o que estava fazendo:

— Quem diria... Eu filosofando. O que pensaria a filósofa? E os celtas? Estes certamente saberiam reconhecer seu significado, pois à muito já caminham pelas terras sagradas da espiritualidade.

Parei por um instante:

— Terras sagradas? Caminhos de peregrinos? Como o de Santiago de Compostela? — perguntava a mim mesmo.

Cada vez mais eu me envolvia com as ideias que surgiam.

— Já as pétalas fazem-me recordar de minha família. De minha mãe ainda criança, de meus avós. De quando vieram da Espanha. Das histórias que contavam do lugar onde viveram.

Estranho como minha mente viajava, atravessava o oceano e voltava a tempos de quando eu nem pensava em nascer.

— Povos pagãos, Celtas... Lembro-me dessas histórias — falei empolgado. — Havia ruínas dessas civilizações próximas de onde viveu minha família. E um caminho, como o de Compostela, que terminava em uma costa, onde esses povos tinham um ritual de queima das suas roupas. Eu havia escutado esta história há muito tempo.

Eu fiquei admirado quando percebi que todos aqueles pensamentos levavam-me para o mesmo lugar. E ao olhar novamente para aqueles traços lembrei que eu os havia associado como caminhos.

— Mas o que eles representam?

Foquei novamente o olhar. Estava gostando daquela experiência, mesmo sem ter ideia do que aquilo representava. Eu não tinha vergonha do que vinha à minha mente e nem medo de falar alguma bobagem. Sentia como se meus pensamentos pudessem voar livres, permitindo-me imaginar sem nenhum tipo de barreira.

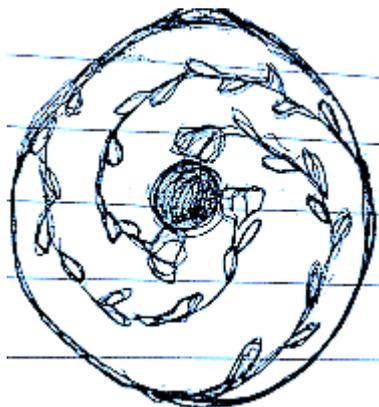
— O primeiro deles seria o caminho de Santiago de Compostela, ele representa a fé. O segundo, o caminho dos povos pagãos, este representa a espiritualidade e o terceiro, o lugar onde viveu minha família, que representa o caminho da ancestralidade.

Eu estava maravilhado com a conexão que havia encontrado. Notei ainda que aqueles três caminhos ficavam próximos, todos na parte noroeste da Espanha. E em seguida continuei:

— E aquela esfera no centro, o que seria? O universo?

— Sim! Poderia ser — respondi como se tivesse solucionado o enigma.

Estava contente com o resultado daquela brincadeira. Sentei-me em um banco próximo e ainda sorrindo, tirei da mochila um caderno e caneta e comecei a desenhar. Eu queria guardar comigo aqueles traços. Olhei para o céu e lembrei da filósofa.



— Talvez ela achasse isso bem engraçado.
Afinal, quanta imaginação!

Eu não conseguia tirar aquelas ideias da cabeça.

— Imaginação? Ela me disse que se podemos
imaginar, então isso já existe dentro de nós.
Falou que a imaginação é o veículo da alma.
Então, será que não foi somente uma
brincadeira? Seria isso uma mensagem do
universo?

Meu coração passou a bater em ritmo
acelerado. Lembrei que dentro de poucos meses
estaria de férias.

— Seria incrível! Gostaria de conversar sobre isso com a filósofa.

Eu, sem perceber, havia me permitido sonhar. Sorria e fazia planos. Mas isso não durou muito tempo, logo aqueles pensamentos, que tanto me assombravam, voltaram.

— Quanta bobagem! Isso não passa de uma fantasia sem sentido. Teria que gastar um dinheiro que seria mais prudente manter guardado.

Minha feição mudou e eu comecei a pensar em tudo o que poderia dar errado.

— Se eu comentar isso com a filósofa, ela vai perceber que eu não entendi nada do que ela tentou me ensinar.

Passei a me sentir cansado, sem ânimo.

— Talvez seja melhor deixar isso para outro ano e assim pensar com calma. Vou para casa. Chega de devaneios por hoje.

O segundo encontro

Era novamente uma terça-feira. Fazia uma semana que estive no casarão conversando com a filósofa. Ela falou-me sobre a resistência. Nunca, até então, havia percebido como ela estava presente em minha vida, em meus pensamentos, fazendo-me recuar a cada nova oportunidade, a desistir de todo sonho que se atrevia a manifestar-se diante de mim. Porém, depois de muito pensar, tomei coragem.

Eu estava outra vez diante do casarão.

— Mesmo que isso custe o preço dela decepcionar-se comigo. Quero compartilhar com ela o que venho pensando desde o último domingo. Aquelas ideias não saem de minha mente. Eu nunca mais senti meu coração bater de alegria, como naquele dia. Espero que ela esteja aqui.

Já era final de tarde. Eu havia ido direto de meu trabalho. Ao bater na porta, o mesmo senhor me recebeu. Desta vez ele não me fez perguntas. Disse-me que poderia entrar.

— Obrigado!

Em seguida, atravessei o jardim e fui até a entrada principal.

— Como vou encontrá-la? É possível que ela esteja em uma destas salas, porém eu não tenho coragem de abrir a porta. Vou aguardar.

Alguns minutos se passaram e eu continuava de pé, na expectativa de que ela aparecesse.

— Olá!

Escutei ao longe uma voz que surgia do alto das escadas. Era ela, a filósofa.

— Olá! — respondi.

— Como tem estado?

— Bem! Na verdade, eu queria lhe falar algo.

— Claro! Então vamos até o jardim. Lá poderemos conversar tranquilos.

O jardim ficava todo iluminado a noite. Até a água do chafariz parecia ter ganho uma nova coloração.

— O que quer me dizer? — perguntou-me assim que nos sentamos.

— Venho pensando em algo.

— Então me diga! — falou-me sorrindo e com certa curiosidade.

Contei-lhe toda a história. Desde a imagem na grade até cada um dos significados que eu atribuí a ela. Tudo, cada detalhe. No início eu falava até com certa empolgação, porém, na medida que o tempo passava e ela não me dizia uma só palavra, eu comecei a ficar sem graça, parecia que eu era capaz de escutar a resistência rindo de mim. Quando a história chegou ao fim eu parei de falar e perguntei o que ela achava de tudo aquilo.

— Para encontrar o seu caminho, é dentro de você que deve mergulhar. Somente lá poderá encontrar a sua essência.

— Acho que isso foi somente uma fantasia, não é mesmo? — falei sem graça. — Eu nem sei se conseguiria...

— O que você quer dizer?

— Eu percebi que não era isso que você esperava de mim — respondi frustrado.

— Você não pode mudar o seu caminho em razão do que outras pessoas possam pensar — disse-me de maneira incisiva.

E em seguida continuou:

— O que você tem que fazer, somente você pode fazer. Ninguém mais pode. Ninguém vai entender. Somente pode ser feito com a sua força.

— Acredita que eu realmente posso fazer isso?

— Se você foi capaz de imaginar, então já está dentro de você tudo o que é necessário para que isso se torne realidade, basta que você se empenhe. E tem mais: — disse ela sorrindo. — Não existe nenhuma experiência na vida que não seja pedagógica.

Ela continuava acreditando em mim, mais do que eu mesmo.

— Só vou lhe dar dois conselhos: Tudo o que é dado na terra é perecível. Não foque nisso. Foque no que não morre. E por fim, se prepare. Faça a sua parte e então perceberá que algo mais surgirá e te honrará.

— Obrigado! Sinto-me mais confiante. Mas confesso que estou morrendo de medo.

— O medo é importante. Ele nos mostra qual o nosso caminho. Porém, ele deve servir para nos impulsionar e não nos bloquear. A sua determinação deve ser verdadeira e o seu compromisso, real. Para vencer a resistência você tem que confiar totalmente em seu sonho. Acredite: Não existe nada mais importante do que a realização de sua alma.

Eu agradei todas aquelas palavras e sem saber como me despedir, sorri timidamente enquanto caminhava devagar em direção a porta por onde havia entrado.

— Ei! — disse ela, fazendo-me parar. — Já que você vai percorrer por terras antigas da Espanha. Tem alguém que eu gostaria que conhecesse.

— Quem? — perguntei surpreso.

— Pegue! — disse-me enquanto me entregava um livro. — É apenas um presente.

O livro chamava-se “As moradas do Castelo Interior” de Santa Teresa de Jesus. Escrito em 1577.

— Eu não sabia que era católica.

— Eu não sou, mas isso não impede que eu me inspire em alguém tão especial. Alguém capaz de despertar em nós, paz de espírito e um sentimento de profundidade.

Fez uma pequena pausa e em seguida, continuou:

— Não se sinta obrigado a lê-lo. É que quando disse que iria para a Espanha lembrei-me dela e de sua obra. Este livro foi escrito há mais de quatro séculos. Ele é um caminho que se percorre em seu interior e na medida que atinge o seu centro encontra também, o criador e então, tudo se torna uma coisa só. Você passa a ser um canal, uma manifestação do divino. Teresa de Ávila é para mim, dentro do cristianismo, alguém a quem tenho uma profunda admiração.

Sentia-me orgulhoso de ter recebido aquele presente, porque percebi o quanto ele representava para ela. Gostaria de retribuir, dar-lhe algo, porém não levei nada comigo e nem sabia o que dar de presente a uma filósofa.

— Obrigado pelo presente! Eu realmente fiquei muito feliz e peço desculpas por não ter lhe trazido nada.

— Não se preocupe com isso — disse-me sorrindo. — Agora vá, que você deve ter muitas coisas para fazer.

Fui em sua direção e lhe dei um abraço. Não era um livro, nem um outro presente qualquer, mas foi a maneira mais sincera que eu encontrei de agradecer por tudo o que ela havia feito por mim.

A preparação

Dentre os diversos caminhos que levam à Compostela, escolhi o Primitivo, porque algo nele me chamou atenção. Começava em Oviedo, nas Astúrias e terminava na catedral de Santiago. De lá eu começaria o segundo caminho, seguindo até a costa de Finisterra, local de destino dos antigos povos pagãos. E por fim, iria até o vilarejo onde minha família havia vivido.

Foram muitos dias de pesquisa, conversando com familiares que viviam no Brasil, em busca do passado. Consegui muitas informações, como a casa onde minha mãe e meus avós nasceram e também, que havia pessoas da família que ainda moravam lá, como a irmã de minha avó.

Eu havia juntado muitas fotos, mapas, textos. Uma em especial, eu separei para levar comigo, era uma foto em que estavam minha avó e meu avô ainda jovens, quase da minha idade. Eu a mantive em minha carteira.

Pesquisei sobre os caminhos e a distância entre eles e fiz a reserva dos albergues. Também

havia estudado bastante sobre os celtas, o clima e o que eu precisaria levar.

Os dias passavam e eu continuava me preparando, contudo, não era fácil manter a motivação. Muitas foram as vezes em que eu pensei em desistir.

— E se estiver chovendo? Talvez entre setembro e outubro não seja o melhor período para ir. Talvez eu esteja me iludindo. Tenho lido relatos de pessoas que estiveram por lá e deram seus depoimentos. Tudo pelo que passaram: Chuva, cansaço, choro... Não sei se é uma boa ideia. Venho, a cada dia, tendo mais dúvidas do que certezas. E se eu enlouquecer de vez enquanto percorro por aqueles caminhos? O Caminho primitivo é solitário, tenho medo de me sentir ainda mais só. Mesmo não sendo o percurso mais longo, são muitos dias subindo e descendo montanhas. Longas distâncias, dificuldades e solidão. Para que isso? Ela me disse que isso não é necessário. Que o importante é percorrer nosso interior. Então, por que eu tenho mantido isso em minha mente? Já perdi tanto tempo em minha vida...

Eu parei por um instante e pensei sobre o que havia dito:

— Curioso eu me preocupar em tempo perdido, sendo que à poucos dias, havia decidido não viver mais nenhum. A verdade é que não sei o que fazer. Preciso parar um pouco. Contudo, se eu parar, é possível que não consiga me preparar e então, será ainda mais difícil. Chega! Estou ficando maluco. Vou deitar. Vou dormir um pouco.

Deitado na cama, virava-me de um lado ao outro. Estava ansioso.

— O que diria a filósofa se me visse assim? Isto não está certo. É necessário começar a colocar em prática o que ela me ensinou. Eu não posso pensar em desistir a cada momento que alguma dificuldade surgir. Eu preciso me levantar, respirar e seguir. Acreditar em mim. Do contrário, nada disso terá valido à pena. Eu preciso me acalmar para que eu consiga perceber o que o universo quer me dizer. Desde que eu tive a ideia de percorrer tais caminhos eu ganhei uma nova motivação. Não importa se faz sentido para

as outras pessoas. O que tenho que fazer é me permitir conectar com tudo isso.

Após me acalmar eu notei que minhas ideias surgiam com mais clareza.

— Às vezes, quando eu paro de pensar e apenas observo com atenção buscando por uma resposta, um sentimento que me acalme, eu tenho a impressão de que algo acontece, como sussurros em meio ao barulho. Não consigo escutar, apenas sinto. Eu não sei explicar... Preciso confiar, acreditar! Mesmo estando inseguro eu vou continuar sem me deixar distrair com pensamentos ruins. Eu tenho certeza de que cedo ou tarde esses pensamentos irão invadir minha mente novamente. Por isso eu preciso ser firme e não duvidar do que está acontecendo, ainda que eu não saiba ao certo o que é. A verdade é que eu complico demais as coisas. Queria ter a simplicidade da criança, que imagina tudo de forma tão simples. Isso faz o mundo se tornar mais fácil.

A persistência

— Falta pouco mais de um mês para a viagem. Tenho percebido pensamentos fortes, mas não desconhecidos. Vontade de adormecer e me anestésiar. Mergulhar em alguma sensação que me entorpeça. Sinto muito sono, como uma embriaguez. Tudo isso me consome o tempo e por isso, pouco consigo fazer. O que não está relacionado a viagem agora me agrada, estranhamente me agrada, como se quisesse dizer que não há mais sentido na busca. Que posso fazer coisas sem culpa, que o medo não voltará. Que minha vida é muito boa e mudá-la seria um erro. Até os momentos de tristeza causam-me nostalgia. Que o melhor seria deixar tudo isso para depois e aproveitar a vida como nunca antes. Que insistir neste assunto tornaria a me trazer medos e incertezas que milagrosamente não convivem mais comigo.

Eu parei por um instante.

— Que estranho! Como tudo mudou repentinamente? Meus sentimentos? Meus medos? Minhas frustrações? Por que era tão

difícil deixar de senti-los antes? O que mudou a minha realidade? Isso não faz sentido! Parte de meus pensamentos querem me convencer, porém a outra me questiona, diz que isso não passa de uma desculpa, do medo de tentar. É a falsa segurança dos meus dias. Dias esses, que aparecem em minha lembrança como se fossem parte de mim e que eu os poderia perder caso insista na ideia desta viagem. Minha cabeça está em um interminável conflito. Pensamentos surgem como vozes, dentro do universo da minha mente. Existe também um sentimento, não sei ao certo o que é, ele não se manifesta como os demais pensamentos. Parece que mora no fundo de minha alma, em um lugar que não entendo bem. Quando os pensamentos que me paralisam surgem e eu penso em desistir, sou capaz de senti-lo. É uma chama fraquinha, um pulsar leve em meu coração, como um sopro de esperança, de vontade e de vida que se mantêm mesmo diante de tantos pensamentos e emoções ruins. Eu preciso manter vivo em mim o que me faz buscar esses caminhos.

Lembrei-me do que a filósofa me disse: “Não existe nada mais importante do que a realização de sua alma.”

— Preciso escrever isso em algum pedaço de papel e carregá-lo comigo para que em todas as vezes que o medo tentar me paralisar eu possa dizer-lhe o que vibra em meu coração.

A Partida

Estava sentado ao lado da janela, do lado esquerdo do avião. À minha direita havia ainda mais duas cadeiras. Uma mulher e sua filha ocupam estes assentos.

Eu observava o céu e me perguntava:

— Quantas pessoas já percorreram por esses caminhos, quantas também procuram, através de inúmeros livros, de grandes pensadores, as respostas para suas questões, por algo que as transformem. Será que sou digno dessa jornada? Saberei entender o significado do que me leva a estes caminhos?

Eu estava cheio de incertezas.

— Teresa de Ávila disse, através de seu livro, que muitos de nós caminhamos perdidos, em torno de nosso castelo interior (que habita dentro de nós e ao seguirmos por suas moradas encontraremos nosso sentido e também a Deus) e que mesmo quando, finalmente entramos nele, estamos ainda tão envolvidos de parasitas, como pensamentos, sentimentos conturbados

comportamentos viciosos, que eles nos ofuscam a beleza que existe no lugar. Talvez ela esteja querendo me dizer que é melhor eu não perder muito tempo nestas primeiras “salas”, ou seja, nestes momentos de incertezas e sim, manter o foco no que me trouxe até aqui. Este ainda é um lugar muito perigoso porque não tenho clareza em meus pensamentos. Trata-se mais de determinação e fé que buscam se sobressair aos meus medos e a apatia, do que a consciência do que a jornada representa de fato. É como seguir com os olhos fechados, guiando-me mais pelo sentir do que pelo ver.

Cheguei às cinco da manhã, do dia catorze de setembro de 2023, no aeroporto de Madrid. Era preciso pegar um trem até a cidade de Oviedo, mas para isso deveria pegar o metrô até a estação de Chamartin. Não sabia ao certo como fazer então, perguntei a um funcionário que estava ali próximo

— Poderia me dizer como faço para chegar à estação de Chamartin?

— Vá até o terminal e compre o bilhete! — respondeu-me de forma seca apontando com a mão em uma direção na qual não havia nada. Carregava no rosto uma feição amargurada e

raivosa. Parecia agitado. Outras pessoas também estavam como ele. Talvez isso fosse mesmo uma característica das grandes cidades. Parei por um segundo e observei o que as pessoas estavam fazendo. Caminhei um pouco e encontrei outra funcionária. Esta tinha o olhar mais leve, decidi arriscar.

— Bom dia! Poderia me dizer como chegar à estação de Chamartin?

Ela foi muito gentil. Explicou-me como eu deveria fazer. Eu lhe agradei e segui.

Algumas horas se passaram e eu finalmente cheguei em Oviedo. Deixei minhas coisas no albergue e apesar de cansado, fui conhecer a cidade. Eu andava sem rumo até que me deparei com a estátua de uma moça, toda de preto, com chapéu de época e possivelmente um colar de pérolas. E mais adiante, uma grande e bonita catedral. Decidi me aproximar. Era a catedral de San Salvador. À sua esquerda havia outra estátua, mas naquele momento me passou quase despercebida. Algo naquela catedral me chamava a atenção, talvez fosse sua construção, os detalhes eram impressionantes.

Enquanto eu a admirava, um homem se aproximou e sorrindo me disse:

— Quem vai a Compostela e não a San Salvador, conhece ao criado e não ao senhor.

Eu não entendi o que ele quis dizer, porém antes que pudesse perguntar, ele acenou com a mão em direção à entrada da Catedral.

— Vá! — disse ele. — Vá até lá! Peça sua benção, para o que vai começar.

Eu achei aquilo tudo muito estranho. Quem seria aquela pessoa, afinal? Mas ao invés de lhe perguntar, fui em direção a porta de entrada. Chegando lá, vi que a pessoa à minha frente estava comprando uma credencial de peregrino e uma vieira. São itens típicos de quem realiza aquele caminho. O primeiro servia para registrar os lugares onde esteve e o segundo, para que todos soubessem que se tratava de um peregrino.

Foi então que eu me dei conta de que ainda não os tinha e começaria meu caminho já no dia seguinte. Por isso aproveitei e os comprei, assim como, a entrada para visitar a catedral.

Entrei. Eu caminhava devagar. Algumas pessoas estavam sentadas rezando. Eu segui pelo corredor e subi as escadas. Havia vestimentas antigas, quadros e imagens. Algumas eram tristes e me faziam sentir mal, talvez mostravam-me algum sentimento que tinha guardado em mim. Não sabia dizer. Continuei andando até que me deparei com uma imagem de Santa Teresa. Senti por um momento que poderia conversar com ela. Em alguns lugares não havia mais ninguém, então eu escutava o silêncio e apenas observava tudo ao meu redor. No caminho de volta lembrei do que o homem havia dito sobre pedir a benção para o que eu iria começar. Então, sentei-me no banco, de frente ao altar da catedral, buscava mentalmente pelas palavras certas, mas não estava acostumado a orações prontas, por isso, apenas falei o que estava sentindo:

— Peço sua benção, senhor! Para que eu consiga fazer os três caminhos. Proteja-me de meus medos e incertezas. E dai-me a sabedoria para compreender a linguagem do universo e minha função nele.

Não sabia se havia sido ouvido.

— Talvez ele esteja muito ocupado com coisas mais importantes, contudo, gostei do que disse, foi como um bate-papo e agora eu me sinto mais leve.

Levantei e segui em direção a porta, a mesma que entrei. Estava contente, porque além da bênção que pedi, tinha também a vieira e a credencial de peregrino.

— Talvez aquele homem estivesse certo, afinal.

Assim que deixei a catedral, procurei por ele. Entretanto, não estava mais lá.

— Estou com muita fome. Minha barriga está roncando.

Percebi que já eram três horas da tarde e tudo que comi foram alguns lanches.

— Desse jeito como vou aguentar andar por tanto tempo? Vou ao mercado! Hora de preparar algo para comer. Posso utilizar a cozinha do albergue para fazer uma boa refeição e comprar lanches para comer no caminho.

Fiz uma bela refeição: Com macarrão, ovos e uma tortilha, esta já estava pronta, bastou esquentar. Sentia-me mais fortalecido.

— É mais fácil pensar no que se tem de fazer quando se está de barriga cheia.

Já eram nove horas da noite. Tomei um banho e terminei de arrumar minhas coisas para o dia seguinte. No meu quarto havia sete camas, além da que eu estava. Algumas delas ocupadas. Deitado, relaxei o corpo, mas a mente continuava agitada. Questionava-me muitas vezes sobre o que eu estava prestes a começar.

— Serei capaz de andar tantos quilômetros? Conseguirei entender os sinais do universo? Encontrarei o meu caminho?

Eram muitas perguntas, mas não demorou até que elas se misturassem. Eu já não conseguia me concentrar nelas. Meu corpo parecia querer desligar. Passei a sentir muito sono. Escutava algum barulho, alguém acendeu a luz, outros diziam algo em voz baixa, porém nada conseguia me tirar daquele estado de sonolência que se apoderava de mim. Então me entreguei

ao sono. Sabia que precisava descansar e meu corpo estava reivindicando isso.

Caminho Primitivo

Acordei pouco antes das sete da manhã. Na cozinha do albergue preparei uns ovos mexidos e os comi com pão que comprei no mercado. Lá havia café.

— Uma bebida quente pela manhã sempre ajuda a despertar.

Enchi de água duas garrafinhas e as deixei junto de minhas coisas. Amarrei o barbante prendendo a vieira à mochila. A partir daquele momento, todos que me vissem saberiam que eu percorria o caminho de Compostela. Antes de sair, carimbei a minha credencial de peregrino. Havia ainda muitos espaços a serem preenchidos. Aos poucos eles seriam.

— Acho que chegou o momento. Estou um pouco nervoso.

Coloquei a mochila nas costas e segui em direção novamente a catedral de San Salvador, porque era de lá que tinha início o caminho Primitivo.

Diante da Catedral, eu a observava por mais alguns instantes. Aproximo-me da estátua que estava à sua esquerda, aquela mesma que no dia anterior não havia prestado atenção. Tratava-se da imagem de Afonso II, rei de Astúrias. Contava-se que foi em seu reinado que foi descoberto o Túmulo do apóstolo São Tiago, através de um eremita de Compostela em 814. E que o rei Afonso II teria sido o primeiro peregrino a percorrer o caminho até lá. Por isso aquele caminho chamava-se: Caminho primitivo.

— Hoje começo o caminho que você já fez há muito tempo — falei sorrindo à imagem de Afonso II. — Eu espero chegar lá!

Enquanto me afastava da imagem, vi uma garota com mochila nas costas. Ela observava um jardim mais a frente.

— Oi! — disse a ela.

— Oi! — respondeu-me sem entender.

— Quer que eu tire uma foto sua?

Ela disse que não precisava, deu um sorriso. Então eu acenei e segui.

Há poucos passos dali havia uma vieira no chão. Elas é que marcavam a direção do caminho. E segundo sua posição, eu devia seguir em frente.

— Será que vou encontrar as demais vieiras? Só falta eu me perder logo no início.

Continuei caminhando e elas surgiam pouco a pouco. Por uma ou duas vezes passei direto sem vê-las, porém logo as encontrei. Em certo momento, enquanto caminhava, encontrei duas portuguesas, seguimos juntos por um tempo. Começou a chover, apesar de estar calor. Eu não sabia se colocava a capa de chuva. Uma delas colocou e a outra não. Preferi apenas colocar a capa da mochila e o capuz do casaco na cabeça. Logo a chuva passou e chegamos a uma pequena capelinha. Eu vi algumas pessoas carimbando a credencial, então peguei a minha. Foi então que eu percebi:

— Não acredito! A chuva molhou parte da minha credencial.

Ela estava em meu bolso. Não tinha muito o que fazer, então carimbei e guardei a credencial dentro da mochila.

— Tomara que a credencial aguento firme e não desmanche.

As portuguesas continuaram na capela, mas eu preferi seguir. O tempo estava bonito novamente. Caminhando encontrava outros peregrinos, de tempos em tempos. Entre eles um casal. Não sei a idade deles, talvez cinquenta e poucos anos.

— Está fazendo o caminho sozinho? —
perguntou ele.

— Sim, estou!

— E de onde você é?

— Brasil e vocês?

— Somos daqui mesmo, da Espanha. Sua primeira vez aqui?

— Sim! É a minha primeira vez.

— Então esperamos que você goste!

— Obrigado!

Eles acenaram e eu segui, estava caminhando um pouco mais depressa que eles. Não sabia quantos quilômetros se passaram, talvez uns seis ou sete. Eu iria até Grado, então devia faltar ainda quase vinte quilômetros. Havia muita subida e descida.

— Nossa! Parece que eu não chego nunca!

Amarrei o casaco na cintura, mas de tempos em tempos ele caía. Sentia a mochila cada vez mais pesada e me doíam os ombros. Estava cansado. Às vezes tropeçava em pequenas pedras. Não entendia por que meu andar era confuso e desordenado. Não sabia explicar, era como se eu não soubesse andar.

— Mas, como isso é possível? Quanto será que ainda falta para chegar?

Passei por um caminho onde havia algumas vacas pastando e outras deitadas. Meu andar era barulhento e minha respiração ofegante. Eu acabei por chamar a atenção delas, que por um breve momento, passaram a me acompanhar com os olhos. Parecia que elas estavam me julgando.

— Olá, queridas vacas! Como estão? Por que me olham assim?

Após uma risada, percebi o que estava fazendo:

— Estou conversando com vacas? É, acho que essa caminhada já está me deixando com as ideias confusas.

Segui por mais um tempo e cheguei a uma capela, chamada Capela de Fátima. A porta estava aberta. Eu tirei a mochila das costas e a coloquei no chão, encostada na parede.

— Ai! Minhas costas doem.

Estiquei os braços, alonguei-me e girei o pescoço devagar. Entrei e parei diante do altar. Lá havia duas fileiras com três bancos compridos de cada lado, a imagem da santa acima e uma vela acesa. Sentei-me um pouco e vi no celular quanto já andei e quanto precisaria andar.

— Ainda falta! Quanto mais rápido eu tento ir, menos distância eu percorro.

Saí da capela e algo me chamou a atenção. Eu vi, sentado em um banco, à direita, de costas para mim, um homem. Parecia ser o mesmo que falou comigo, no dia anterior, diante da catedral

de San Salvador. Curioso, peguei a mochila e me aproximei.

— Boa tarde!

— Boa tarde! — respondeu-me.

Era ele!

— Lembra-se de mim? Nós nos falamos ontem.

Ele me olhou e fez um gesto positivo com a cabeça.

— Como está o caminho? — perguntou-me.

— Está bem! — respondi tentando passar uma certeza que não tinha.

— Estou vendo.

— O que quer dizer? — perguntei confuso.

— Você parece cansado.

Pensei que seria melhor lhe contar a verdade.

— É que eu não chego nunca. Parece que estou andando há dias.

— Você se sente assim porque está fazendo errado.

— Como assim? — falei com certa indignação —
Eu sei andar!

— O seu problema é que a única coisa em que
você pensa é no que menos importância tem.
Você só quer chegar.

— E o que tem de errado nisso? Eu tenho que
chegar. Esse é o objetivo.

— Não, não é! — disse impaciente. — Esse é o
grande problema das pessoas. Elas estão
sempre tão ocupadas correndo atrás de algo que
não prestam atenção no caminho.

Esse é o seu compromisso aqui. É com o
caminho.

— Mas chegar faz parte do caminho.

— O destino é uma consequência. Se você tiver
que chegar, chegará. Mas o que faz toda a
diferença é como foi o seu caminho até lá.

Eu comecei a entender o que ele me dizia.

— Você age sem se dar conta. Quase todos
também vivem assim. Como alguém que acorda
e vai para o trabalho já imaginando o momento
de ir embora. Aguarda ansiosamente pelo final
de semana e quando chega, sente que quase
imediatamente se foi. Imagina o quão torturante

e longa se torna esta jornada e quão pequena sua recompensa?

Ele parou por um momento, olhou-me e disse:

— Enquanto você buscar o destino ao invés de apreciar o que o caminho tem a lhe oferecer, terá que se acostumar a resmungar de um caminho que parece não ter fim.

Ele tinha razão. Eu estava lá pelo caminho. Não fazia sentido ter tanta pressa de chegar.

—E você, também está fazendo o caminho?

— Todos estamos — respondeu-me sorrindo.

Após uma pequena pausa:

— Bom, acho que já vou seguindo. Quem sabe, ainda nos veremos pelo caminho.

— Quem sabe — disse-me antes de virar-se novamente para a posição de antes.

Coloquei a mochila nas costas e amarrei o casaco na cintura. Desci o pequeno caminho que levava à entrada da capela e segui. Já não andava acelerado e buscava não pensar mais no tempo que ainda me faltava. Contudo, ainda

sentia-me estranho enquanto caminhava, como se por vezes eu me desequilibrasse. Porém, ainda assim, continuei andando.

— Veja só! Um pé de figos!

Peguei apenas um. Não encontrei muitos que já estivessem bons para comer.

— Eu vou tentar encontrar mais frutas.

Encantava-me quando, pelo caminho, os galhos das árvores, de cada um dos lados, se encontravam, formando um túnel e o sol surgia entre os espaços deixados por eles. Era muito bonito, mas não demorou até que algo acontecesse.

— Caramba! Outra vez tropecei.

Não cheguei a cair, mas meu casaco soltou-se de minha cintura.

Eu andava muito desajeitado e toda vez que eu me distraía em relação a meus pensamentos, sentia coisas ruins como desânimo e tristeza.

Isso fazia com que eu voltasse a me questionar sobre o que estava fazendo lá.

— Vou parar um pouco!

Tirei a mochila e coloquei o casaco sobre ela. Sentei-me em uma pedra e respirei de maneira mais profunda.

— Estou me esforçando. Fazendo o melhor que consigo. O que falta fazer?

Lembrei-me das palavras da filósofa: “Se prepare. Faça a sua parte e então, perceberá que algo mais surgirá e te honrará”. Respirei novamente e levantei. Ajeitei-me e caminhei.

— Vou andar devagar, sem nenhuma pressa. Aproveitar o silêncio e tentar escutar, perceber, entender. Não vou me maltratar com pensamentos ruins.

Passei a me concentrar no caminho e a esquecer de todo o resto. Com o tempo sentia como se aquele lugar quisesse me dizer ou mostrar algo. Agucei meus sentidos e enquanto andava, escutava o som que fazia toda vez que

pisava nas folhas secas. Observava as pedras, todas cobertas de musgo, havia algumas folhas amareladas que se destacavam das demais e galhos caídos sobre o chão. Naquele instante eu percebi, dei-me conta do que a natureza queria me dizer.

— Sei que ele está por aqui, eu só preciso me concentrar.

Eu observava com cuidado, procurando pelo chão, em meio às folhas.

— Ali! Depois daquelas pedras.

Eu peguei um galho que encontrei caído. Ele era um pouco maior do que eu.

— É ele! Sei que é!

Tirei uma pequena parte e depois outra mais. Após, deixei ele junto a mim.

— Está perfeito!

Carregava comigo duas pequenas fitas. Uma vermelha e a outra azul. Eu as amarrei nele.

— A partir de agora você é o meu cajado — falei contente. — Meu cajado mágico.

Sentia uma conexão mais forte com toda aquela natureza à minha volta e com o caminho. Algo se transformou. Eu pude sentir, e agradei ao universo por isso.

Algum tempo depois, seguindo o caminho em direção a Grado, eu observei uma placa sinalizando que havia uma igreja a algumas centenas de metros, por um desvio da rota.

— Igreja, estou chegando!

Não tinha mais pressa em chegar. Afinal, estava lá pelo caminho. Tratava-se da igreja de Santa Eulália. Fiquei um tempo diante dela, a porta estava fechada. Fui um pouco mais adiante, havia uma terma romana, mas não tinha água e estava cercada por uma grade. Tirei algumas fotos e comecei a retornar pelo mesmo caminho. Vi duas pessoas vindo em sentido contrário. Uma garota de aproximadamente trinta anos e um homem mais velho. Ela me perguntou:

— É por aqui que fica a igreja?

— Sim, é por aqui. Logo mais adiante.

Despedi-me deles e continuei.

Um tempo depois percebi que não era necessário retornar para depois seguir. Notei isso quando os vi chegando assim que os caminhos se juntaram.

— Olá! — disse a eles sorrindo.

Seguimos juntos, os três, por mais alguns minutos até que o homem se despediu e partiu para outro lado. Ficamos somente os dois. Ela tinha aproximadamente a minha altura, pele clara e o rosto estava vermelho do sol.

— Qual o seu nome?

— Kath.

— Sou Leandro. Sou brasileiro e você?

— Sou escocesa.

E em seguida, ao perceber que eu era brasileiro, ela comentou:

— Tem uma música brasileira que eu gosto muito.

— E qual é?

— Não me lembro do nome e tenho vergonha de cantar — disse sorrindo.

— Tente! Além de mim não há mais ninguém. E dificilmente você cantará pior do que eu.

— Vou tentar! — falou enquanto tomava fôlego e coragem. — Caminhando e cantando e seguindo a canção...

Em seguida parou.

— “Somos todos iguais, braços dados ou não.”

— continuei.

— Isso! — disse um pouco envergonhada.

— Falei que canto mal! Eu também gosto muito desta música.

— Eu sinto muita energia nela. Imagino como se todos estivessem juntos e se ajudando.

— É uma linda maneira de imaginá-la. Então você gosta de música?

— Sim, eu gosto. Sei tocar alguns instrumentos. Onde vivo isso é muito comum. Lá, se um grupo de pessoas estiver tocando e você quiser se juntar, não há problema. Todos gostamos muito de música.

Em seguida ela falou:

— Já nos vimos mais cedo.

- Sim, eu sei, agora pouco na igreja.
- Não! Foi antes.
- Antes?
- Logo no início do dia.

Eu pensei um pouco e me recordei.

- Ah, sim! É verdade! Ao lado da Catedral de San Salvador! Eu perguntei se você queria que eu lhe tirasse uma foto.
- Isso! — falou sorrindo.

Após uma breve pausa, eu lhe perguntei:

- Está gostando do caminho?
- Sim, estou! Tem muita natureza!
- Verdade! Também me encanta.
- Eu sou jornalista e faço muitos artigos sobre a natureza e as pessoas. As paisagens daqui são parecidas com as da Escócia. Tem época de muita chuva, os musgos nas pedras...
- Parece até pintura! — completei.
- Sim!

Continuamos caminhando e conversando. Eram duas horas da tarde e eu estava com muita fome.

— Você já comeu? — perguntei.

— Já! Comi mais cedo, pouco antes de nos encontrarmos.

Isso não era bom porque se eu parasse para comer talvez ela quisesse seguir caminhando. Eu não queria perder a companhia dela. Decidi aguentar um pouco mais.

— Quero tentar chegar logo para encontrar algum hostel — falou-me — Não fiz reserva. Para ser sincera, eu não gosto de fazer reserva porque assim posso decidir na hora onde ficar.

Estávamos ainda a uns quatro ou cinco quilômetros de Grado e eu sentia-me fraco de fome, contudo, o que ela disse me fez ter uma ideia.

— Se quiser, podemos parar um instante e você procura um hostel pela internet, assim poderemos caminhar tranquilos esses últimos quilômetros até lá. E enquanto você procura, eu como um lanche que tenho na mochila. O que acha?

— Pode ser!

A ideia tinha dado certo. À nossa direita havia uma muretinha que nos separava da linha do trem.

— Vamos sentar aqui. Assim descansamos um pouco enquanto você procura por um hostel.

— Combinado!

Foi o tempo de comer o lanche e ela me disse:

— Encontrei. Fica logo no começo da cidade.

Eles alugam quartos.

— Perfeito! Então, vamos andando...

Ajeitamo-nos e fomos pela linha do trem por um tempo até depois, pularmos novamente a muretinha e continuar pela calçada. Ela havia encontrado um quarto para duas pessoas por doze euros cada. Cancelei a reserva que eu tinha feito e ficamos lá. Eu não queria demonstrar, mas estava exausto, minhas costas e ombros doíam.

— Preciso de um bom banho — disse a ela.

Ela sorriu e comentou:

— Então somos dois. Vai você primeiro, eu vou em seguida.

Tomei um bom banho de água morna. Quando voltei, ela foi. Tirei algumas coisas da mochila, entre elas, a minha credencial que continuava molhada.

— Vou esticá-la sobre a cama. Torço para que ela seque e não desmanche.

Eram por volta das sete horas da noite. Saímos em busca de um lugar para jantar. Um que tivesse comida boa e não fosse caro.

Andávamos pelas ruas de Grado enquanto pesquisamos na internet por um lugar para comer.

— Tem um restaurante em um hostel a algumas quadras daqui, podemos ir, se você quiser!

— Vamos!

Quando chegamos lá notamos uma grande árvore de tangerinas.

— Gostaria de pegar algumas.

— Eu também — disse ela.

Seguimos pelo jardim e fomos até a recepção.

— Boa noite! Aqui serve refeição?

— Não, mas há um restaurante com comida boa e bom preço, ao lado da praça que fica aqui próxima.

— Obrigado!

Já estávamos de saída quando lembrei-me das tangerinas. Voltei e perguntei enquanto apontava para a árvore:

— Posso pegar algumas?

— Pode, porém são um pouco azedas.

— Obrigado!

Seguimos em direção à árvore e pegamos duas tangerinas cada um. Kath foi a primeira a terminar de descascar e provar.

— Está horrível! — disse dando risada e fazendo careta.

Eu provei e também não consegui comer. Jogamos tudo na primeira lixeira que encontramos.

— Chegamos!

— Este lugar parece bom — disse ela.

— Então vamos entrar.

Pedimos a comida! Realmente era um lugar bom e a comida saborosa. Enquanto comíamos eu lhe perguntei:

— Por que você está fazendo o caminho?

— Não sei dizer ao certo. Acho que pela experiência.

Fez uma pausa e continuou:

— Um amigo fez o caminho de Santiago. Ele me disse que isso mudou sua maneira de ver a vida.

E após pensar um pouco, prosseguiu:

— Mas acho que eu não tenho uma razão específica que me trouxe aqui, talvez eu a descubra enquanto caminho. E você? Por que está fazendo o caminho de Santiago?

Eu a conhecia a apenas algumas horas, mas sentia que poderia compartilhar o que estava fazendo.

— Eu vou fazer três caminhos. O primeiro deles, até Compostela. O segundo, até Finisterra e o terceiro...

Fiz uma pausa porque enquanto falava, senti algo que não sabia explicar, como se eu tivesse descoberto um sentimento dentro de mim que eu não tinha percebido de maneira tão profunda até então. Eu tirei de minha carteira a pequena foto que carregava de meus avós, mostrei a ela e continuei:

— Vou trilhar os caminhos de minha família.

Onde meus avós viveram, minha mãe nasceu...

— Que lindo! Essa é uma viagem muito especial para você — falou-me com os olhos brilhando.

— Sim! É muito especial.

— Você ainda tem família lá?

— Tenho, mas ainda não os conheço — falei com um pouco de receio.

— Mas logo vai! — disse-me sorrindo.

— Sim!

— Eu gostaria de conhecer Finisterra, mas não tenho muito tempo. Estou de férias. Terei de caminhar muitos quilômetros em alguns dias.

— Tenta convencer seu chefe. Diz a ele que você está fazendo um documentário sobre o caminho de Compostela.

Ela sorriu e fazendo um gesto negativo com a cabeça disse:

— Meu chefe não deixaria.

Voltamos para o quarto. Ela estava pesquisando como conseguiria terminar o caminho em tão pouco tempo e quem sabe ainda, conhecer o farol de Finisterra.

— E quanto aos albergues, seguirá sem fazer reserva?

— Eu estou buscando um para amanhã apenas.

— Vou lhe enviar a relação das reservas que fiz. Talvez lhe ajude.

— Obrigada!

Ela continuou fazendo anotações e eu passei a arrumar minhas coisas para amanhã. Notei que minha credencial secou. Estava um pouco amassada, porém inteira. Depois disso decidi levá-la embrulhada em um plástico.

— Preciso dormir. Estou exausta. Amanhã pesquiso mais — comentou sorrindo.

— Sim! Amanhã partiremos cedo?

— Pode ser!

— Então, vamos somente esperar o sol nascer para não andar no escuro.

— Combinado!

Estávamos os dois cansados. Eu apaguei a luz e deitei. Nem parecia que tínhamos andado por somente um dia. Tudo era intenso e mágico.

Acordamos, arrumamo-nos e fomos ao mercado comprar algo para comermos durante o dia. Ela comprou algumas frutas. Eu não sabia bem o que comprar, como tinha ainda um lanche na mochila, acabei não comprando nada. Saímos do pequeno mercado e já estávamos atravessando a rua quando escutei alguém nos chamando. Quando olhei para trás, vi um homem, o dono do estabelecimento, com meu cajado na mão. Voltei correndo.

— Muito obrigado!

— Você não pode fazer seu caminho, sem seu cajado — falou sorrindo.

Agradei mais uma vez.

— Como pude esquecer meu cajado? Que bom que ele me avisou! Vou prestar mais atenção.

O dia estava lindo e o destino era Salas. Aproximadamente vinte e dois quilômetros. Pelo caminho muitas frutas como, maçãs, figos, framboesa...

Caminhamos de forma lenta apreciando a natureza ao nosso redor.

— O dia está lindo! — falei.

— Sim! Está muito bonito! Até um pouco quente para mim.

— Para mim está perfeito! — sorri e continuei:

— Não gosto quando chove porque fico todo molhado e faz frio.

— Eu não me importo com a chuva. Estou acostumada. Na Escócia chove muito! Eu gosto quando faz uma chuva amena porque refresca.

Após algumas horas andando, paramos para comer.

— Você já se programou para dividir os dias que tem até chegar em Compostela?

— Mais ou menos. Vou caminhando e sentindo se ainda quero andar mais ou não. Vi alguns relatos na internet que as pessoas percorrem distâncias maiores da metade em diante.

— E a reserva para hoje, você chegou a fazer?

— Sim, eu fiz! Encontrei vaga em um albergue que fica a uns três quilômetros antes do seu.

— Vai andar um pouco menos hoje — comentei.

— Sim, vou, mas são apenas três quilômetros. Enquanto comíamos, alguns insetos voavam à nossa volta. Eu vi que ela estava com um pouco de medo.

— Se afasta, abelha! — dizia enquanto tentava afugentá-las com as mãos. E depois continuei:

— Não se preocupe, são apenas abelhas.

— Não! Não são! — disse ela preocupada. — São vespas.

— Ops! É sério? Porque parecem abelhas.

— São vespas sim! Elas são agressivas.

Olhei para elas, já não tão seguro de mim e sem tentar afastá-las com as mãos como antes e disse:

— Por gentileza! Poderiam se afastar? Mas se não quiserem fiquem à vontade, só não nos ataquem.

Terminamos logo de comer e seguimos caminhando.

Passado algum tempo ela disse:

— É aqui.

Chegamos no ponto em que ela desviaria da rota em direção ao seu albergue.

— Então é isso — disse ela.

— Gostei muito de te conhecer — falei — Não sei se nos veremos mais.

— Quem sabe a gente ainda se veja.

Abraçamo-nos e ela se foi.

— Gostaria de vê-la novamente. Estou outra vez sozinho. Acho que vou caminhar um pouco mais depressa durante estes últimos quilômetros.

Cheguei à cidade de Salas. Havia uma grande e antiga igreja. E ali próximo ficava o albergue onde eu passaria a noite.

— Boa tarde! — disse, ao entrar no albergue. — Eu tenho uma reserva para hoje.

— Qual seu nome? — perguntou a mulher responsável pelo lugar.

— Leandro.

Ela procurou um pouco e disse:

— Sim, aqui está. Venha comigo!

Eu a acompanhei.

— Esta é sua cama. Nos fundos há uma cozinha. Pode utilizá-la à vontade, e à direita, os banheiros.

— Obrigado!

Tirei a mochila das costas e sentei na cama. Assim que meu corpo esfriou senti meus ombros doendo. Mal conseguia virar o pescoço. Um senhor que estava na cama ao lado percebeu e me disse:

— Está com dor nos ombros?

— Sim! Acho que minha mochila está muito pesada.

— Se quiser, pode pedir para que os correios levem até o próximo albergue, assim não terá que carregar peso enquanto anda. Eu estou fazendo desta forma.

— Não sei. Vou tomar um comprimido para dor e ver como ficarei.

— Uma vez — disse o homem. — Me disseram que sempre quando for viajar, para saber de fato o que precisar levar, coloque sobre um dos lados da cama tudo o que pretende carregar com você e do outro, todo o dinheiro que levará. Feito isso. Tire metade das coisas e coloque o dobro do dinheiro.

Eu dei risada e comentei:

— Posso até tirar metade das coisas, porém não será fácil colocar o dobro do dinheiro.

Ele sorriu e fez um gesto levantando os ombros e mãos, demonstrando também não saber.

— É sua primeira vez fazendo o caminho de compostela? — perguntei.

— Não! Já fiz muitas vezes. Desde que era jovem. Antes era mais difícil, só a mochila pesava dez quilos — comentou sorrindo.

E depois continuou, com um pouco de tristeza no olhar:

— Mas hoje não consigo mais. Tenho setenta anos. Posso ainda caminhar muito bem. Mas levo comigo somente uma pequena mochila com lanche e água, todo o resto mando pelos correios.

— O caminho tem que ser curtido e não sofrido

— Falei.

Ele sorriu e concordou. Mas eu notei o quanto ele gostaria de estar levando a mochila com ele. Percebi que isso era importante.

— Pegue! — disse-me enquanto entregava-me um cartão — Esse é o telefone dos correios, caso você queira.

Eu peguei e lhe disse:

— Obrigado! Vou pensar, mas agora o que preciso de verdade é jantar. Estou faminto! Vou procurar um lugar aqui por perto.

— Vai lá! Até mais!

— Até mais!

Encontrei um lugar para comer próximo de lá e em seguida, fui ao mercado e comprei pão e queijo para fazer lanches para o dia seguinte. Na volta resolvi sentar em um banco ao lado da igreja. Ela era muito grande, uma construção medieval. Passava um pouco das oito horas da noite, mas ainda era dia. Distraia-me com os pássaros que sobrevoavam a igreja e as árvores próximas, quando percebi alguém sentando ao meu lado.

— E aí, meu rapaz! Gostou do caminho de hoje?

Era aquele estranho peregrino com quem já havia encontrado duas vezes.

— Oi! Eu gostei muito do caminho! — respondi admirado com sua presença — E você? Está gostando?

Ele olhou-me e ao invés de me responder, fez-me uma pergunta:

— Quantos anos você tem?

Eu não entendi, porém eu quase nunca o entendia mesmo.

— Tenho trinta e oito.

— A primeira vez que eu percorri o caminho de Santiago eu tinha a sua idade. Eu fiz o caminho francês. Isso faz trinta e oito anos.

Novamente eu não havia entendido, porque se ele tinha a minha idade e se passaram trinta e oito anos, ele teria setenta e seis anos, entretanto, aparenta ter aproximadamente uns cinquenta. Não fazia sentido, contudo achei melhor seguir com a conversa.

— Eu não sei se estou fazendo o verdadeiro caminho — disse-lhe — Afinal, o Francês é o que a maioria das pessoas percorrem. Seu

trajeto é mais extenso. Entretanto, eu não teria tempo para tanto.

— O que você está dizendo é uma bobagem. Não existe o melhor caminho. Existe o seu caminho. E você é tolo se pensa que foi você quem o escolheu. Seu destino te espera no caminho Primitivo, como o meu me esperava no Francês. Cada um tem o seu próprio caminho e ele nunca poderá ser novamente percorrido, porque o caminho é vivo e assim como você, transforma-se sempre. Cada momento é único e só podem ser vivenciados por seu caminho e caminhante.

— As vezes eu não entendo tudo o que você fala
— comentei sorrindo.

Ele sorriu de volta.

— Tem conhecido muita gente pelo caminho?

— Tenho sim! Pessoas muito especiais.

— Isso é bom!

De repente um pensamento me surgiu:

— É engraçado.

— O que é engraçado? — perguntou-me surpreso com minha reação.

— Você me perguntou sobre as pessoas e de repente eu me dei conta, que as pessoas que eu conheci, os lugares que visitei, as sensações que tive, tudo parece ter acontecido com uma razão maior. Não pode ter sido ao acaso.

Parei por um instante e depois segui:

— É como falou a filósofa.

O estranho peregrino me olhou e disse:

— Os filósofos têm o dom de ver além das aparências porque sua mente é livre, assim como sua alma.

— Você também é um filósofo?

Ele sorriu e me respondeu:

— Não sou um filósofo, sou um peregrino. Por isso também sei que nada acontece por acaso. Tudo o que surge em seu caminho são sinais tentando lhe mostrar a direção, porém somente as pessoas de alma e mente livres são capazes de perceber as mensagens, porque elas compreendem a linguagem do universo.

— A filósofa me falou sobre isso — comentei admirado — Falou-me sobre o simbolismo,

sobre as chaves da sincronicidade, contudo, eu não sei se sou capaz.

— Você precisa abrir sua mente. Ver além das sombras.

Olhou-me nos olhos e completou:

— Crer no extraordinário.

Eu parei por um momento tentando assimilar o que me falou, contudo, antes que eu pudesse ele disse:

— Bom, meu rapaz! Gostei de nossa conversa, porém vou me preparar para dormir. Amanhã será mais um dia de caminhada, peregrino. Ele levantou e seguiu passando pela frente da igreja, atravessou a rua e continuou caminhando.

— Ele é muito estranho, mas eu gosto dele. Lembra-me da filósofa. E eu acho que vou fazer o mesmo. Amanhã acordarei cedo. Preciso descansar.

Acordei. O senhor com quem estava falando no dia anterior já havia saído. Outras camas também já estavam desocupadas. Eram sete e trinta da manhã. Na mesinha, ao lado da cama, estava o cartão com o telefone dos correios. Meus ombros ainda doíam um pouco.

— Será que devo ligar, pedindo para levarem minha mochila?

Lembrei-me do olhar triste daquele senhor.

— Não vou deixar que ninguém leve minha mochila! Ela faz parte de mim. Para onde eu for, ela irá comigo.

Tudo o que levava nela, coloquei sobre a cama. Passei o olhar por cada um dos itens e aos poucos, separava tudo o que não era essencial.

— Eu não tenho que carregar aquilo de que não preciso. O que não me for útil ficará para trás. Não posso deixar que nenhum peso desnecessário me atrapalhe no meu caminho.

Refiz a mochila, coloquei-a nas costas e com o cajado na mão, olhei pela última vez, tudo o que

deixava para trás. Não sentia tristeza ou arrependimento.

—Sinto-me livre! Espero que o que não me serve mais, possa ser útil a quem precise.

Saí do albergue e segui acompanhando as vieiras, que sinalizam o caminho. Deixei a cidade. Estava em meio a natureza. O sol atravessava as árvores e tocava meu rosto. Não sabia como traduzir aquela sensação. É como se eu fosse capaz de sentir cada árvore, cada pedra, cada pássaro ou minúsculos seres que estavam à minha volta. Meus passos eram firmes. Eu não tinha pressa. Admirava quão bela era a natureza. Sentia vontade de chorar! Então me entreguei às lágrimas e ao sorriso de felicidade. Sentia-me leve e vivo. Tinha comigo minha mochila e meu cajado. Um sentimento de profunda felicidade me envolvia. Eu parei de caminhar e fiquei apenas admirando as montanhas.

O casal de espanhóis, que conheci no primeiro dia, me viu. Eles me perguntaram:

- Bom dia, amigo! Está tudo bem?
- Sim! Estou admirando a natureza — respondi sorrindo.

Eles entenderam e responderam com um singelo sorriso e um aceno de mão despedindo-se. Eu seguia caminhando, parava somente quando percebia que alguém se aproximava. Deixava-os passar e desejava-lhes um bom caminho. Eu queria estar só. Queria continuar sentindo aquela magia, aquela conexão, aquele sentimento tão forte e bonito. Eu caminhava e dançava com a natureza a me observar. Ficava imaginando como seriam aqueles caminhos antigamente. Muitas ideias surgiam. Em certo momento comecei a cantarolar, não havia ninguém próximo. Eu cantava palavras que me vinham à mente e uma música se formou. Muito simples, mas que para mim parecia uma oração:

“Me voy caminando, me voy caminando,
Me voy caminando, me voy...”

Me voy caminando, me voy caminando
Porque soy un peregrino!”

Fiquei cantando por muito tempo. Continuei caminhando, porém estava quase parando para que um grupo que seguia à minha frente se distanciasse um pouco. Quando escutei, vinda de trás, uma voz dizendo: "Hola!".

A princípio respondi sem me dar conta de quem era. Quando observei melhor, sorri e disse:

— Oi! É você!

— Sim! Eu te reconheci de longe, pelas fitas em seu cajado.

Comentei com ela que andava cantarolando, sem pressa.

— Penso em escrever algo sobre as histórias que conheci aqui — falou-me.

— Como um artigo para seu trabalho?

— Algo para mim — disse ela — ou quem sabe, uma poesia com as peculiaridades do que tenho visto, como por exemplo: os musgos nas pedras, os sinos presos na coleira das vacas.

— Acho que ficaria lindo. Também gosto de escrever poesia. Acredito que é uma forma de expressar o que sentimos em relação às coisas.

Em seguida lembrei-me de que ela gostava de música.

— Por que não escreve uma canção?

— Eu gostaria. Quem sabe...

E em seguida sorriu.

Cantei a pequena música que fiz.

— Foi você quem fez?

— Sim! Ela é bem simples, eu sei — falei com um pouco de vergonha. — Mas me faz sentir bem. É para mim, como uma oração.

— Às vezes, as melhores músicas, são as mais simples — disse-me.

Eu sorri e agradei.

— Quem sabe eu coloque como música de fundo em algum vídeo com as fotos que eu fizer pelo caminho.

— Posso criar uma harmonia para sua pequena música.

— Muito obrigado! — falei de forma um pouco tímida.

Após algum tempo caminhando paramos para fazer um lanche.

— Hoje de manhã, antes de nos encontrarmos, seguia sozinho e pensava sobre como eram esses caminhos a séculos atrás. Passava pelos pequenos vilarejos com as casas de pedras e

tentava imaginar como viviam aquelas pessoas. Seus conhecimentos. Lembrei-me dos povos pagãos, dos Celtas.

— Nos países do Reino Unido há muita história Celta. Elas me encantam.

Fez uma pequena pausa e depois continuou:

— Eu quero muito fazer um documentário com as pessoas de lá. Percorrer pelos vilarejos. Saber sobre suas histórias e conhecimentos. Elas tinham uma conexão muito profunda com a natureza, as ervas, as estações.

— Eu também sou fascinado por isso — comentei entusiasmado — Minha avó contava histórias de quando vivia aqui na Espanha.

Kath sorriu e disse:

— Minha avó também era uma pessoa de muito conhecimento, ela era forte. Eu me inspiro muito nela em tudo o que faço.

Ela colocou a mão em um colar que carregava no pescoço e mostrando-me, disse:

— Esse colar era dela. Eu carrego sempre ele comigo. Não tem nenhum valor financeiro, mas

para mim, vale muito. Eu me lembro dela e me sinto com coragem.

— Eu também tenho um carinho enorme pelos meus avós. Sinto que de alguma forma estamos sempre conectados.

— E logo você vai conhecer onde viveram e também, por certo, outros familiares.

— Sim! Você tem razão. Vai ser bem emocionante.

— Vai sim! — Falou-me sorrindo e olhando em meus olhos.

Já havíamos caminhado a maior parte do trajeto até a cidade de Tineo. Andávamos à beira da rua quando à nossa esquerda encontramos uma igreja.

— Acho que nesta igreja é possível carimbar a credencial.

— Vamos até lá — disse ela.

Eu deixei o meu cajado encostado na parede e tirei a credencial da mochila. Carimbei com cuidado para que ficasse bem nítido no papel e a guardei novamente. Havia outras pessoas esperando para fazer o mesmo. Guardei a credencial e seguimos.

A Kath comia uma tangerina enquanto conversávamos.

— Putz! — Falei, assim que percebi o que aconteceu.
— O que foi? Perguntou-me assustada.
— Eu preciso voltar à igreja!
— Por que?
— Eu o esqueci.
— Esqueceu o que?
— Esqueci o cajado — falei indignado comigo mesmo. — Esqueci novamente o cajado.
— Tudo bem! Vai até lá. Eu te espero.
— Combinado!

Por sorte eu só estava a poucos minutos de lá. Voltei correndo e logo cheguei.
— Graças a Deus você está aqui! — falei aliviado enquanto observava meu cajado mágico. — Me desculpa!

Em seguida, voltei até onde ela me aguardava.
— Consegui!
— Que bom!
— Não sei como pude esquecê-lo outra vez. Mas tive uma ideia para que isso não aconteça novamente — Falei para ela.
— Qual ideia?
— Sempre que começar a andar contarei até quatro.

— Não entendi.

— Um para a minha mochila. Dois para a pequena mochila onde levo o lanche e água. Três para meu casaco e quatro para meu cajado.

Ela sorriu e disse:

— Isso pode dar certo! — e depois prosseguiu demonstrando uma certa dúvida. — Eu acho.

Eu sorri, com uma mistura de alegria e alívio.

Mais alguns quilômetros e chegamos a cidade de Tineo. Ficamos no mesmo albergue. Era domingo e não havia muita coisa aberta, então esperamos até às sete da noite quando alguns restaurantes abririam. Foi o que nos disse o dono do albergue. Uma moça, chamada Sônia, que estava no mesmo quarto que nós perguntou se queríamos dividir a máquina de lavar. Lá havia uma para lavar e uma para secar, com o custo de cinco euros cada.

Kath disse que já havia lavado as roupas na noite anterior.

— Eu gostaria — disse — Vou apenas tomar banho primeiro, assim já coloco para lavar as que estou usando também.

— Tudo bem!

Juntamos nossas roupas, colocamos na máquina e dividimos o valor. Feito isso era só esperar e após, colocar na máquina de secar. Enquanto eu esperava, Kath disse que iria buscar um lugar calmo para ler um livro. Eu estava com fome, mas não demoraria mais que meia hora para que os restaurantes abrissem.

— Vou ver se as roupas estão prontas!
De fato estavam, peguei as minhas e as da Sônia. As dela, deixei em sua cama e as minhas dobrei e as colocava na mochila quando percebi o que aconteceu.

— Não acredito. Minha calça rasgou! Mas como é possível?

Uma parte dela, onde havia um bolso, próximo a perna direita, era colada e soltou-se ficando uma abertura considerável.

— E agora? Como vou arrumar isso?

A calça era impermeável, ou ao menos era...
Não poderia costurar.

— Quem sabe uma fita? Eu só tenho mais uma calça além desta e falta muito caminho a percorrer ainda. Melhor não me preocupar com isso por enquanto. Vou me concentrar naquilo que posso fazer.

Neste momento a Kath retornou.

— Vamos comer?

Deixei a calça dobrada sobre a cama.

— Vamos sim! Eu estou faminto!

Chegamos! O lugar era simples, mas bonito. Sentamos e em seguida, escolhemos os pratos. Enquanto aguardávamos, já famintos pelo jantar, conversávamos.

— Como é para você viajar sozinha?

— É libertador.

— Eu penso o mesmo. Viajar sozinho é diferente. Você se conecta consigo de forma mais intensa.

E após pensar um pouco eu completei:

— Mas talvez para mulher seja mais difícil. O que você acha?

— Em algumas partes sim, outras não, por exemplo: Para uma mulher sempre vai ser mais fácil ter ajuda. Conseguir um lugar para dormir, uma carona. Porém sempre poderá ter algum outro interesse.

— Eu entendo o que você diz. Para mim, é diferente. Não há tantas pessoas dispostas a ajudar, porém as que fazem são verdadeiras. É claro que a maldade sempre existe, contudo, para mulher talvez seja mais difícil.

Fiz uma pausa e continuei:

— Mas você sabe se virar muito bem. Muito melhor do que eu.

— Acho que com o tempo aprendemos a perceber os sinais.

Ela falando em sinais. O que mais será que ela saberia sobre eles?

Aquilo me despertou curiosidade.

— O que você acha sobre o sentido da vida?

— Não sei dizer. Mas acho que de alguma forma está ligada à Terra, ao nosso planeta. Por isso

sempre tento conscientizar as pessoas sobre a preservação.

— Os povos antigos tinham este conhecimento
— comentei.

— Sim! Como os Celtas.

— Uma vez uma filósofa me disse que nada é por acaso. Que a todo instante o universo nos mostra sinais. Como se cada um de nós tivéssemos um propósito. Algo a fazer.

— Gosto de filosofia. Ajuda-me a pensar. Eu também não acredito no acaso, porém é difícil saber. A verdade é que eu tenho muitas dúvidas.

— falou-me sorrindo — Contudo, acho que o segredo está na simplicidade, na relação em harmonia das pessoas com a natureza. É isso que busco promover em meu trabalho e também em minha maneira de viver.

O tempo passou muito depressa enquanto jantávamos. Parece que isso sempre acontece em momentos especiais. Já estávamos de volta ao albergue. Ela se deitou, pegou um pequeno caderno, caneta e fazia anotações com a ajuda de uma pequena fonte de luminosidade. Eu não quis incomodar. Mas queria estar junto dela. Saber o que se passava em sua mente.

Quando acordei estava escuro e chovia bastante. Fiz as coisas devagar. Terminamos de nos arrumar e seguimos: Eu, Kath e Sônia.

Assim que deixamos o albergue notamos que não chovia mais. Fomos até um bar e tomamos um café. Isso me ajudou a despertar.

O dia estava lindo. O brilho do sol, ainda distante, misturava-se à névoa da manhã e às árvores, formando um túnel por onde passávamos. Parecia uma natureza encantada, como a dos contos de fada, só que era real. A magia estava presente e pulsando.

Eu aprendi que a névoa pela manhã era sinal de um dia lindo. O anúncio de um dia ensolarado.

Sônia seguiu e continuamos andando somente nós dois. Passado algum tempo, percebi que Kath estava pensativa. Eu ensaiava iniciar alguma conversa, mas antes que fizesse ela comentou:

— Sônia me disse que está fazendo o caminho sozinha, enquanto seu marido está trabalhando. É difícil encontrar um casal assim.

— Verdade! É uma relação baseada na confiança.

— Sim! E no respeito à liberdade! Eu os admiro por isso.

Notei que havia algo que ela queria me contar. Não se tratava somente da história de Sônia.

— Eu tenho muito medo de perder minha liberdade. Por isso não estou namorando e todas as vezes que tentei, sempre algo acontecia.

— Muitas vezes as pessoas se relacionam não por elas, mas para estarem de acordo com os padrões. Para mostrar aos outros, quando na verdade, a sua atenção deveria estar na sua felicidade. Se prendem a pessoas que lhes fazem infelizes — comentei.

— Exato! E assim, perdem sua liberdade. Não há nada mais importante do que a liberdade.

Acho que eu nunca tinha percebido o quão forte era essa sensação até começar a fazer o caminho. A cada passo que dava sentia-me livre como nunca antes. Talvez por isso suas palavras estivessem tocando minha alma, cada palavra que me dizia.

Continuamos caminhando até que alguns quilômetros depois, paramos para comer algo em um dos bancos e mesas que havia em uma praça. Ela era pequena e repleta de árvores, que nos forneciam sombra e havia também um ar

fresco, diferente de quando estávamos diretamente sob a claridade do sol. Kath estava novamente pensativa, porém eu não quis invadir seus pensamentos, apenas respeitei e me mantive ali, olhando ora para ela, ora para o horizonte.

— Sabe — disse ela após algum tempo — Eu queria entender por que nossa mente é tão confusa? Por que acreditamos em coisas que não existem?

Contou-me sobre seu irmão que vivia com ela. Disse que ele tinha depressão. E que sua irmã sofrera de anorexia quando ainda era muito pequena.

— Eu também queria entender — falei, enquanto lembrava do dia na passarela em que quase dei fim a minha vida — Acho que vivemos em uma espécie de adormecimento. Não sei. Acostumamo-nos a uma vida infeliz e isso nos angustia. Sufoca-nos. Com o tempo nos sentimos depressivos e começamos a duvidar de quem somos e do que somos capazes.
— A sociedade também nos impõe uma perfeição que não temos — comentou — Ela nos

faz compararmo-nos uns com os outros e isso não é saudável.

— Acho que todos sentimos um vazio que não sabemos como preencher. Só que cada um reage de uma forma.

Paramos de falar por um tempo. Nossas mentes buscavam por respostas.

— Eu não sei por que isso acontece — comentei quebrando o silêncio — Talvez porque ainda conhecemos muito pouco sobre quem somos.

— Precisamos acreditar em nós mesmos — completou.

— Eu sinto que o caminho tem me ensinado muito todos os dias.

Ela sorriu e concordou. Depois levantou-se e fez sinal para que continuássemos.

Eram por volta das duas da tarde quando ela me disse que estávamos chegando ao albergue onde ela havia conseguido uma cama.

— É aqui! — disse-me apontando para o lugar.

O albergue onde eu ficaria era a alguns poucos quilômetros adiante. Queria ter ficado ali, mas não podia.

— Amanhã vamos juntos? Eu te espero chegar

— falei.

— Podemos, se você quiser.

— Eu quero.

Despedimo-nos, mas antes que eu começasse a andar, escutei sua voz.

— Ei! Não esqueça de arrumar a calça — falou-me sorrindo.

— Verdade! Preciso dar um jeito nela. E você, vai ficar bem?

— Sim! Vou ler um pouco e descansar para amanhã.

Em seguida ela entrou no albergue e eu segui em direção ao meu.

No dia seguinte iríamos fazer a “rota de los Hospitales”. Diziam ser a parte mais difícil e mais bonita do caminho.

Passados quarenta e poucos minutos cheguei ao albergue. Um lugar bem tranquilo. Fui recepcionado por um homem que estava

sentado ao fundo da casa e ao seu lado havia uma criança de talvez oito anos, era seu filho, que lhe pedia para brincar. O homem o abraçava carinhosamente e continuava a me dar explicações. Falou-me sobre um local para comer e também sobre o trajeto do dia seguinte. Ele disse que só se pode fazer aquela rota quando o tempo está bom. Do contrário, era melhor fazer um caminho alternativo. Disse também que eu deveria deixar meu cajado fora do quarto. Eu perguntei se poderia deixar embaixo da cama porque precisava muito dele. Ele disse que não, mas que poderia deixar dentro da casa. E que eu ficasse tranquilo que nada se passaria com ele. Acenei com a cabeça e continuamos conversando. Eu achava bonita a relação que tinham ele e seu filho, talvez por isso, tenha sentido a vontade de falar sobre a minha família.

— Minha mãe e meus avós são espanhóis — comentei — E eu irei fazer o caminho por onde eles viveram.

Nesse momento, sem entender ao certo o que estava acontecendo, senti uma emoção forte tomando conta de mim.

— Este cajado — disse enquanto o mostrava ao homem — Eu o levarei até as terras onde meus avós viveram, onde minha mãe nasceu. Ele percorrerá os caminhos comigo.

Não consegui mais falar. Fazia força para conter as lágrimas que começaram a cair pelo meu rosto. Ele percebeu e se emocionou também.

— Está tudo bem — Pode chorar. Suas palavras e gestos são muito bonitos.

Passado um tempo eu consegui relaxar um pouco e continuei:

— Meu avô foi ao Brasil para conseguir uma vida melhor para minha família. Foi sozinho, somente com sua determinação e esperança. Apenas três anos depois, minha avó teve condições para ir, levando com ela, minha mãe e minha tia. Que na época tinham apenas três e quatro anos de idade.

— Muitos pela Espanha tiveram que deixar seu país para tentar encontrar uma melhor condição de vida para a sua família — contou. — Foi uma época difícil.

Depois perguntou-me:

— Eles estão vivos? Nunca mais voltaram?

— Meus avós já faleceram, Meu avô, quando eu era ainda muito novo, tinha por volta de sete anos. Ele nunca mais teve a oportunidade de voltar à Espanha. Minha avó, eu tive a felicidade de conviver por mais tempo. Ela voltou sim. Muitas décadas depois. Reencontrou pessoas da família, porém não pode ficar mais do que alguns dias. Ela também já faleceu há quase dez anos.

Fiz uma pausa e prossegui:

— Eu sinto que de alguma forma, eles estão comigo. Eu sinto isso!

Nós dois ficamos muito emocionados.

Ele me disse, olhando em meus olhos:

— Tú eres un peregrino. Tú eres un peregrino.

Aquelas palavras me tocaram. Ele entrou na casa e me deu dois pequenos objetos. Têm a forma de uma mão, um na cor verde e uma na cor amarela. E me disse:

— Um é para você e o outro é para a sua mãe. Isso que te dei não pode ser vendido ou

comprado, tem que ser conseguido na forma de um presente.

Eu lhe dei um abraço e entramos. Ele me mostrou a cama que eu ficaria.

Ele contou também para a sua esposa a conversa que tivemos e ela veio me desejar um bom caminho.

Já na cama. Eu arrumava minhas coisas, quando lembrei da calça.

— O que eu faço? Quem sabe eles possam me orientar como fazer.

Peguei a calça e fui até onde estavam. Ele havia saído, porém a sua esposa estava lá.

— Boa tarde!

— Boa tarde! Está tudo bem?

— Na verdade, eu gostaria de uma orientação.

Mostrei-lhe a calça e continuei:

— Poderia me dar uma sugestão do que poderia fazer para arrumar esse rasgo?

Ela pegou a calça. Olhou por algum tempo e disse:

— Espera! Eu vou te ajudar. Eu acho que sei como arrumar isso.

— Muito obrigado!

— Depois eu lhe levo a calça. É que agora estou com muitas coisas para fazer. Mas não se preocupe.

Eu agradei outra vez a ela e fui terminar de arrumar as minhas coisas.

— Que bom que ela vai me ajudar!

Ela estava bastante ocupada. Outros peregrinos chegavam e ela apresentava para eles o albergue.

Era noite. Eu havia acabado de jantar quando ela se aproximou e me disse:

— Pegue! Acho que ficou bom! Você só não poderá colocar na máquina de lavar, porque poderá soltar.

Ficou ótimo! Ela fez de uma maneira que a calça continuou impermeável.

— Muito obrigado! Não sei nem como lhe agradecer.

- Não se preocupe.
- Quanto lhe devo?
- Não deve nada. Fique tranquilo.

Eu fiquei sem reação com tamanha bondade com que agia comigo.

— Então posso lhe dar um abraço? — perguntei emocionado.

— Sim! Um abraço pode! — respondeu-me sorrindo.

— Abraçamo-nos e eu a agradei uma vez mais.

De volta ao quarto, deitado na cama. As luzes já estavam apagadas e algumas pessoas dormindo. Eu fiquei em silêncio. Sentia uma felicidade tão grande que nenhum dinheiro no mundo seria capaz de comprar. O caminho tem me mostrado pessoas maravilhosas e me ensinado muitas coisas. Eu sou muito grato.

Acordei, comi um lanche que tinha preparado e esperei o sol nascer. Saí do albergue. Fui o último a deixar o lugar.

Tinha muita névoa. Eu encontrei com os donos do albergue. Na verdade, foi ela quem me viu.

— Olá! Bom dia!

— Bom dia! Mais uma vez muito obrigado por sua ajuda.

— Não precisa agradecer. Desejo que consiga fazer seus caminhos.

Neste momento o seu esposo se aproximou.

— Que faça um bom caminho! — disse-me. — E que percorra pelas terras de sua família.

Eu os abracei.

— Eu os levarei em meu coração! — falei emocionado.

— Você também ficará no nosso — disseram também emocionados.

Eu acenei e segui até que a névoa não me deixasse ver por onde havia estado. Caminhava lentamente. Estava chorando e pensando nas pessoas boas que existiam no mundo. Alguns minutos depois eu parei diante da trilha para

esperar por Kath. Logo distrai-me observando o sol vencer a névoa e as borboletas voando em volta das flores. Não sabia dizer quantos minutos fiquei por ali.

— Está pensando na vida, rapaz?

Era o estranho peregrino.

— Oi! Fico feliz em lhe ver. Estou esperando uma pessoa.

— Eu sei que sim — e depois continuou: — Vejo que andou se emocionando. O caminho sempre desperta em nós grandes emoções.

Comecei a lhe falar o motivo, mas ele logo me interrompeu.

— Não faça isso! Não tente explicar as emoções. Assim você irá se distanciar de sua magia. Ao invés disso, guarde-as em seu coração.

Pensei sobre o que ele me disse, aceitei o seu conselho e mudei de assunto:

— Você disse que sabe que eu estou esperando por alguém. Como pode saber?

Ele olhou-me e em seguida respondeu minha pergunta:

— É como dizem: Os olhos são o espelho da alma.

Deu um ligeiro sorriso e prosseguiu:

— O caminho é um grande poeta, não é mesmo? Mas às vezes, para aprender alguns de seus versos é necessário estar só.

Eu não gostei do que ele disse, então comentei:

— Talvez a poesia seja mais bela quando compartilhada.

Ele sorriu discretamente e disse:

— É uma bela frase.

Em seguida olhou-me uma última vez antes de partir, acenou com a mão e falou:

— Nos vemos pelo caminho, rapaz! Bom caminho!

— Bom caminho!

Alguns minutos depois Kath chegou, surgindo em meio a névoa.

— Olá!

— Oi! — disse com um ligeiro sorriso. — Está pronta para conhecer, o que dizem ser, o trecho mais bonito do caminho primitivo?

— Estou sim! — Respondeu entusiasmada.

O dia estava tão mágico que nem sei como descrevê-lo. À nossa esquerda o sol cada vez mais presente dispersava a névoa. O musgo nas pedras e a coloração das plantas e folhas verdes amareladas fazia parecer uma pintura. As árvores grandes abrigavam em seus galhos pássaros que nos viam desde lá de cima. E em tudo havia um brilho. Parecia que existia sobre a natureza uma energia que se tornou visível aos nossos olhos.

— Parece que eu abri um livro de conto de fadas — falou.

— Sinto como se a qualquer instante esses seres fossem surgir diante de nós. Em meio às árvores. Através do vento...

— Essa névoa também lembra aqueles filmes de terror — falou brincando. — E se surgisse um ser querendo nos pegar?

— Neste caso correr seria uma boa ideia — respondi dando risada.

O caminho era de muita subida. O sol estava forte e precisamos beber mais água do que nos dias anteriores. Porém isso não tinha a menor importância diante de tanta beleza. No alto das montanhas, as ruínas do que um dia foram hospitais e pelo caminho, cavalos selvagens surgiam, vivendo suas vidas livres e sem medo. Alguns ainda filhotes andando desengonçados e brincando, virando de costas no chão. Outros maiores andavam calmamente, sabendo que ninguém jamais poderia domá-los, pois eram espíritos livres. É assim que me sentia enquanto caminhava. Sentia-me livre, capaz de percorrer por todo o mundo com minha mochila nas costas e meu cajado na mão. Eu via essa liberdade também em Kath. Ela tinha a alma livre. Assim como todos, ela tinha dificuldades, sonhos, mas acima de tudo, energia, vida.

— Queria que todos pudessem sentir essa sensação de liberdade — disse a ela.

Ela apenas acenou com a cabeça e sorriu. Talvez estivesse guardando aquela emoção dentro do coração, assim como havia dito o estranho peregrino, para manter consigo a magia do lugar. Caminhamos por muitas horas. Não era tão distante, mas havia muitas subidas e descidas

— Minha água acabou — disse ela surpresa quando viu seu reservatório, que levava na mochila, vazio.

Eu olhei para minha garrafa e falei:

— Eu não tenho muita, mas podemos dividir, assim ninguém morrerá de sede — brinquei — E não falta muito até chegarmos a Berducedo.
— Então está bem.

Andamos por aproximadamente quarenta minutos até encontrarmos nosso albergue. Fizemos o check-in e escolhemos nossas camas. Lá estavam também Sônia e mais algumas pessoas que encontramos em albergues anteriores. Faltavam vinte minutos para às sete da noite e o restaurante ficaria

aberto até às oito. Então, todos combinamos de ir jantar, mas antes fomos tomar banho.

— Nada melhor que um banho para relaxar.

Todos saímos juntos do albergue e fomos em direção ao restaurante que ficava a apenas três quadras de lá. Assim que entrei, senti algo estranho. Havia muitas pessoas. Eu escutava vozes vindo de todas as direções e uma energia que parecia me sufocar. Tentei disfarçar.

— O que está acontecendo comigo? Minha respiração está estranha, está pesada.

Escolhemos o que iríamos comer.

— Vou tentar relaxar. Conversar, descontraír.

Trouxeram nossos pratos. Quando comecei a comer, minhas mãos ficaram trêmulas e as vozes pareciam estar dentro da minha cabeça, de tão altas.

— Não me sinto muito bem — comentei.

— O que você tem? — perguntou-me Kath.

Foi aí que me dei conta de que não estava sentindo nada físico. Era uma espécie de pânico, entretanto, eu não fazia ideia do motivo.

— Acho que é apenas um pouco de dor de cabeça. Não sei.

Eu não conseguia me concentrar nas pessoas. Comi de maneira acelerada. Precisava sair de lá.

— Desculpa, mas eu vou precisar sair. Vou tomar um remédio e me deitar.

Assim que saí do lugar, senti-me melhor, porém, ainda um pouco tonto. Sentei-me por alguns minutos, do lado de fora do albergue para respirar e ficar em silêncio. Em seguida entrei, ajeitei minhas coisas. Mais tarde, quando voltaram, perguntaram-me se eu estava melhor. Eu disse a eles que sim. Antes de me deitar, fui ao banheiro. De repente uma tremedeira se abateu sobre mim. Eu não podia controlar. Um frio muito grande.

— O que está acontecendo? Que frio é esse que surgiu agora?

Fui ao banheiro e em seguida voltei em direção a minha cama. Tomei um analgésico, mesmo não sabendo ao certo o que se passava, e fui tremer embaixo das cobertas. Contudo, assim que deitei não senti mais nada. Da mesma forma que senti aquela sensação, ela se foi e eu comecei a suar.

— O que significa tudo isso, afinal? Estou me sentindo bem. Não entendo o que aconteceu no restaurante e nem o que se passou aqui há poucos minutos. Acho melhor eu dormir.

Acordei e notei que muitos já haviam levantado, inclusive Kath. Encontrei com Sônia. Ela me disse que estavam tomando café. Ao lado do albergue havia um bar. É onde todos estavam.

— Vou para lá também. Estou com fome. São sete e meia, ainda não amanheceu o dia e eu não tenho pressa.

Troquei de roupa e arrumei a mochila. Peguei meu cajado e depois deixei o albergue.

Eu sabia que algo estava acontecendo. Havia uma energia diferente. Assim que cheguei ao bar, Kath perguntou se eu estava melhor.

— Eu estou sim! Obrigado!

— Eu perdi o sono. Levantei cedo e vim tomar café.

— Tomar café é bom! — comentei com um singelo sorriso. — Vou lá pedir o meu.

O bar estava cheio, mas isso não me incomodava como ontem. Havia só uma funcionária para atender a todos. Ela fazia tudo tão rápido quanto podia. Eu aguardava a minha vez e imaginava que eu em seu lugar estaria

agoniado, por isso, sempre que ela olhava, eu buscava passar um ar de tranquilidade.

Notei que Kath se aproximava.

— Conseguiu descansar? — perguntei.

— Sim! Apesar de ter acordado cedo, descansei.

Ela queria me dizer algo e eu sabia o que era.

— Acho que eu ainda vou demorar aqui — sorri e aponte para as pessoas que estavam à minha frente.

— Eu acho que sim — sorriu.

E depois continuou:

— Eu estava pensando em ir com eles.

Ela olhou-me e aguardou o que eu iria dizer. Eu queria imensamente pedir a ela para que ficasse, mas li em seus olhos que não eram essas as palavras que queria de mim.

— Tudo bem! Eu ainda vou demorar.

— Nós nos encontraremos pelo caminho.

— Sim! Certamente nos veremos.

Dizer aquelas palavras não foi fácil, mas eu sabia que ela tinha o seu próprio caminho e deveria vivê-lo como acreditava. Forçar qualquer outra atitude seria segurar-lhe as asas. E eu não faria isso, ainda mais depois de ter aprendido tanto sobre a importância da liberdade.

Estava só novamente. Tomei meu café e parti. O dia estava bonito e o trajeto até Grandas de Salime não seria longo. Caminhava sem pressa. Sentia-me um pouco confuso, mas buscava me manter bem, então preferi não pensar nas coisas que aconteceram.

Em um determinado trecho do caminho notei que três pessoas se aproximavam, conversavam entre si. Eu não as conhecia então, continuava em silêncio. Contudo escutei uma voz familiar:

— Ei, rapaz! Como está o caminho?

Era o estranho peregrino. Que seguia poucos metros atrás dos três desconhecidos. Eu virei-me e disse:

— Olá! Como está? Pensei que talvez não fosse mais lhe ver.

As três pessoas olharam-me e em seguida, buscaram entender com quem eu estava falando.

— Está falando conosco?

— Não! — respondi enquanto apontava com a mão. — É com ele.

Eles olharam para trás, entretanto pareciam não terem visto ninguém.

— Você está bem? — perguntou um deles.

— O sol não lhe está fazendo bem para a cabeça! — comentou à risadas.

Eu não entendi, porém logo eles me passaram e eu estava diante do estranho peregrino.

Eu fiquei intrigado com aquilo.

— Como tem passado? — perguntou-me.

Sem prestar atenção no que me havia dito, eu lhe perguntei:

— Você percebeu o que aconteceu? Eles não lhe viram.

— É que as pessoas andam muito distraídas — respondeu-me, não dando muita importância.

— Mas eles olharam e não viram — insisti.

Comecei a lembrar das vezes em que nos encontramos. Em todas elas estávamos a sós. Não havia mais ninguém. Estava eu ficando doido?

— Quem é você que surge do nada e some com a mesma velocidade? É fruto da minha imaginação?

— Eu sou real! Não sou uma imaginação.

Pensei por um instante e perguntei:

— Então, é uma alma penada?

— Eu não posso ser uma alma penada. Não estou morto!

— Você vai me desculpar, mas não parece vivo. Ninguém mais consegue te ver!

Ele estava ficando um pouco impaciente, mas eu queria entender.

— Será então que você é o espírito de algum templário que auxilia os peregrinos? — perguntei curioso.

E depois, observando com mais cuidado, conclui sorrindo:

— Me desculpe novamente, contudo, não parece nem um pouco com um templário.

— Eu já lhe disse que estou vivo e não morto!

— Tudo bem, se você diz... Mas não é o que parece.

Após caminhar por alguns poucos minutos eu perguntei:

— Será que você é meu anjo da guarda?

Então, foi o estranho peregrino quem sorriu e disse:

— Eu não seria seu anjo da guarda. O que lhe fez pensar isso?

— Não sei.

E depois, prestando mais atenção no que ele havia me dito, perguntei:

— Por que não seria? O que eu tenho de errado?

— Nada — disse ele com um sorriso disfarçado.

— Se está vivo, por que ninguém o vê?

— Tem muitas coisas que você não sabe. Há muitos mistérios nesta vida — respondeu-me com ar de sabedoria.

— Sei. E o que faz aqui?

Notei que ele ficou um pouco confuso com aquela pergunta, porém, antes que eu pudesse continuar ele mudou o rumo da conversa.

— Você parece um pouco diferente?

— Como assim?

— Os seus olhos. Eles estão tristes.

Ele percebeu.

— Não quero falar sobre isso.

— Tudo bem. Só saiba que nada acontece sem que tenha que acontecer.

— Mas tem coisas que não fazem sentido.

— Às vezes não entendemos a linguagem do universo porque estamos inconscientes, presos às emoções, em outras, porque ainda não é o momento. Então, tudo o que pode fazer é continuar caminhando.

Andamos por mais alguns quilômetros.

Estávamos em silêncio, até que ele parou.

- Está na hora de seguir sozinho.
- Por que diz isso? Você não vem?
- Cada um tem seu caminho e precisa vivê-lo.

Depois sentou em um pedra e completou:

- Necessito descansar um pouco.

O estranho peregrino e seus mistérios. Eu despedi-me dele e continuei. Boa parte do caminho de hoje foi beirando a estrada. Eu não gostava, porém as folhas secas e amareladas na beira deram um toque de beleza aquele asfalto, por onde, de tempos em tempos, passavam carros em grande velocidade.

Vi uma garota sentada. Acenei e perguntei se estava tudo bem. Ela me disse que sim. Que estava procurando um lugar para dormir. Eu dei o telefone do albergue onde eu iria ficar. Ela ligou e conseguiu reservar a última cama disponível.

— Obrigada! Agora tenho onde dormir — falou sorrindo.

— Imagina! Está pronta para caminhar mais alguns quilômetros até o albergue?

— Sim! Vamos lá!

A garota se chama Demy. Andamos algumas poucas horas até chegarmos. Ela ficou em outro quarto, depois do jardim. Trocamos o número de telefone e em seguida, despedimo-nos, fui ajeitar minhas coisas e tomar um banho. Descansei um pouco e fui a um pequeno mercado, o único que encontrei, para comprar pães e outras coisas para fazer lanches. Mais tarde precisaria encontrar um lugar para jantar.

Estava deitado e escutando música no celular quando recebi uma mensagem da Demy perguntando se eu queria ir ao museu que havia ali perto. Eu disse que sim. No caminho ela encontrou um espanhol, de cinquenta e poucos anos, que havia conhecido a poucos dias. Então seguimos os três.

Gostei muito de conhecer o museu. Vi máquinas antigas de costura. Elas se pareciam muito com a que tinha, minha avó. Lá havia espaços representando como eram as casas na época, os quartos, as salas de aula, os mercados. Ferramentas muito antigas. Vi também desenhos celtas marcados no chão. O homem que estava conosco, por ser espanhol, conhecia bastante sobre tudo que havia ali e nos serviu como guia,

ajudando-nos a entender melhor a cultura e os costumes dos antigos que viveram por lá.

— Estou com fome — comentou Demy.

— Também estou! — falei.

— Vamos jantar! — disse ele.

Encontramos um restaurante bom. Comemos bastante e tomamos vinho e água.

— Estou com tanto sono que nem consigo manter os olhos abertos — disse Demy.

— O mesmo se passa comigo — falei.

— Acho que estamos os três quase dormindo na mesa. É melhor irmos. — falou sorrindo.

Já de volta ao albergue, bastou deitar na cama para que eu dormisse.

O dia amanheceu chovendo. Não estava com pressa de começar a caminhar, por isso tomei meu café com calma e preparei os lanches para o caminho.

— Será que devo ir com a Demy? Ela é uma garota legal, poderíamos ir conversando.

Pensei por um momento. Não havíamos combinado nada.

— Não sei. Tenho gostado muito de caminhar só. Da energia e emoção que sinto.

Estava diante da porta e com a mochila nas costas. Saí e percebi que não estava mais chovendo, um sol ensaiava surgir a qualquer momento.

— Eu vou seguir sozinho!

Peguei meu cajado e parti. O dia estava bonito. Andava devagar procurando por frutas. Comi algumas maçãs e também uvas, além das framboesas.

Se passaram dezesseis quilômetros quando notei as primeiras gotas. Coloquei a capa de chuva e torci para que logo ela parasse.

— Eu não gosto de andar na chuva —
resmunguei.

Depois de algum tempo as nuvens se espalharam umas das outras e o céu estava limpo novamente.

— Que bom! Venha sol! Ilumine a todos nós!

Vi uma pequena capela. Ela tinha uma área externa coberta.

— Hora de comer!

Eu coloquei a capa pendurada sobre o cajado, que estava apoiado à parede. Deixei a mochila ao lado, e sentado, comi um dos lanches que levava comigo. O canto dos pássaros me fizeram perceber que eu não era o único contente com a volta do sol.

Terminei de secar a capa de chuva e a coloquei novamente dentro da mochila.

— Agora posso continuar! — falei satisfeito.

Antes que eu pudesse prosseguir, notei as nuvens se aglomerando no céu novamente.

— Será possível? Vou andar depressa, quem sabe eu consiga chegar ao albergue antes que volte a chover.

Não havia andado trezentos metros quando tive que parar e colocar novamente a capa de chuva.

— Lá vamos nós outra vez!

Estava chovendo bastante quando, já próximo do albergue, eu encontrei uma espécie de túnel. Ele era alto e nos permitia andar abaixo da estrada, seguindo até o outro lado. Lá dentro, sentia-me como se estivesse entre duas cachoeiras.

— Vou ficar por aqui até que pare de chover.

Estava sozinho ali. De tempos em tempos observava o volume de água que caía do céu.

— O que está fazendo aí parado olhando a chuva?

Era o estranho peregrino.

— Que susto! — disse com a mão no peito — Estou esperando ver se ela para um pouco.

— Mas por quê? Já está todo molhado — falou às gargalhadas.

Em seguida uma moça chegou. Estava parecendo, assim como eu, não gostar daquela chuva. Ela olhou para mim e eu para ela. E em seguida se foi. Neste momento o estranho peregrino deu ainda mais risada.

— Por que está rindo de mim?

— Porque tem medo de chuva!

— Eu não tenho medo. Só que está frio.

— Não seja bobo! Quem deseja ver o arco-íris precisa aprender a gostar da chuva.

— Eu gosto da chuva desde que eu não esteja todo molhado e com frio.

Quanto mais eu tentava justificar, mais ele dava risada. Eu já não sabia dizer se era ele ou a

chuva quem mais me incomodava. Olhei novamente para o céu e percebi que aquele cenário não iria mudar, então preferi a chuva. Mas antes de sair, pude notar ainda, a gargalhada aumentando de intensidade.

— Vai! Segue seu caminho!

Cheguei ao albergue, finalmente. Ajeitei minha cama. Coloquei as roupas para lavar e depois, para secar. Fui também ao mercado comprar algo para o dia seguinte e para jantar. Fiz uma macarronada com bacon e molho de tomate. Estava incrível.

— Espero que amanhã não chova.

Acordei, arrumei as coisas e olhei pela janela. Acabou de amanhecer o dia. Estava bem frio e chovendo. Fazia 9 graus. Fui até a cozinha comer o lanche que já estava pronto e em seguida, com a mochila, o cajado e vestindo a capa de chuva, saí do albergue com destino a Cádavo, aproximadamente vinte e cinco quilômetros. Guiava-me pelos sinais das vieiras. Já no alto da montanha, sentia um vento forte trazendo a chuva com intensidade ao meu rosto. O corpo estava todo molhado, se não pela chuva, em razão do suor. Naquele momento eu parei por um instante, tentava manter o capuz sobre a cabeça, mas com o vento parecia impossível e eu mal conseguia enxergar.

— O que eu estou fazendo aqui?

Por um instante eu pensei em desistir, em voltar. Só queria sair de lá. Foi quando de repente notei algo estranho. Era uma forte sensação. Senti como se aquele momento representasse vários outros em que eu hesitei, em que eu desisti por medo. Em que eu recuei por achar que não teria coragem suficiente.

Naquele momento uma força se apoderou de mim. Minha mão segurou firme o cajado e meus

pés começaram a andar com mais pressa. Se antes eles vacilaram por medo, ali sentia-me como se fosse um guerreiro. Eu caminhava firmemente. Parecia até que estava possuído por algo. Aos poucos eu passava pelas pessoas. Eu não sentia mais frio, não me importava com a chuva. Não tinha sede ou cansaço. A única parte do meu corpo que eu parecia controlar eram os olhos. Eu observava o cenário, a natureza com suas cores vivas e molhadas, e ao mesmo tempo uma neblina forte que nos envolvia. As subidas das montanhas não me exigiam esforço, as descidas, menos ainda. Caminhei enquanto me recordava das vezes em que havia desistido. Mas ali, em minha mente tudo o que surgia era um pensamento dizendo que nada importava. A minha vontade era determinante. Era como se todas as falhas do passado se rendessem para quem eu havia me transformado. Eu seguia em frente. Percebi que a chuva não queria me fazer mal. Ela estava me ensinando, livrando-me da tristeza que aqueles pensamentos antigos me causavam. Mostrando-me a minha força. Então, após quilômetros de caminhada, ela cessou, próximo a capela de um pequeno povoado e o sol mostrava-se novamente. Meus passos foram

aos poucos adquirindo um ritmo mais lento e sob a copa das árvores de um caminho que se iniciava a minha frente eu parei, tomei um pouco de água e segui. Com o tempo, houve outros momentos de chuva e sol. Mas não importava mais se eu estava molhado ou com frio. Minha mente estava firme, assim como meus passos. O caminho já tinha me mostrado a lição. A chuva me fez ver o arco-íris. Eu entendi o que o estranho peregrino estava tentando me dizer.

Assim que cheguei em Cádavo, eu vi o albergue municipal e perguntei se havia uma cama. Uma senhora muito simpática me atendeu. Disse-me que havia e me deu dicas de onde comer. Eu não costumava chegar tão cedo. Eram apenas duas da tarde. O lugar era bom e não tinha muita gente.

— Hoje me farei um capricho. Comerei uma pizza! Trabalho duro, recompensa boa — disse sorrindo.

O caminho do dia seguinte não seria longo, menos de quinze quilômetros. Muitos, quando chegavam nesta cidade partiam, no dia seguinte, direto a Lugo. Mas um lugar me chamava a

atenção em conhecer e ficava no meio do caminho. Não sabia ao certo o por quê. Chamava-se Vilar de Cas.

Fui o último a deixar o albergue. Antes tomei meu café sem pressa, separei tudo e somente depois parti. O dia estava muito bonito. Pelo caminho, desde cedo encontrei muitas frutas. Principalmente maçãs e uvas. Coloquei um cacho delas na ponta de meu cajado e andei como se fosse um personagem de teatro. A natureza, linda à minha volta, servia-me de plateia e o caminho, meu palco.

—Sinto-me tão à vontade aqui! Pareço uma criança.

Continuei andando. Já muito próximo do meu destino, vi-me diante de dois caminhos. Para esquerda a rota que me levaria até o albergue. Para a direita encontraria uma pequena igreja.

— Não tenho pressa. Vou até lá!

A igreja estava fechada. Em volta dela um muro pequeno e um portão semi-aberto. Não entrei. Na parte de trás, já do lado de fora, notei que havia uma grande árvore, dei a volta e aproximei-me para ver se tinha frutas. Foi aí que percebi que havia um homem. Não sei ao certo se ele estava plantando algo ou somente

cuidando da terra a alguns metros dali, depois de uma cerca.

— Olá! — disse eu.

Tomara que ele não tenha ficado chateado. Ele acenou pedindo para que eu me aproximasse. Então eu fui.

— O que você deseja? — perguntou-me.

— Estava vendo se havia frutas. Há problema se eu pegar alguma?

Ele olhou-me e respondeu:

— Não, mas aquelas ainda não estão boas. Você gosta de figos ou de nozes?

— Gosto sim!

— Há um pote branco na parte de cima da mureta por onde você passou, depois do pequeno portão, já próximo a casa ao lado da igreja. Ali você encontrará nozes e figos. Fui eu quem deixei lá, pode pegar quantos quiser.

— Muito obrigado!

Voltei e peguei dois figos e três nozes. Depois continuei. Estava de frente para o albergue, porém decidi ainda não entrar. Escutei uma

história de que havia uma igreja abandonada, próxima de lá.

Não precisei andar muito para encontrá-la. Ela era toda feita de pedra. Construída há séculos. Estava cercada por mato. É como se a natureza a tivesse envolvendo pouco a pouco. Diante da porta principal, que estava trancada com uma corrente e cadeado, havia uma abertura e de lá pude ver seu interior. Notei que dentro não tinha mais nada além de alguns bancos de madeira. Aquilo tudo era apenas passado que aos poucos, estava sendo abraçado pela vegetação. Havia uma casa ao lado, também toda em ruínas por dentro.

— Sensação estranha. Por um lado é bonito encontrar uma construção tão antiga e cheia de detalhes em meio a natureza, parece mágico. Mas por outro, dá uma sensação de fim, de morte.

Continuei caminhando por alguns metros. Um pequeno pássaro chamou-me a atenção. Ele pousou no galho de uma árvore próxima a mim e começou a cantar. Na verdade, parecia que ele estava falando comigo.

— O que você quer me dizer? Eu não entendo.
— Acho que estou ficando doido. Ele só está cantando.

Ele continuava me olhando e cantando. Até que, de repente, assim como chegou, ele partiu.

— Falando com pássaros? — Perguntou sorrindo.

Era novamente o estranho peregrino.

— Eu realmente devo estar ficando doido.

— Por que diz isso?

— Você ainda pergunta? Afinal, como é que você faz isso?

— Isso o que?

— Surge do nada. E o que você quer comigo?

— Assim como você, estou seguindo meu caminho.

— Você já pensou que pode ter morrido e apenas não tenha se dado conta disso?

— Não! Eu sei que estou vivo — falou sorrindo.

— Existem muitas maneiras de se fazer os caminhos.

Eu novamente não entendi, porém eu gostava da companhia dele.

— Sabe, eu não estava falando com o pássaro — comentei — Apenas brincava com ele.

— Não precisa ter vergonha. A natureza fala conosco a todo instante. Nós é que preferimos não escutar. Já lhe disse uma vez, e torno a dizer: Você precisa acreditar no extraordinário.

Eu não soube o que responder.

De onde estávamos era possível ver, ainda que distante, a igreja abandonada.

— Você chegou a ver aquela igreja?

— Sim, eu vi! — respondeu-me.

— É estranho, não é mesmo?

— O quê?

— A vida. Tudo tem um começo e um fim.

— Por que diz isso?

— Ela, por exemplo, sobreviveu por tantos séculos e agora se perde em meio à mata.

— Isso não representa o fim. Tudo está em tudo. Tudo é uma coisa só.

Ele fez uma pausa e depois continuou:

— O homem esquece suas origens. A natureza, nunca.

Eu pensava sobre o que ele me dizia.

— Por que você está fazendo o caminho? — perguntei.

— Eu comecei porque senti. Eu senti os sinais. Mas só agora estou entendendo o motivo.

— Eu ainda não sei direito o que estou fazendo — comentei pensativo. — A filósofa me disse que o real caminho a percorrer é o interno. Que não seria necessário fazer este.

— A vida ensina sempre mais do que o estranho Caminho de Santiago — respondeu. — Mas nós não temos muita fé nos ensinamentos da vida. Contudo, nada acontece ao acaso, então se você está aqui, é porque este é o seu caminho.

— Eu farei três caminhos — comentei. — O primeiro até Santiago, segundo até Finisterra e o terceiro até as minhas origens.

Expliquei a ele sobre o desenho e o que ele representava para mim.

— Fico feliz que tenha seguido os sinais que o universo lhe mostrou.

E depois, sorrindo prosseguiu:

— Continue assim e será capaz de acessar a Alma do universo. Lá é onde tudo está escrito: Passado, presente e futuro.

O que ele me disse fez-me recordar do que a filósofa me contou sobre o campo das ideias. É curioso como eles pareciam sempre falar a mesma coisa, porém utilizando-se de palavras diferentes.

— Obrigado! — falei um pouco envergonhado — Mas não sou como você. Não sei entender o que o universo quer me dizer. Por muito pouco eu não estaria vivendo nada disto. Na verdade, eu não estaria vivendo coisa alguma.

— Por quê?

Contei-lhe a história da passarela e depois concluí:

— Eu poderia estar morto.

O estranho peregrino olhou-me e disse:

— E quem disse que você não morreu naquele dia?

— Como assim?

— Existem muitas formas de se morrer. Aquela é uma delas. Já morremos e morreremos muitas vezes. Chamamos isso de transformações, ciclos.

Talvez ele tivesse razão, pensava eu.

— Desde que comecei a fazer este caminho sinto-me diferente. Aprendi sobre liberdade e determinação. Vejo coisas que antes me escapavam aos olhos, como a beleza da natureza e a simplicidade das pequenas realizações. Porém tenho medo de voltar a ser quem eu era. De não ser forte o suficiente.

— Você passou a sentir a chama que vive dentro de você. Contudo, se realmente quiser encontrar o que busca, seja generoso consigo mesmo. Não duvide de você.

Estávamos bem próximos do albergue.

Andávamos por uma rua estreita. As casas todas de pedra. Exceto por nós, havia um total silêncio.

— É aqui! — disse ele referindo-se ao albergue.

— Sim! É aqui. E você, para onde vai agora?

— Voltarei de encontro a mim mesmo — falou sorrindo. — Mas algo me diz que nos veremos em breve.

Eu sorri e me despedi do estranho peregrino.

Entreí no albergue. Era um dos mais bonitos em que estive até então. O interior do quarto era de pedra. Os beliches estavam quase todos ocupados. Deixei minhas coisas ao lado de onde iria dormir e fui tomar um banho. Estava fazendo um lindo final de tarde. Havia algumas cadeiras no jardim. Sentei-me em uma delas. O sol aquecia meu corpo do ar fresco que se formava. Ali perto havia uma garota. Começamos a conversar. Disse-me que era da Inglaterra e estava fazendo o caminho do Norte.

— Este é um trajeto muito extenso. Por quanto tempo já está andando?

— Há algumas semanas — respondeu-me sorrindo.

Em seguida continuou:

— Muitos nos acham loucos, por passar tantos dias andando. Por caminhar tantos quilômetros.

Eles falam: “Por que não viaja até uma linda praia e fica lá descansando ou aluga um carro e vai direto a Santiago de Compostela? Por que perder tanto tempo andando?”. A verdade é que existe uma força que não somos capazes de explicar.

Lembrei-me das palavras do estranho peregrino.

— Enquanto percorremos o caminho, passamos a sentir a chama que vive dentro de nós.

— Sim! É uma energia e um conhecimento diários que somente vivendo para saber.

— E aqui você nunca sabe o que acontecerá ou quem conhecerá. Tudo é uma surpresa, é mágico.

— Perfeito! E não se pode viver isso sem desacelerar. Sem curtir o que o caminho tem a lhe oferecer — completou.

Ela disse-me que faria aniversário em três dias. E desejava comemorá-lo em Santiago. Que esse seria o presente que ela daria a si mesma.

— Sua chegada será muito especial.

Ela sorriu e concordou.

Cada um de nós tem sua história, seus sonhos.
Somos como universos. Andarilhos da vida.
Sentia-me sempre entusiasmado quando
momentos como aqueles aconteciam.

Após algum tempo fomos jantar. Todos jantamos
juntos em uma grande mesa. Foi muito divertido.
Comemos bastante e tomamos vinho.
Foi um dia incrível e cheio de boas surpresas.

Acordei. A garota da Inglaterra já tinha partido. Saiu antes do dia amanhecer. Eu arrumei minhas coisas. Comi um lanche que tinha preparado no dia anterior e comecei a caminhada em direção a Lugo. No caminho passei por mais uma grande casa abandonada e perto, um lago com um ar misterioso. Algum tempo depois, um gato começou a me seguir.

— Ei, gatinho! Tudo bom, amiguinho? Quer fazer o caminho de Compostela? — brinquei.

Ele andava entre minhas pernas. Eu tinha que tomar cuidado para não tropeçar nele. Ele não parecia querer ir embora.

— Se brincar com ele, não te deixará nunca — comentou sorrindo um dos dois senhores que vinham em minha direção.

A princípio pensei que fossem o dono do gato, mas eram na verdade, outros peregrinos. Aproveitei a distração do gato e segui.

— Acho que é um gato peregrino — comentei.

Eram dois senhores espanhóis. Eles seguiam apressados. Queriam chegar ao albergue municipal. Andavam de forma engraçada. Eles disseram onde viviam. Um deles, não muito distante de onde nasceu minha família, por isso comentei com eles sobre os três caminhos.

— Ainda vivem parentes seus lá?

— Sim! Ainda vivem!

Um deles então me disse:

— Seus parentes podem ficar assustados achando que você quer algo.

Depois concluiu:

— Espero que você encontre o que está buscando.

Aquelas palavras me deixaram confuso. Por isso preferi o silêncio. Eles então voltaram a falar sobre assuntos aleatórios e sem muita importância somente para passar o tempo.

— Vocês andam bem apressados.

— Queremos chegar logo.

Eles eram boas pessoas. Formavam uma grande dupla. Pensei que fossem amigos de

muitas décadas, porém disseram-me que se conheceram no caminho. Enquanto se distraíam com uma conversa sobre cachorros eu desacelerei meus passos. Quando notaram minha ausência já estavam distantes. Voltei a seguir calmamente apreciando o caminho até que cheguei a Lugo. Era uma grande cidade. O albergue onde eu passaria a noite ficava dentro das grandes muralhas. Eram muito bonitas e imponentes. Na cidade quase tudo estava fechado porque era domingo, mas com ajuda, encontrei um mercadinho onde comprei algumas coisas para fazer minha comida. No albergue em que estava encontrei com a Demy. Combinamos então de darmos uma volta mais tarde. Fomos conhecer a enorme Catedral e o museu de Lugo. Para peregrinos o valor era menor. Na volta, começou uma apresentação na rua, com músicas típicas gallegas. Foi muito bonito. Admirava a alegria com que cantavam e dançavam. Lembrava-me dos povos pagãos em suas aldeias e festas. De volta ao albergue, comi a empanada que comprei mais cedo. Sempre que comia uma, recordava-me de minha avó e de suas empanadas. Eram as melhores que já existiram.

— E onde estará o estranho peregrino? Acho que ele combina com este lugar, com estas muralhas. Às vezes eu acho que ele é tão antigo quanto elas... Bom, o que sei é que amanhã seguirei até Ferreira. Serão quase trinta quilômetros. Porém hoje, só me resta ir até o quarto, preciso dormir. Estou bem cansado.

Assim que o dia amanheceu eu deixei a cidade de Lugo. Passados alguns quilômetros, senti novamente o ar primitivo do caminho, na medida que seguia em meio a natureza, passando por pequenos vilarejos e fontes de água para beber. Durante o caminho muitos pensamentos surgiram e um cansaço passou a se abater sobre mim. Já havia percorrido uma longa distância até chegar em San Román Retorta. Vi uma placa. Ela indicava a existência de uma igreja, ou como dizia: a paróquia de Santa Cruz da Retorta.

— Será que devo ir?

Parei e olhei nas duas direções. Minhas duas opções estavam diante de mim.

— Estou aqui pelo caminho! — disse a mim mesmo firmemente. — Estou aqui para caminhar!

Adentrei, andei por algum tempo até que encontrei dois senhores que conversavam e ao me verem, um deles disse:

— O caminho não é por aqui!

- Eu sei! Gostaria de conhecer a igreja.
- Ela fica por ali!
- Está longe?
- Não! Quatrocentos metros, aproximadamente.
- Obrigado!
- Por nada! Bom Caminho!

Eu fui até lá. Não havia ninguém. Um caminho silencioso, exceto pelo canto dos pássaros. Cheguei até a igreja. Há um pequeno cemitério em volta. Observei por algum tempo e depois voltei. No retorno, encostei-me em uma pequena mureta formada por pedras para descansar um pouco.

— Este lugar é muito bonito, sinto paz, mas também cansaço. Meus pés doem e mentalmente estou confuso.

Encostei meu cajado e deixei a mochila no chão, ao meu lado. Respirei profundamente. Olhei ao meu redor e confirmei que não havia mais ninguém ali.

Novamente respirei de maneira profunda e olhei para o céu. Sentia-me tão pequeno...

— Universo, queria lhe falar. Fazer muitas perguntas. Queria lhe escutar, saber o que pensa de mim. Saber se estou acordado ou dormindo, agindo certo ou errado.

Fechei os olhos. Não tinha vergonha de falar em voz alta o que surgia em minha mente, afinal, estava sozinho. Não havia espaço para vergonha nestes momentos.

— Será que se eu me concentrar poderei acessar a alma do universo, como falou-me o estranho peregrino, ou o campo das ideias, como disse-me a filósofa? Dessa maneira terei certeza sobre mim e o que devo fazer.

Não sabia como começar. Lembrei-me das músicas calmas e mantras que escutava quando me sentia muito ansioso.

— Vou respirar e escutar os sons à minha volta.

A própria natureza parecia cantar em meus ouvidos. Respirei, relaxei. Fiquei assim por algum tempo, não sei quanto. Em seguida abri vagorosamente os olhos. Esperava que algo

fosse acontecer. Quem sabe uma voz ou imagem.

— Nada! Nada aconteceu.

Sorri. Estava um pouco desapontado. Havia criado muita expectativa.

— Não foi dessa vez.

Peguei minha mochila e cajado, tomei um pouco de água e voltei a caminhar. Notei que meus pés não estavam mais doendo.

— Foi bom descansar. Estou mais disposto.

Peguei da árvore duas maçãs. Uma coloquei na mochila, enquanto comia a outra.

Havia acabado de retomar o caminho de Santiago quando escutei passos. Alguém se aproximava. Era uma garota. Começamos a conversar. Ela tinha vinte e poucos anos. Chamava-se Nell. Nasceu e vivia na Irlanda.

— Você está gostando do caminho? —
perguntou-me

— Estou aprendendo muito com ele.

— Eu também.

— É curioso como por aqui tudo é muito forte.

Muitas sensações se misturam.

— Concordo com você. Muitos momentos alegres. Conhecemos pessoas, porém, às vezes minha mente muda e começa a tentar me fazer desistir.

— Eu entendo o que você quer dizer. Passamos a duvidar do que estamos fazendo.

— Isso mesmo! Sempre que isso acontece eu fico mentalmente cantando mantras Hare Krishna. Isso me fortalece. Faz minha vibração mudar.

Eu conhecia alguns e comecei a cantar.

— Você também sabe! — falou-me surpresa.

Eu sorri e acenei com a cabeça.

— Conheço apenas essas.

Paramos de falar por um breve tempo até que ela rompeu o silêncio:

— Eu acho que existem verdades em todas as religiões. Só que não gosto das que nos mantêm presos à culpa.

— Tornando-nos dependentes delas para que possamos encontrar a Deus — completei.

— Exato! Deus está em tudo, está em você. A religião deve te ensinar isto.

— Algumas têm imagens que me fazem ficar angustiado.

— Fazem você se sentir culpado, não é mesmo? Um eterno pecador.

Depois concluiu:

— Deus é alegria e não sofrimento. Deus é amor. Por isso, se você me perguntar qual a minha religião, eu lhe direi: Amor. Pois este é o caminho até Deus.

Após refletir um pouco eu disse:

— Eu penso que é muito mais nobre um ateu que seja uma pessoa do bem, que ajude ao próximo, e neste caso sem esperar nada em troca, afinal não tenta agradar a nenhum Deus, do que um religioso que busca impor suas verdades sobre os demais achando que está

fazendo a vontade de Deus e assim,
conquistando o seu lugar no paraíso.

— A religião deve ser o instrumento da liberdade do ser. De sua transformação.

— Gosto da história dos povos pagãos que conseguiam enxergar o sagrado através da natureza.

Depois lembrei-me que ela era irlandesa:

— Você deve saber bastante sobre a história dos Celtas.

Ela disse-me que sim e prosseguiu:

— As mulheres Celtas eram reconhecidas como sagradas — falou-me de forma séria. —

Também assumiam poderes de liderança sendo rainhas, druidas. Diferente do que acontece em muitas religiões tradicionais, nas quais as colocam como meras coadjuvantes da história.

— Acho que a capacidade de pensar é uma das ferramentas mais poderosas da liberdade.

Ela sorriu e disse:

— Você tem razão! Ela é! Por isso temos que trocar a culpa por responsabilidade. Você só poderá fazer isso quando for capaz de pensar,

de questionar. Quando for verdadeiro consigo mesmo. Quando despertar.

Paramos por um instante e eu falei:

— Sabe, para mim, esta é uma das maiores magias do caminho.

Ela olhou-me curiosa tentando entender o que eu queria dizer.

— Eu aprendi que muitas vezes ele é solitário, porém sempre nos presenteia com alguém especial. Como uma força que nos atrai. De maneira que possamos partilhar o que pensamos e sentimos.

Ela sorriu, concordou e disse:

— Você seria um bom poeta.

Sorrimos e continuamos a caminhar.

Chegamos em Ferreira. Paramos para comer em um bar. Conversamos por mais algum tempo e depois ela seguiu. Para ela faltavam ainda mais seis quilômetros até seu albergue.

Aproveitei o resto do dia para lavar roupa, jantar e descansar sentado em um banco comendo uvas e olhando para a lua.

— Amanhã o destino será Melide. Vai ser um trajeto mais curto do que foi hoje, por volta de vinte quilômetros até lá. Contudo, não me importa a distância.

Eu permanecia ali sentado olhando para a lua, enquanto recordava-me de tudo o que havia acontecido.

Logo pela manhã fui tomar café no albergue. Coloquei alguns lanches na mochila e depois iniciei a caminhada. Em alguns momentos andei pela estrada, mas em grande parte, pela natureza. Faltava ainda pouco mais da metade do trajeto quando notei em minha mente, pensamentos estranhos. Eu comecei a ficar tonto. Eram como vozes tentando me fazer sentir mal. Meus passos tornaram-se lentos e meu corpo pesado.

— O que está acontecendo? Que sensação ruim é essa?

Eu fazia força e apoiava-me em meu cajado. Não queria parar. Não queria escutar, não queria sentir aquilo. Minha respiração ficou difícil. Não percebi quando tudo aquilo começou, mas já estava quase me sufocando.

— Calma! — tentava dizer a mim mesmo.

Olhei ao redor, não havia mais ninguém. Na minha frente o caminho se perdia no horizonte. Eu quase conseguia escutar uma voz pedindo para que eu desistisse.

— Eu não vou parar! Não vou desistir!

Respirei e então passei a me concentrar. Segurei firmemente meu cajado com ambas as mãos e o coloquei tocando sobre minha testa. Respirei e comecei a pedir proteção a Deus, ao caminho, aos guardiões dos peregrinos, à natureza. Pensei em meus avós. De repente, senti como se todos estivessem ali, ao meu lado, caminhando comigo. Minha família, meus amigos, a filósofa, o estranho peregrino. Eu não estava só. Éramos muitos. Eu não os via, porém podia senti-los. Eles me impulsionavam. Davam-me força. Eu toquei novamente o cajado no chão e segui dando um passo e depois outro. Meu corpo e alma estavam repletos de energia e certeza. Nada poderia me parar. Nenhum pensamento, nenhuma sensação ruim. Aquela angústia foi embora. Eu me senti bem novamente. Andava devagar apreciando as belas paisagens do caminho. O dia estava lindo. Havia uma folhagem amarelada ao meu redor e adiante, uma espécie de colina, na qual o caminho margeava à esquerda. Sobre ela, grandes pedras brancas se destacavam, além de uma vegetação verde. Assim que me

aproximei mais, vi, sentado em uma das pedras, o estranho peregrino, que me parecia aguardar.

— Olá, rapaz!

— Oi! Fico feliz em lhe ver.

— Como tem passado?

— Estou bem. Tenho aprendido a seguir com mais firmeza — respondi lembrando-me do que havia passado naquela manhã.

— Eu sei que sim! — disse-me sorrindo. — Está aprendendo a combater o bom combate.

— Bom combate? O que quer dizer?

— É aquele que é travado em nome de nossos sonhos.

Será que ele sabe o que aconteceu?

Ele sorriu novamente.

— É ele que tornará possível viver a sua lenda pessoal.

Enquanto conversávamos seguíamos por uma floresta de eucaliptos. Todas aquelas árvores enfileiradas, com seus troncos finos e folhas verdes exalavam um perfume que mexiam comigo, de alguma forma, fazendo com que

minha mente ganhasse voo através de pensamentos.

— O que quer dizer com lenda pessoal? Seria o sentido da vida?

— Sim! Exatamente. É o nosso propósito.

— E como eu saberei que estou vivendo minha lenda pessoal?

— Você sentirá àgape, o entusiasmo pela vida, a chama que vibra dentro de você.

Lembrei-me das palavras da filósofa.

— A filósofa me disse que o sentido de nossas vidas é ajudar ao próximo. Que não se trata mais de você. Que todos somos um. Mas não me sinto capaz de ajudar alguém. Não sou como você ou a filósofa.

— Mas ninguém lhe está pedindo mais do que você pode dar. Apenas que viva sua lenda pessoal.

Neste momento ele parou, olhou em meus olhos e completou:

— É através de sua lenda pessoal que Deus opera seus milagres.

Em seguida ele voltou a andar. Não esperava de mim nenhum comentário. Ele sabia que eu necessitava de um tempo para compreender a profundidade de tudo o que me havia dito. Por isso, eu apenas o acompanhava e observava aqueles eucaliptos, todos uniformes. Pareciam guardiões protegendo-nos para que ninguém interferisse em nossa conversa.

Chegamos em Melide.

— É uma cidade grande. Há muita gente e carros por aqui — comentei um pouco descontente.

— Sim! Há muito mais pessoas. Aqui é onde os caminhos primitivo e francês se encontram.

— Eu não gosto quando há muita gente. Sinto-me um pouco tonto. Não sei explicar.

— Você precisa aprender a se sentir bem aonde quer que esteja.

Andamos por mais algumas quadras até que eu encontrei algo que me fez sentir bem novamente.

— Sabe, tem uma coisa que eu gosto em cidades grandes — falei sorrindo.

— O que é?

— São os mercados. Eles são grandes. Tem muitas opções para comprar comida e são mais baratos.

Ele sorriu e balançou a cabeça. Acho que ele julgou um pouco idiota o que eu falei.

— Está certo! Vá até lá.

— Você não vem?

— Eu não. Acho que já conversamos bastante por hoje. — sorriu novamente. — Agora eu tenho outras coisas para fazer.

O que será que ele tem para fazer?

— Nos veremos amanhã?

— Pode ser que sim. Pode ser que não.

Sorriu outra vez e foi embora.

Eu comprei o que precisava e fui ao albergue.

Tomei um banho e jantei. Estava no quarto, deitado na cama, pensando. O próximo destino seria Arzua, outra cidade onde haveria muita gente.

— E se eu ficar em um lugar próximo, que seja menos povoado?

Eu pesquisava no mapa, através do celular, buscando por um lugar mais tranquilo.

— Esse lugar parece bom!

Tratava-se de um vilarejo chamado Ribadiso. Ficava a apenas três quilômetros antes de Arzua. Observei também que a distância a percorrer no dia não seria muita, apenas catorze quilômetros.

— Acho que encontrei um lugar para fugir da multidão — comentei sorrindo.

Satisfeito, desliguei o celular e fui dormir.

Comi um lanche e assim que amanheceu o dia, segui em direção a Ribadiso. Pelo caminho havia muita gente, todos apressados. Eu senti uma agitação no ar. Aquilo me deixou um pouco tonto. Houve um momento, logo nos primeiros quilômetros, em que se poderia escolher entre dois caminhos. Notei que, por alguma razão, todos seguiam pela direita, então fui pela esquerda.

— Não escuto mais pessoas falando, nem passos apressados. Que maravilha!

Aquele cenário silencioso me lembrou o caminho primitivo de antes. Silêncio, natureza e contemplação.

— Vou andar bem devagar para aproveitar ao máximo esta paz, antes que os caminhos voltem a se tornarem um só outra vez.

Aqueles minutos em que percorri sozinho fizeram-me sentir bem, porém pouco tempo depois ele juntou-se novamente ao outro. Eu permaneci caminhando por alguns quilômetros até encontrar uma pequena ponte romana. Ela

indicava que meu albergue estava próximo. Eu havia chegado em Ribadiso.

O lugar era calmo, parecia uma casa de campo. Deixei minhas coisas ao lado de uma das camas, preparei algo para comer e depois fui lavar minhas roupas. Eu as estendia no varal quando vi o estranho peregrino, próximo aos lençóis que lá já estavam. Ele olhava para mim. Não parecia muito contente. Apesar do sol, ventava bastante. Isso fazia com o que todas as peças de roupa penduradas se movessem a todo momento. Ver aqueles lençóis tão próximos dele, lembrou-me daquelas fantasias de fantasmas. Porém, apesar de engraçado, eu preferi não fazer nenhum comentário.

— O que você faz aqui?

— Não quis continuar. Tinha muita gente.

— Mas se não for hoje, terá de ir amanhã. Qual a diferença?

Eu não lhe respondi nada. Andamos até a ponte romana, onde eu estive mais cedo. Abaixo havia um pequeno leito de rio. Sentamos na margem e continuamos a conversar.

— E se eu caminhar tudo o que falta até Santiago, amanhã mesmo?

— E por que vai fazer isso?

— Eu já lhe disse. Não gosto quando tem muita gente. Não me sinto bem. É muita falação, barulho, pressa.

Ele olhou-me e disse:

— Tudo o que acontece no caminho é um aprendizado. Se muitas pessoas passam por ele, é porque tem algo a lhe ensinar.

— Mas eu não vou desviar de meu caminho. Só vou acelerar.

— Você pode fazer as escolhas que quiser — comentou — Mas aquilo que não aprender tornará a se repetir em seu caminho. Não pode fugir de suas lições.

— Não é uma fuga — falei sem paciência.

— É claro que é.

Ele parou um momento e depois prosseguiu:

— Se estiver bem consigo mesmo não será afetado por nada externo.

— E o que você quer que eu faça? Que eu finja que me sinto bem?

— Você precisa se concentrar mais no caminho e perder menos o foco. Você acredita nele quando algo que lhe agrada surge, mas do contrário, tenta fugir.

Eu atirava algumas pequenas pedras no rio enquanto pensava no que me havia dito.

— Eu sei o que você quer dizer, porém não é fácil.

— Apenas faça a sua parte. Caminhe!

Em seguida se levantou, subiu a rampa e atravessou a ponte em direção ao outro lado. Porém, antes que eu não pudesse mais vê-lo, ele disse em voz alta:

— Você tem que se lembrar da razão que te trouxe até aqui. Esta é a sua conexão com o caminho. E isso ninguém pode lhe tirar. Esquece tudo o que te distrai e pensa em você e no caminho.

E então, finalmente ele se foi.

— Como me sentir bem no meio de tanta gente?
Nem consigo ouvir o canto dos pássaros ou tirar
uma simples foto sem que alguém apareça.

Atirei mais uma pedra. Ela quicou algumas
vezes na superfície da água, antes de afundar
no rio. Depois voltei ao albergue. Já estava
anoitecendo. Jantei e fui me deitar. O destino do
dia seguinte seria Pedrouzo.

Comecei a caminhar por volta das nove da manhã. O dia estava bonito, apesar do vento frio.

No início não havia muita gente, contudo logo isso mudou. Pessoas apressadas falando ao telefone, ciclistas pedindo passagem e grupos vindos de excursões partilhavam o trajeto. Em alguns pontos formavam-se congestionamentos. Havia também muitas cafeterias e restaurantes por todo o caminho. A energia mudou completamente.

Eu sabia que seria assim. Que eu teria que encontrar a sensação de paz, que tão facilmente sentia nos bosques mágicos, ali, naquele lugar repleto de pessoas.

Continuei caminhando. Passei a concentrar-me mais em mim e a ignorar tudo à minha volta. Contudo, com o tempo, esse esforço deixou-me cansado, então resolvi sentar-me um pouco, apoiando-me a uma pedra. Alguns instantes depois surgiu uma mulher. Aproximou-se e perguntou:

— Está tudo bem?

Ela caminhava só. Tinha na mochila uma pequena bandeira do México e uma bandana amarrada à cabeça.

— Estou bem sim!

— Eu notava você caminhando, parecia agoniado.

— É que, na verdade... — eu não sabia como dizer. — ... Sinto-me tonto quando tem muita gente.

Ela sorriu.

— Eu entendo o que quer dizer. Queremos um momento de paz e tudo que escutamos são vozes e pessoas apressadas.

— Sim! É isso mesmo.

— Mas faz parte do caminho — disse sorrindo novamente — O que se pode fazer?

— Você parece conseguir manter-se bem — comentei na expectativa de que ela pudesse me revelar algum segredo.

— Este caminho é como a vida. Todos aqui seguimos por ele, alguns apenas o percorrem, outros já são capazes de vivê-lo. Porém, tudo tem seu momento.

— Como vivê-lo se não se pode nem caminhar tranquilamente?

— Mar calmo não faz bom marinheiro —
respondeu-me.

Em seguida estendeu-me a mão. Eu me
levantei.

— Vamos! Caminhando sempre!

Deu-me uma pequena flor que levava em uma
das mãos e seguiu.

Eu sorri. Entendi o que ela quis me dizer. Tentar
ignorar tudo à minha volta não tornaria nada
mais fácil, ao contrário, eu permaneceria
agoniado e deixaria de perceber o que o
caminho me reserva. É como disse o estranho
peregrino. Precisava confiar no caminho.

Continuei andando. O frio estava aumentando e
eu sentia umidade no ar.

— Acho que mais tarde irá chover.

Outros quilômetros se passaram. Eu estava mais
tranquilo, porém, era difícil não comparar com os
dias anteriores. Alí, havia um homem que
caminhava sozinho. Ele, quando me viu,

aproximou-se. Começamos a conversar. Falava-me de tempos passados, histórias antigas. Falou-me dos sangues derramados e fogueiras acesas.

— O passado guarda também muita escuridão.

Ele se referia a inquisição. Dizia que a igreja considerava como bruxaria todos os atos que não correspondiam ao que era pregado pelo cristianismo. Fossem outras religiões ou mesmo, curandeiros, místicos. As mulheres que se expressavam eram associadas a bruxas. Completou dizendo que na Espanha a inquisição ocorreu mais por questões políticas através dos reis, do que pela igreja. O ataque estava mais direcionado aos Marranos, que eram judeus convertidos e aos Moriscos que eram os mulçumanos convertidos. Eu apenas escutava, não sabia o que dizer.

— Parece que todos os caminhos levam a Roma, de uma forma, ou de outra. Não é mesmo? — completou.

Depois despediu-se e foi embora, da mesma forma que surgiu.

— Ele tem razão — falei angustiado.

O que me falara, aprendi nos livros, mas era estranho associar aquele passado aos caminhos que eu estava percorrendo. Comecei a me questionar sobre o que eu estava fazendo. Passei a caminhar mais lentamente e senti o frio me envolver. Tudo parecia ter perdido o sentido.

Andei por mais um tempo. Um lugar bonito surgiu. Tal como aqueles bosques encantados de antes. Senti-me voltando no tempo. O túnel formado pelas árvores, a folhagem amarelada, o musgo nas pedras e as folhas secas por onde eu pisava. O vento fazia com que outras se juntassem a elas, como uma neve de folhas. Havia um grande tronco caído na margem do caminho. Sentei-me e coloquei ao meu lado, o cajado e a mochila. Era tudo tão bonito que por um momento esqueci da tristeza que sentia.

Algumas pessoas passavam. Eu não me incomodava com elas. Fiquei um tempo ali, apenas pensando.

— Tem dias que o aprendizado é grande, não é mesmo?

Era o estranho peregrino. Sentou-se do meu lado.

— Talvez até demais.

Falei-lhe sobre a conversa que tive. Do passado, das injustiças e maldades que aconteceram pela igreja. Disse que não via mais sentido em ir até a Catedral.

— Por mais crueldade que tenha ocorrido, eles nada puderam fazer com aqueles que viviam sua lenda pessoal.

— Como não podiam, se eles mandavam à fogueira todos os que eles julgavam como hereges?

Ele olhou-me nos olhos e disse-me com a voz firme:

— Joana D’arc foi queimada na fogueira acusada de bruxaria, mas sua bravura e seus ideais jamais morrerão.

— Marguerite Porete. Foi uma francesa que viveu no século XIII. Ela desafiava a igreja com seus pensamentos sobre a espiritualidade. Ela

acreditava que o homem não precisava de nenhum intermediário para falar com Deus. Foi queimada na fogueira, mas o seu livro “O Espelho das Almas Simples”, que fala sobre temas profundos, como o amor e o caminho interior que leva o homem ao divino, este, segue até hoje. Foi escrito à mão e traduzido em diversas línguas, escondido por pessoas que acreditavam e reconheciam a profundidade de sua obra. Ainda que isso lhes custasse o mesmo fim que Marguerite Porete teve.

— Giordano Bruno, outro místico, com suas crenças revolucionárias a respeito dos planetas e do infinito do universo. Quando foi sentenciado à fogueira, disse aos juízes que jamais renunciaria às suas ideias e valores, disse a todos eles: "Talvez vocês, meus juízes, pronunciem essa sentença contra mim com maior temor do que eu a recebo."

— Nem mesmo os templários, que também foram sentenciados à fogueira, morreram de fato, pois ainda vivem na espada daqueles que seguem seus ideais.

Parou por um instante e continuou:

— Não deixe que teus passos se percam por conta da maldade e da escuridão, e nem que tua fé vacile, pois ela é o caminho que vai direto a Deus.

E olhando em meus olhos ele concluiu:

— Você tem um caminho a percorrer, rapaz.
Então vá!

Levantei-me. As folhas continuavam a cair e o ar parecia estar ainda mais frio. Peguei minhas coisas em silêncio e comecei a andar. O peregrino permaneceu sentado, acompanhando-me com os olhos. Acho que ele sabia que eu não queria conversar. Bastou alguns minutos para deixar aquele jardim e seguir pelo asfalto até chegar a cidade de Pedrouzo. Lá encontrei meu albergue, onde deixei minhas coisas e fui a um mercado. O céu estava escuro, mesmo não sendo tarde.

De volta ao albergue, observava da janela a chuva que caía e lembrava que estava chegando ao fim o primeiro dos três caminhos. O que antes eram centenas de quilômetros, reduziram-se a apenas alguns. Minha mente estava confusa e

meus sentimentos também. Por isso não sabia dizer o que sentia e nem queria pensar a respeito. Observar a chuva, para mim, era o que de melhor poderia fazer, porque dava-me esperança e me permitia sonhar.

Levantei, ainda era de madrugada. Todos já estavam acordados e agitados para começar a andar. Olhei para o céu e vi a lua.

— Será que devo ir mais cedo?

Apesar de preferir caminhar com a luz do dia, para observar melhor a natureza, neste dia algo parecia me intuir para sair mais cedo, então preparei-me e fui.

Enquanto estava na cidade era fácil encontrar as vieiras que me indicavam o caminho, porém, quando entrei na mata dei-me conta de como a escuridão tomava conta de tudo e eu não levava comigo nenhuma lanterna. Eu pensei em usar meu celular, mas isso consumiria a bateria.

— Será que é melhor esperar até o dia amanhecer?

Observei uma pequena luz distante, que se afastava vagarosamente. Eram pessoas com suas lanternas.

Aproximei-me e sem falar nada, eu as seguia, sempre mantendo uma certa distância. Era uma

sensação diferente, de medo e coragem. Eu mal conseguia ver o que estava diante de mim e meu coração acelerava a cada passo que eu dava, parecia que eu estava desbravando terras desconhecidas ou mergulhando nas profundezas do oceano. Eu escutava sons e via vultos.

Em determinado momento aquelas pessoas pararam e eu percebi que mais adiante havia outro ponto de luz, outra lanterna, então continuei. Foram algumas centenas de metros. Talvez uns vinte minutos andando até que surgisse o sol.

Enquanto seguia andando, já acompanhado da claridade do dia, vi muitos rostos que já me eram familiares, que conheci ao longo do caminho. Todos, assim como eu, chegavam ao seu destino. Dentre eles, a mexicana. Ela sorriu e disse-me que nesta noite a lua estaria completamente cheia. Que era um dia especial.

Houve muitos momentos de grande beleza pelo caminho. O sol parecia nos abençoar. Ele surgia entre as árvores e tornava ainda mais linda aquelas folhas amareladas do outono. Eu respirava fundo e me mantinha conectado com a

natureza. Olhava com grande carinho para minha mochila e cajado. Eles representavam muito para mim.

Em um momento, próximo de onde caminhava, em meio a natureza, um homem tocava músicas celtas com sua gaita escocesa. Aquele som que se misturava ao canto dos pássaros me fazia perceber uma nova energia que surgia e passava a me envolver, lembrando-me que um segundo caminho logo iria começar. Eu não tinha pressa. Queria aproveitar cada instante daquela magia.

Passado algum tempo, eu estava na cidade de Santiago, a poucas quadras de meu primeiro destino. Havia muitas pessoas que chegavam vindas de diversos caminhos diferentes. Alguns mais longos que o meu, outros mais curtos.

Porém a emoção parecia ser a mesma.

Eu cheguei. Estava diante da Catedral. Ela era linda e enorme. Uma grande praça abrigava-nos a todos. Pessoas chegavam com lágrimas nos olhos, enquanto outros vibravam com sorriso no rosto. Alguns deitados, outros sentados, muitos caminhavam e tiravam fotos. Eu fiquei em pé, apoiado em meu cajado, ainda com a mochila nas costas, apenas a observava. Sentia um

pouco de tristeza porque era uma fase que chegava ao fim. Mas também, gratidão pelo caminho, por tudo o que aprendi, pelas pessoas que conheci, pelos lugares que visitei. A Catedral representava-me o destino, e eu estava feliz por estar lá, porém era no caminho que morava a magia que eu aprendi a amar.

Algum tempo depois escutei uma voz:

— Ela é linda!

Olhei para o lado. Era o estranho peregrino.

— Algo me dizia que eu lhe encontraria aqui! — falei sorrindo. — É sim! Ela é muito bonita.

Ele estava ao meu lado, contudo mantinha-se com o olhar fixo na Catedral. Pareciam dois velhos conhecidos.

— Venha! — disse ele. — Está na hora de conhecer o anfitrião.

Não era possível entrar na Catedral com a mochila e o cajado, por isso, antes, deixei-os em um local próximo e seguro. Voltamos e seguimos até uma entrada lateral onde havia uma fila.

— Primeiro verá seu sepulcro e depois abraçará sua imagem. A do apóstolo Santiago ou São Tiago “O maior”.

Entramos, passamos por um local estreito e à nossa esquerda, vimos o seu túmulo. Depois, subimos alguns degraus e lá estava a imagem. Eu a abracei e agradei. O estranho peregrino colocou a mão em seu ombro por alguns instantes e abaixou a cabeça em sinal de respeito e devoção. Saímos de lá em silêncio até que ele me disse:

— Vamos! A missa dos peregrinos vai começar.

Partimos em direção a entrada principal da Catedral. Já havia muitas pessoas sentadas. Encontramos um local, porém em pé, próximo a uma das grandes pilastras. No início foram dadas as boas vindas a todos os peregrinos que chegaram, dizendo nossas nacionalidades e a origem dos caminhos. A missa prosseguiu por quase uma hora, terminando com um grande incensário, chamado de Botafumeiro. Como um enorme pêndulo, ele ia de um lado a outro, percorrendo pelo centro da Catedral. A fumaça e o cheiro do incenso envolvia-nos a todos. Após

isso, todos se levantavam e se dirigiam para a porta. Havia chegado ao fim o cerimonial. Eu preparava-me para fazer o mesmo, porém notei que o estranho peregrino continuava imóvel olhando para o altar.

— A missa acabou. Você não vem?

— Pode ir, rapaz! Eu vou ficar mais um tempo aqui.

Eu me despedi e segui, como as demais pessoas faziam. Percebi que o estranho peregrino tinha uma grande ligação com aquele lugar. Eu precisava respeitar o seu momento.

Em seguida peguei minha mochila e cajado e fui à oficina do Peregrino, apresentei minha credencial, agora repleta de selos carimbados, registrando os lugares por onde passei, e recebi a Compostelana, que é um certificado dado aos peregrinos que chegam até lá. Peguei também a credencial para o caminho de Finisterra e fui em direção ao meu albergue. Um local mantido pela igreja. Ele é imenso e muito bonito.

No caminho, vi uma imagem de Afonso II. Lembrei-me do que lhe havia dito ainda em

Oviedo. Eu me aproximei e, como se fossemos amigos, falei:

— Está vendo Afonso, também cheguei. Olha eu aqui! — e sorri.

Era final de tarde quando saí para ir ao mercado. Comprei algo para jantar e para fazer os lanches do dia seguinte. Eu senti uma grande alegria em mim.

— Acho que hoje é um dia de festa!

Comprei alguns doces como brownie de chocolate para comemorar. Enquanto voltava ao hostel, a noite havia surgido e com ela, a lua. Estava enorme. Lembrei-me do que me havia dito aquela moça mexicana. Ela estava certa. Era mesmo uma noite especial. Eu parei e fiquei admirando, imaginando. Quase sonhando. Talvez de tão alta nem me veja, pensei. Mas quis lhe fazer um pedido mesmo assim:

— Às vezes, pensamentos ruins e medos começam a nos rondar e quando nos damos conta, estamos tristes e acabamos desistindo da

vida. Por isso, eu lhe peço para que eu tenha sempre comigo, a leveza e a alegria da criança, que não tem medo de sonhar e nem de viver os seus sonhos. Porque se a fé é o caminho que vai direto a Deus, então a alegria é uma das mais fortes orações que existe.

Estava de volta ao meu quarto. Pela primeira vez não o dividia com ninguém. Era pequeno, mas para mim parecia um palácio. Havia uma cama e uma mesinha onde coloquei os doces. Era por volta das nove horas quando eu comecei a comê-los. Coloquei também uma música, que tocava através do celular. Neste momento, uma pequena mariposa branca veio à janela.

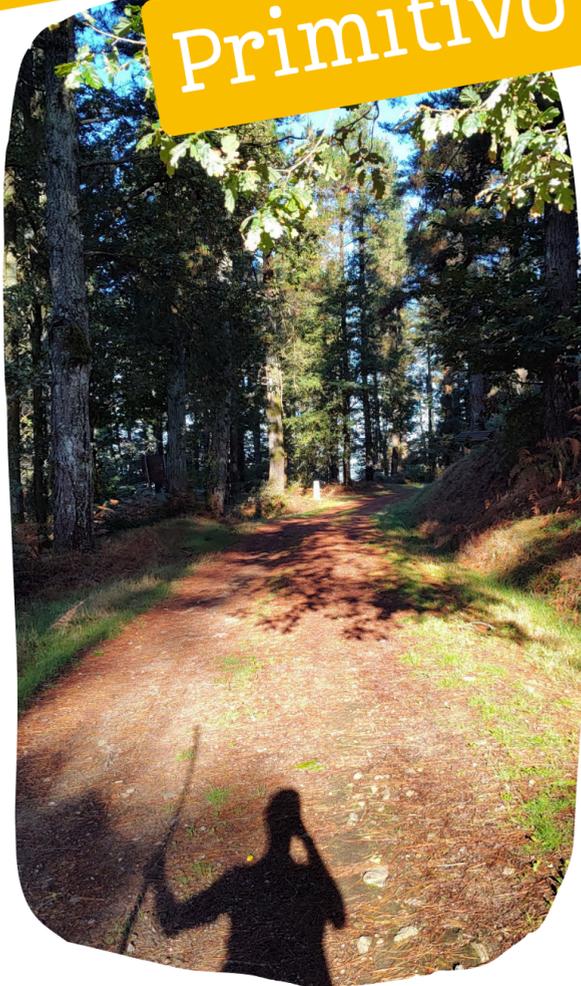
— Acho que tenho uma convidada!

Após comer, deitei-me um pouco e sem perceber peguei no sono. Somente acordei próximo das três da manhã, foi aí que notei que havia dormido. Espreguicei-me e fui ao banheiro, levando comigo a escova e pasta de dentes. Os grandes corredores do albergue estavam vazios e não havia nenhum som, exceto por meus passos. Na volta, deitei-me novamente, desta vez ajeitando-me melhor. A lua cheia mantinha o quarto iluminado, mesmo com a luz apagada. Eu

estava com o corpo relaxado e a alma leve. Não demorou muito até eu voltar a dormir.

Caminho

Primitivo



Acesse o vídeo

Caminho Finisterra

A claridade do sol já adentrava ao quarto quando eu acordei. Tive um sonho estranho e agoniado.

Mas não me lembro ao certo. Era como se tivessem zumbis pelo caminho.

— Não sei o que isso quer dizer. Melhor deixar para lá!

Levantei e tomei meu café da manhã. Olhei pela janela e vi o sol. Meu coração bateu acelerado. Sem perceber comecei a cantar. Olhei para meu tênis, ainda sujo de terra e em seguida, para meu cajado que parecia me chamar, como um guardião que estava sempre ao meu lado, dizendo-me que havia chegado a hora de começar o segundo caminho.

— Estou pronto! — disse sorrindo e ansioso.

Deixei o albergue e fui em direção à catedral de Santiago. É de lá que tem início o caminho que segue até a Costa de Finisterra, meu segundo destino. Eu a admirei uma última vez e agradei a Santiago por ter me guiado até lá.

Estava quase deixando a praça do Obradoiro, quando escutei uma voz, já muito conhecida por mim:

— Está pronto para fazer o caminho dos pagãos?

— Olá! Sim, eu estou pronto.

Depois completou:

— Todos os caminhos que percorremos também foram feitos por eles.

Em seguida se aproximou, fez um gesto e perguntou se poderia me acompanhar.

— Pode sim! — respondi sorrindo. — Pode sim, meu amigo!

Então, começamos a caminhar.

— A filósofa me ensinou muitas coisas sobre os Celtas — comentei. — Falou-me sobre sua cultura, seu conhecimento, o respeito e conexão que tinham com a natureza e o sagrado. Eu fiquei encantado.

— Eram grandes guerreiros, sábios. Capazes de ver além do que os olhos podem enxergar.

— Enquanto eu fazia o caminho de Santiago escutei muitas histórias e sinais de que os povos pagãos, que viveram aqui, eram celtas. Porém, há pessoas que discordam disso. O que você pensa a respeito? Acredita que eles já estiveram nessas terras onde caminhamos?

— Sobre os Celtas, existem muitas lendas e teorias. Muitos dizem que sim, outros que não. Vemos evidências e sinais de povos pagãos, que sobrevivem até hoje. Mas e você, em que você acredita? O que sente enquanto caminha sobre este chão?

Olhou-me e em seguida prosseguiu:

— Você já carrega essa resposta em seu coração. Não precisa que ninguém lhe faça crer. A verdade está naquilo que você sente, rapaz. E isso ninguém poderá lhe comprovar. Somente percebe, aquele que fala a linguagem do universo. Só quem é capaz de ver além da visão e sentir com a alma.

Ele fez uma pequena pausa, pensou por um instante e depois continuou:

— Muitos dizem que os restos mortais de Santiago não estão em Compostela. Passaram-se séculos entre sua morte e a data em que encontraram seu corpo. Agora deixe-me fazer uma pergunta: Isso de alguma forma importa? Se provarem que não é o corpo de Santiago que está lá, muda alguma coisa? Não muda nada, porque você sente a presença de São Tiago quando percorre aqueles caminhos e isso prova que ele está lá.

Suas palavras eram carregadas de emoção, de intensidade. Olhava-me em meus olhos, como se estivesse falando com minha alma.

— Você enxerga o mundo como individualidades, porém isso é ilusão. Tudo está em tudo. Não há separação. Você é o universo e o universo é você. Você ainda recusa o extraordinário. Precisa mergulhar na alma do mundo. Se permita sentir!

Sempre que ele me falava algo, eu repetia suas palavras em minha mente.

Voltamos a caminhar. Aos poucos íamos deixando a cidade de Compostela. De longe

ainda era possível avistar as pontas da Catedral. Um novo caminho estava sendo trilhado e com ele, uma nova energia.

— Veja! — falei — São maçãs! Eu já estava com saudades de encontrá-las.

— São presentes do caminho.

— São bons presságios — comentei, sem ter muita ideia do que estava dizendo.

Ele sorriu e concordou.

Mais adiante encontramos também, figos e uvas.

— Está fazendo um dia muito bonito!

— Está sim! — respondeu-me enquanto observava um homem que caminhava no sentido contrário, em nossa direção.

Ele parecia estranho, com uma feição amarrada. Passou bem próximo a nós. Neste momento eu lhe cumprimentei, contudo, ignorou-me. Não disse uma única palavra. Por alguma razão, eu quase conseguia escutar seus pensamentos. Eu notei também que, em todo instante o estranho peregrino permaneceu olhando para aquele homem.

- Ele é bem esquisito, não é mesmo?
- Deixe ele — comentou. — Está preso dentro de seu inferno particular.
- O que você quer dizer?
- Quero dizer que nem todas as prisões possuem muros, porém, nem por isso são mais fáceis de se libertar.
- Ainda não entendo o que você quer dizer.
- Não se preocupe com isso agora.

Eu me lembrei do sonho que havia tido esta noite, sobre os zumbis. Eu pensei se deveria contar a ele. Achei melhor não falar nada. Continuamos andando, não faltava muito para chegar a cidade de Negreira, local onde eu pensava em passar a noite. Estávamos diante de uma bonita ponte romana, muito maior do que a que estivemos em Ribadiso. Um rio de águas correntes passava por baixo dela. Era possível aproximar-se da água caminhando através das pedras.

- Vamos até lá?
- É um lugar muito bonito — respondeu-me.

Fomos até lá. Encostamo-nos nas pedras. Eu tirei da mochila um lanche e comecei a comer.

Ele ajeitou-se, ficando quase deitado com as mãos sobre a barriga e olhava para a água que desviava das pedras, seguindo seu curso, por baixo daquela bela e antiga ponte romana.

— Você poderia me falar um pouco mais sobre você? - perguntei.

— O que quer saber? — perguntou-me sem desviar o olhar, mantendo-se praticamente imóvel.

Eram muitas as coisas que eu queria saber a seu respeito. Ele nada me dizia. Mas de todas, havia uma em especial. Talvez a mais importante.

— Você encontrou o que procurava no caminho de Compostela, quando o percorreu pela primeira vez, seguindo pelo caminho francês?

Ele continuava olhando adiante. Sorriu ligeiramente. Não tinha pressa em responder. Parecia recordar-se de momentos que viveu.

— Encontrei sim!

— E o que foi que você encontrou?

— Eu encontrei a minha espada.

— Espada? — perguntei surpreso. — Uma de verdade?

— Sim, uma espada de verdade. Como mais ela poderia ser?

— Não sei. Mas nunca ouvi ninguém dizendo que encontrou uma espada no caminho. Menos ainda que foi à procura de uma.

— Você busca pelo sentido das coisas através do que os outros viveram ou disseram. Até quando será assim?

— Desculpa! Eu não quis ofender. Não é que eu duvide, só não é simples de acreditar.

— E você acha que eu me importo se você acredita ou não? Isso não faz a menor diferença.

Ele sorriu e levantou-se.

— Vamos! Ainda temos alguns quilômetros a percorrer.

Levantei-me e caminhei em direção ao estranho peregrino, que já estava mais adiante, próximo da ponte. Nós a atravessamos e seguimos por mais algum tempo até que chegamos em Negreira.

— Por aqui há muitos albergues — comentou.

Eu concordei com ele, porém não queria ficar ali.
Algo me dizia para andar mais.

— Acho que eu vou continuar caminhando!

— Por que diz isso?

Tive medo dele me achar um tolo, então preferi não entrar em muitos detalhes.

— Não sei explicar.

— Então tente! — insistiu.

Não havia muito mais o que eu pudesse fazer.
Por isso resolvi dizer a verdade.

— Desde que comecei a percorrer por esses caminhos tenho percebido uma espécie de voz que age em minha mente. Diferente das que me fazem sentir mal.

E depois, completei com ainda mais receio:

— Junto dela, algumas sensações.

O estranho peregrino escutou tudo o que eu tinha para dizer e em seguida começou a dar risada.

— Ei! — falei encabulado e irritado com ele —
Por que está rindo? Eu não deveria ter dito nada!
— Finalmente!
— Finalmente o quê? — perguntei impaciente.
— Finalmente começou a crer no extraordinário.
E essa voz a que se refere é a sua intuição,
rapaz!

Ele não estava caçoando de mim, como eu imaginava. Porém, eu ainda estava confuso.

— O que você quer dizer com acreditar no extraordinário?
— É não ter medo de errar!
— Mas como posso não ter medo?
— Você tem que permitir que o milagre aconteça. Não pode sentir vergonha de si mesmo e nem ter nenhuma crença limitante. Tem que se abrir para a magia do mundo. Tem que perder as antigas convicções. Tem que aceitar o extraordinário!

Eu pensei por um instante, segurei firme meu cajado. Olhei para o estranho peregrino e disse sorrindo:

— Temos mais alguns quilômetros a percorrer.

Assim que deixamos a cidade, seguimos por um caminho muito bonito em meio a natureza. Não havia mais ninguém além de nós. Cada detalhe daquele lugar parecia mágico. Mantemo-nos em silêncio. Eu podia sentir uma imensa sensação de paz. A única coisa que me preocupava era a minha água que estava acabando e faltava bastante até chegarmos ao nosso destino. Algum tempo se passou e adentramos a um pequeno vilarejo. Eu buscava por alguém a quem pudesse pedir um pouco de água. Não havia ninguém nas ruas, mas escutava vozes. Conversavam. O barulho vinha de dentro de uma das casas. Aproximei-me da janela. Não havia muro. Notei que estavam reunidos em volta de uma mesa almoçando.

— Olá! Peço perdão por incomodar. Poderiam colocar água em minhas garrafinhas?

Uma senhora as recolheu e disse para que eu esperasse um momento. Enquanto eu aguardava, observava todos conversando e sorrindo. Pareciam felizes. Não demorou e ela retornou com minhas garrafas. Eu tinha água fresca novamente.

— Muito obrigado por sua ajuda!

— Não se preocupe, meu rapaz! Bom caminho!

Os que estavam sentados também me disseram o mesmo. Eu os agradei e sorrindo falei ao estranho peregrino:

— Agora tenho tudo de que preciso.

Ele sorriu, concordou e fez um gesto para que continuássemos.

Às vezes, sentia uma presença pela mata. Como se entre as árvores alguém estivesse nos observando. Protegendo-nos. Quem sabe um espírito da natureza? A luz do sol e o balançar das folhas e galhos faziam minha imaginação ganhar ainda mais vida.

Eu olhei para o estranho peregrino, porém preferi não lhe dizer nada. Lembrei do que ele me disse sobre tentar explicar as emoções, elas perderiam a magia. Ao invés disso passei a aceitar o extraordinário. A mergulhar na magia do universo, no que ele queria me mostrar. Por isso apenas andava devagar, admirando toda aquela beleza à nossa volta.

Algum tempo depois chegamos à Pena. O albergue ficava bem no caminho, próximo a uma igreja, que tinha ao seu lado, um pequeno cemitério.

— Está na hora de ir — falou-me.

— E você, para onde vai? Disse-me uma vez que vai de encontro consigo mesmo. Contudo, o que isso quer dizer?

— Quer dizer que, parte de mim me espera. Assim como parte de você precisa descansar.

Eu percebi que havia momentos em que não importava quantas perguntas eu fizesse, porque eu ficaria sem entender a resposta de toda maneira, então me despedi dele e fui em direção à pequena recepção do albergue. A moça pediu meu passaporte e em seguida, que eu escolhesse uma das camas. Lá deixei minha mochila e cajado e fui tomar um banho. Já era noite quando sai para comer um prato peregrino. De tão cansado e após um pouco de vinho, tudo o que eu precisava era dormir.

Quando acordei todos já haviam saído. Era comum isso acontecer. Esquentei um pouco de água para utilizar um dos sachês de chá que carregava comigo e comer um dos lanches que

já tinha prontos. Não gostava de andar de barriga vazia, sentia-me fraco.

Pela janela notei que o tempo estava nublado e ao deixar o albergue, percebi que fazia um vento frio. Era um clima bem diferente do dia anterior.

Caminhava pela beira da estrada. O tempo passava, entretanto o sol não surgia. O caminho adentrou em terras de milharais. Extensas plantações. As folhas se mexiam com o vento enquanto pássaros pretos gritavam e sobrevoavam pelos campos. Sentia-me como em filme de suspense ou terror. Aquela sensação se infiltrou em meus pensamentos e meus passos aceleraram.

— Gostaria que o estranho peregrino estivesse aqui. Ele saberia o que fazer.

Com o tempo, os milharais ficaram para trás e a estrada voltou a surgir. O caminho deste dia em nada se parecia com o que eu já havia percorrido.

Era estranho perceber como o corpo respondia à mente. Quando ela passava a duvidar, tudo parecia deixar de acreditar. Tudo se tornava mais difícil. Meus pés estavam pesados e meu corpo cansado. Não era a primeira vez que

aconteciam. Porém, nem por isso, tornou-se mais fácil.

— Apenas continue a caminhar! Um passo de cada vez — dizia a mim mesmo.

O vento gelado e o céu nublado permaneciam. De tempos em tempos o sol tentava romper aquela barreira. Eu ficava contente em vê-lo. Em alguns lugares o odor era forte, havia cheiro de esterco e barulho de tratores. Encontrei alguns figos, mas não estavam bons. Um pouco mais distante havia uma casa antiga. Ela estava abandonada e tomada de mato. Apenas ruínas, memórias do caminho. Era meio dia quando cheguei em Mazaricos. Decidi continuar caminhando. Passaram-se pouco menos de duas horas, o vento aumentava e fazia voar todas as folhas que encontrava e outros pequenos objetos também. Ele percorria todas as direções, o frio se tornava mais intenso.

Finalmente cheguei em Olveiroa. Um albergue de muros pintados, onde havia um pequeno restaurante, foi a minha parada. Estava cansado. Sentado, comia um lanche enquanto assistia a chuva cair timidamente.

— Se o estranho peregrino estivesse aqui certamente me diria que isso faz parte do bom combate. Que eu deveria estar feliz porque segui em frente. E apesar do cansaço, era assim que me sentia, com o dever cumprido.

Após uma pequena pausa segui falando em voz bem baixa:

— Eu achei que iríamos caminhar juntos hoje. Ele é um bom amigo. Um pouco estranho — comentei sorrindo — Mas um bom amigo!

Acordei de madrugada. Sonhei que eu andava sem rumo e tentava escrever algo em um pedaço fino de madeira. Havia pessoas perigosas à minha volta. Momentos antes de lembrar, assim que acordei, tinha muitos pensamentos ruins e sensação de raiva.

— O que isso quer dizer?

Levantei, bebi um pouco de água e busquei relaxar. Todos no quarto estavam dormindo. Eu fiz o mesmo. Era por volta das seis da manhã quando acordei agoniado novamente, com sensações muito fortes. Eu não tinha o costume de recordar de meus sonhos, contudo ultimamente, estava acontecendo.

Tomei café da manhã, esperei amanhecer e comecei a andar. O dia estava muito bonito e eu, imensamente grato.

— Obrigado, sol por me acompanhar!

O caminho também era repleto de natureza. Em determinado momento encontrei duas vieiras, uma ao lado da outra. Elas marcavam sentidos opostos. A primeira apontava para esquerda

indicando o caminho à Finisterra e a outra para direita, sinalizando sentido à Muxia. Segui pela esquerda. Andei por alguns quilômetros até me deparar com uma capela. Chamava-se Capela de Nossa Senhora das Neves. Eu me aproximei, havia uma pequena elevação. Assim que subi, vi encostado sobre o pequeno muro de pedras que envolvia a capela, e sob a sombra de uma bonita árvore, bem próxima às escadas, cujos degraus eram de pedra e os corrimãos de madeira, o estranho peregrino, que parecia me aguardar.

— Como tem sido o seu caminho?

Ele me havia feito a mesma pergunta quando eu iniciava rumo a Santiago de Compostela.

— Tem sido muito bom. E o dia de hoje está lindo.

— Você tem razão. É um belo dia para uma caminhada.

Descemos os degraus e viramos à direita, caminhávamos sem pressa. Em determinado momento, sem que eu me desse conta de quando começou, percebi minha respiração mais ofegante e minhas mãos agitadas. Eu

continuava caminhando em silêncio e o estranho peregrino, um pouco à minha frente. Mantive esta ligeira distância porque não queria que ele notasse.

— Vamos parar um pouco — falou.

— Por que quer parar? Se for por minha causa.

Eu estou bem!

— Sente-se naquela pedra.

Ele tinha a voz séria e parecia não dar atenção às minhas desculpas. Eu fiz o que ele disse.

— Feche seus olhos e respire!

— Mas, por quê?

— Anda logo! — insistiu. Ele estava impaciente.

— E se alguém passar enquanto eu estiver assim?

— Por que se importa? Apenas faça o que eu lhe pedi.

— Está bem!

Eu me mantive com os olhos fechados, conforme ele havia pedido.

— Respire profunda e lentamente. Não deixe que nada tire a sua atenção. Concentre-se apenas na respiração.

Parecia algo fácil de se fazer. Apenas respirar. Porém me surpreendi. Eu não conseguia encher os pulmões de ar e nem manter as mãos relaxadas. Elas transpiravam.

— Você está indo bem. É assim mesmo. Você precisa acreditar e então seu corpo também o fará.

Busquei acostumar-me com a escuridão e com as imagens misturadas que surgiam e desapareciam a todo instante. Entreguei-me ao processo. Aos poucos minha respiração ficou controlada e minhas mãos encostadas em meus joelhos. Eu permanecia sentado sobre aquela pedra, com as pernas cruzadas, como os iogues budistas, a cabeça erguida e o peito inflando e contraindo, acompanhando minha respiração. Ao notar a minha melhora ele falou:

— Muito bem! Agora abra os olhos lentamente e observe tudo ao seu redor. As árvores, o chão, o horizonte e as nuvens.

Eu estava mais relaxado e conseguia concentrar-me nos detalhes, nas nuances, nas formas e cores.

— Não se esqueça de onde você está. Você vive no presente, portanto é aqui que deve estar a sua mente.

Eu continuava observando tudo à minha volta. Sabia como era. Já havia feito isso pelo caminho.

— Agora, feche novamente os olhos!

O escuro tomou conta outra vez, mas eu ainda podia escutar os sons da mata e sentir o vento que tocava em minha pele.

— Continue inspirando o ar e solte-o vagorosamente pela boca. Você não tem pressa alguma e está em local protegido. Perceba isso!

Eu acreditava em suas palavras. Já não tinha mais receio e nem me importava se alguém surgisse. Meu corpo reconheceu minha segurança e passou a ficar calmo também.

— Quero que sinta o ar invadindo todo o seu corpo. Ele é como uma energia que te nutre. Em seguida, solte o ar imaginando tudo o que de

ruim você carrega: como pensamentos, dores, cansaço.

Eu continuava fazendo conforme ele me dizia.

— Agora, perceba que esta pedra onde está sentado e tudo que está próximo a você é mágico. E essa magia é real! Lembre-se do extraordinário.

Em minha mente eu pensava: Mergulhe na magia do universo.

— A cada vez que o ar entrar em seus pulmões você sentirá seu corpo crescendo para todos os lados, como um campo de energia, é a sua aura. Expanda ela o quanto puder, adentre na mata, através das árvores, abaixo da terra e no infinito do céu.

Eu realmente sentia como se meu corpo estivesse se expandindo, como se eu fosse capaz de tocar nas mesmas árvores que havia visto antes, no chão, nas nuvens, voar com os pássaros. Aquilo era real!

— Não foi somente sua aura que cresceu, sua mente também. Porque tudo é a mente. Dessa vez eu quero que você se concentre em si mesmo. Não é o escuro que você deve buscar e sim, as imagens que surgem. Não tente entendê-las. O sentido delas está no que elas te fazem sentir. Concentre-se e não tenha pressa.

Eu fiquei por algum tempo. Deixava que elas viessem. Eu não as julgava, nem buscava por nenhum sentido, porque quando tentava, elas sumiam.

— Concentre-se no que você sente. Sua mente fará a associação de que você precisa.

Eu comecei a sentir medo e angústia. Pensamentos ruins e raiva. Risos de deboche e pessoas que pareciam querer me fazer mal. Lembrei-me do sonho. Foi muito forte, como um estalo.

— Eu estou sentindo o mesmo que senti quando acordei. Os pesadelos. A sensação é a mesma.
— falei com a respiração cansada.
— Fique calmo. Faça sua mente perceber que essas sensações não são reais. Que esses

gatilhos devem desfazer-se. Você está em um lugar mágico. Lugar este ao qual você está conectado. Relaxe por alguns instantes respirando calmamente.

Após alguns minutos o estranho peregrino pediu para que eu abrisse os olhos.

— Como se sente?

— Sinto-me bem! Mas tenho perguntas.

— Eu sei que sim.

— Por que essas sensações me afetaram se não eram reais? E por que eu não as percebia?

— Porque a mente não sabe o que é real. Elas estavam em sua segunda mente. Não é uma área consciente, por isso não se dava conta, porém você a percebia sim. Sentia através das reações de seu corpo.

— Eu as coloquei lá? Por quê? E o que são gatilhos?

— Não foi você quem as colocou. Foram postas lá por uma razão. E os gatilhos são a forma com que a segunda mente fala com seu corpo sem que você perceba. São as situações, às vezes banais, que ocorrem e fazem essas ideias serem

despertadas na segunda mente, através de uma conexão entre elas.

— Se não fui eu, então quem as colocou lá? E por quê?

— É uma espécie de hipnose — continuou sem dar atenção a minha pergunta. — Você sente apenas os efeitos, ou seja, as sensações, mas não entende a origem. Por isso cria desculpas sempre que isso ocorre.

— Mas quem fez isso? — insisti.

— Por enquanto não importa quem, o que importa é que tenha aprendido o que fizemos aqui.

— Como não importa quem? Para mim importa!

— Tudo tem seu tempo, rapaz. Vamos! E a partir de agora preste mais atenção em seus pensamentos e sensações.

Andávamos em silêncio, um ao lado do outro. Com o tempo deixei de pensar no que havia acontecido, distraia-me com a paisagem e a minha sombra. Gostava de como ela ficava enquanto eu segurava meu cajado e levava minha mochila. Sentia meu coração leve. Todas aquelas sensações de antes haviam ido embora. Ele também caminhava tranquilo, apesar de parecer que seus pensamentos estavam longe.

Eu não quis incomodá-lo. A verdade é que todos temos questões a resolver no caminho, com ele não seria diferente. Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, nossa mente ganha asas.

O trajeto era simples e agradável como um passeio. À nossa direita uma placa, informava que estávamos perto da capela de San Pedro Mártir e que lá era possível carimbar um selo na credencial.

— Vamos? — perguntei.

— Vamos!

Diferente do caminho de Santiago, por aqui não há muitas opções para carimbar, com exceção dos albergues.

Era uma capela simples. Seu interior todo pintado de branco, havia imagens e uma pequena mesa próximo à porta com uma caneta e carimbo. E um pouco distante da capela, uma fonte de água. Não nos demoramos muito alí, logo voltamos a caminhar.

Eu não queria continuar em silêncio, então pensei em algo para perguntar ao estranho peregrino:

- Se você pudesse voltar no tempo, mudaria algum momento de sua vida?
- Por que me faz esta pergunta?
- Porque se eu pudesse, mudaria!
- Isso é bobagem. Se você mudasse seu passado, não seria quem é agora.
- Mas poderia ser melhor.
- Como sabe o que lhe tornaria melhor? E o que você considera ser melhor?
- Se eu voltasse no tempo teria deixado de fazer bobagens, de perder tempo.
- Se fizesse isso, talvez tivesse se metido em problemas maiores. Acaso já esqueceu a lição do caminho?
- Que lição?
- Esse é o seu caminho. Não existe outro. Você já chegou até aqui. Nunca estive tão preparado como neste momento. A sua atenção deve estar no presente e não no seu passado. A magia está no agora.
- Você tem razão — falei um pouco sem graça.

Continuamos andando e falando de coisas comuns, sem muita importância, como: sobre meus tênis que estavam gastos de tanto andar, os lanches do mercado e as diferentes cozinhas dos albergues.

— Eu tomaria um sorvete, se tivesse um! —
comentei. — Acho que estou ficando com fome!
— Eu tomaria uma taça de vinho.
— Por mim, tudo bem! — falei sorrindo. — Eu
lhe acompanharia.

Ele sorriu.

— Quando fiz o caminho pela primeira vez, às
vezes carregava comigo uma garrafa de vinho.
Eu gostava de tomar um pouco ao anoitecer.
Recordo-me também das histórias que ouvia,
das pessoas que observava e de quando
caminhávamos em silêncio. Eram os momentos
simples do caminho. Aqueles que vivemos no
intervalo das grandes emoções e que nos
preparam para ele. Tenho saudades!

Notei que uma borboleta nos rodeava e em
seguida pousou por cima de uma pequena placa
azul, amassada. Informava que a 100 metros
havia um cruzeiro. Dizia: Cruzeiro da Armada.

O peregrino sorriu e seguiu naquela direção e eu
com ele.

— Há pouco você disse “caminhávamos” —
comentei curioso. — Quando você fez o
caminho, não estava só?

— Eu não estava. Tinha um guia.

— Por que levou um guia? Tinha medo de se
perder?

Ele sorriu.

— Não era neste caminho que eu estava
perdido. Era dentro de mim que eu precisava
encontrar o que não havia compreendido até
então.

Chegamos no cruzeiro. Ele era alto. De um lado
a imagem de Jesus Cristo, do outro, a de Maria.
E um pouco mais abaixo, desenhos de vieiras.
Ele ficava no centro de uma pequena área
delimitada por uma mureta com altura de pouco
mais de quarenta centímetros. Eu sentei-me e
deixei do meu lado a mochila e o cajado. O
estranho peregrino permaneceu em pé
observando o horizonte mais adiante. A vista era
bonita. Estávamos no alto da montanha.

— Amanhã chegaremos a Finisterra — comentei
— E eu tenho pensado muito no terceiro

caminho, em minha família. Tenho pensado muito neles.

— Apenas deixe que tudo aconteça naturalmente.

— Eu sei disso, mas tenho medo do que vai acontecer quando eu encontrá-los.

— Por que diz isso?

— Porque eu não os conheço. Talvez nem queiram me receber. E não os culpo por isso.

Eu falava enquanto permanecia sentado e observava a base do cruzeiro, mas minha mente estava longe de lá. Percorria os pequenos vilarejos onde viveram e vivem meus familiares.

— E se eu tiver uma experiência ruim? Talvez seja melhor não ir, deixar tudo apenas no campo da fantasia onde eu posso criar um universo da forma que preferir.

Ele deu alguns passos em minha direção.

— Eu vou lhe dizer algo e quero que guarde essas palavras por toda a sua vida.

Ele me olhava nos olhos.

— Só uma coisa torna os sonhos impossíveis: O medo de fracassar.

Afastou-se lentamente de mim. Andou em direção ao horizonte. Ventava bastante. As árvores estavam balançando. Bebi um pouco de água e tirei da mochila um lanche. Olhei para o estranho peregrino, que em certa distância, parou e ficou a observar algo. Talvez não fosse nada importante, apenas repousava a vista enquanto buscava por pensamentos ou lembranças. Ele era sempre misterioso. Acho que todos carregamos conosco nossos mistérios.

De volta ao caminho, já podíamos avistar, ainda longe, o mar. Estávamos a poucos quilômetros de Cee.

— O mar é lindo! — comentei.

— Deveria dar alguns mergulhos. As águas salgadas purificam o corpo e a mente.

— A água deve estar gelada. Mas neste caso vale a pena! — brinquei.

Após mais algum tempo andando, chegamos à cidade de Cee. Estávamos próximos ao

albergue. Eu sabia que a qualquer momento ele iria se despedir. Ele sempre fazia isso.

— Você já vai, não é verdade?

— Está começando a me conhecer, rapaz! — respondeu sorrindo.

— Nos veremos amanhã?

— Eu acho que sim! — ainda com sorriso no rosto e um ar de mistério.

— Então, onde nos encontraremos?

— O caminho se encarregará disso.

Ele seguiu e eu entrei no albergue. Lá, deixei minhas coisas e troquei de roupas. Ainda era cedo. Perguntei ao homem na recepção a distância até a praia. Ele me disse que para mergulhar, a melhor ficava a uns dois quilômetros. Chama-se Praia do Quenxe. No caminho havia mercado, então foi o que fiz. Comprei lanches, algo para cozinhar e fui à praia mergulhar na gelada, porém regeneradora água salgada do mar. Quando mergulhei, após o choque térmico, senti como se cada parte do meu corpo se carregasse de energia. Meus pés estavam profundamente agradecidos. Eu deixava meu corpo, que a aquela altura já estava acostumado com a temperatura da água,

entregue a ela. De tão calmo, o mar parecia uma piscina. E tudo o que eu tinha que fazer era permanecer relaxado.

— Que saudade eu estava do mar!

De volta ao albergue, enquanto preparava meu jantar, conheci uma garota. Ela havia terminado a faculdade e estava lá em homenagem ao seu pai, que sempre lhe contava histórias do tempo em que ele tinha percorrido por aqueles caminhos, assim como ela fazia, começando desde as terras francesas, passando pela catedral de Santiago para terminar na costa de Finisterra.

— Quantas razões, quantas histórias e emoções já passaram por estes caminhos sagrados? Difícil saber. Mas certamente, cada uma delas tornou ainda mais especial a magia deste lugar.

Dia de completar o segundo caminho. Apenas catorze quilômetros me distanciava do farol de Finisterra, da costa do fim do mundo, como consideravam os povos antigos.

Eu levantei, esquentei água para fazer um chá e junto, comi um lanche. Peguei minha mochila, cajado e parti. Em algum momento cheguei a Corcubión, com suas bonitas e estreitas ruas. Tal como labirintos. Andava até que diante de mim, surgiu uma igreja, de igual nome. Era grande, pude contar mais de dez cruzes e no centro um grande relógio que marcava cinco minutos para as nove. Uma das portas, da entrada principal, estava semiaberta e de lá saiu ele, o estranho peregrino. Fiquei feliz em vê-lo.

— Bom dia! — falei.

— Bom dia, peregrino! Está pronto para caminhar?

— Estou! — respondi animado.

— Então, vamos!

Aos poucos deixávamos a cidade. Quando olhávamos para trás, percebíamos, cada vez mais distante, as últimas casas. Adentramos à mata. Era uma subida, no início, com chão e

muros de pedras, depois somente uma trilha aberta e árvores à nossa volta.

— Vou sentir saudades desses caminhos! —
comentei.

Ele sorriu.

— Guarde-os em sua memória e as sensações,
em seu coração.

Mantivemos um ritmo lento de caminhada.
Algumas pessoas passavam por nós em direção
contrária, estavam iniciando o caminho que os
levaria até a Catedral de Santiago.
Em alguns pontos a trilha pela mata dava lugar a
caminhadas ao lado da estrada. Finisterra era
uma cidade maior do que eu havia pensado.

— Você leva uma bonita vieira presa à mochila

— falou o estranho peregrino.

— Obrigado! Tenho ela comigo desde o primeiro
dia, lá em Oviedo.

— Eu sei. Eu já a tinha visto.

— Sinto que ela tem me protegido. E percebo
ainda mais, agora que estou perto do mar.

— Ela te protege! É a proteção dos mares.

Outra vez seguimos pela natureza. Era tão linda. Meu coração pulsava feliz em estar ali.

— Podemos parar um pouco?

— Sempre faça aquilo que você sente que deve fazer.

Respirei. Não entendia exatamente o que era. Mas acreditei que parte de mim saberia como agir. De pé, coloquei a mochila sobre o chão ao meu lado e segurava o cajado com ambas as mãos. Respirei profunda e vagorosamente. Relaxei o corpo. Observei com calma tudo à minha volta. Queria gravar cada detalhe em minha mente e cada sensação em meu coração. Após, fechei os olhos e encostei a ponta do cajado no centro de minha testa, abaixando levemente a cabeça. Eu não tinha vergonha, nem medo. O estranho peregrino me ensinou a crer no extraordinário, na magia do universo e em mim. Eu senti meu corpo e mente expandirem e se conectarem à natureza. Minha alma é quem falava. Ela agradecia, dizia isso na linguagem do universo, através do amor. Abri os olhos.

— Um canto sagrado abre uma porta para o céu, e o céu penetra — comentou o estranho peregrino.

Lembrei-me do que a filósofa havia me ensinado.

— Os celtas certamente sabiam disso. Porque eram capazes de reconhecer o sagrado através da natureza.

Ele sorriu.

Voltamos a caminhar. Conversávamos sobre coisas comuns, como os amigos fazem quando estão juntos. Sem necessidade de aparentar ser quem não são ou de dizer o que não sentem.

— Engraçado...

— O que é engraçado? — perguntou-me.

— Enquanto eu observava a natureza e pensava sobre os povos antigos que viveram aqui. Em suas tradições e costumes. Algo veio à minha mente.

— E o que foi?

— Em São Francisco.

— O que tem São Francisco?

— Talvez ele teria se tornado um grande druída se tivesse vivido em tempos mais antigos.

— Por que diz isso?

— Porque ele falava com os animais e sabia reconhecer a beleza e o sagrado da natureza.

Após uma pequena pausa eu conclui:

— Talvez tudo esteja em tudo, de alguma forma.

Ele me olhou, sorriu e disse:

— Quem sabe...

Era por volta do meio-dia. Descíamos de um trecho mais alto. À esquerda, ainda longe, víamos o mar de águas claras e calmas. Observei que apesar do horário, a lua ainda se mantinha visível no céu. De um lado ela e do outro, o sol. Aquilo chamava-me atenção. Eu admirava curioso. Fazia bastante calor. O estranho peregrino comentou que aquele dia quente o fez lembrar das tardes em que percorria os campos dos Pirineus.

Chegou um momento em que o caminho permitia seguir pela extensa areia da praia de Langosteira.

Eu estava de botas, calça, camisa, mochila e cajado. Olhava para o mar que parecia me chamar.

— Preciso fazer algo.

O estranho peregrino sorriu e disse:

— Então faça!

Tirei as botas e as meias, coloquei-as ao lado da mochila e sobre ela, o cajado. Troquei de roupa ali mesmo, colocando a única bermuda que tinha comigo. Estava eufórico e quase pronto para correr em direção ao mar quando vi junto a mochila, a minha vieira. Parei por um instante.

— É hora de devolvê-la.

O estranho peregrino observou e tornou a me dizer:

— Sempre faça aquilo que você sente que deve fazer.

Eu a soltei de minha mochila de forma lenta enquanto mentalmente agradecia sua companhia. Ela era especial para mim. Levantei-me já com ela em minhas mãos, olhei

para o estranho peregrino que acenou com a cabeça, e segui calmamente em direção ao mar. As águas tocaram em meus pés dando-me as boas vindas. Molhei minha mão e com ela fiz o sinal da cruz. Entrei pouco a pouco até que as águas estivessem na altura de meu peito.

Fiz uma oração e estava prestes a deixar a vieira quando senti algo em meu pescoço. Tirei e o joguei na água.

— O que isso?

Vi que era uma espécie de lacraia, de tamanho pequeno. Ela veio em minha direção outra vez e eu a afastei.

— Vai embora!

Não queria machucá-la. Contudo, ela outra vez veio de encontro a mim.

— Por que está vindo atrás de mim? O que você quer?

Deixei que ela se aproximasse o bastante até que, peguei-a com a parte interna da vieira e a arremessei o mais longe que pude.

— Que estranho tudo isso! Mas acho que agora eu me livrei dela.

Passados alguns segundos, notei ela vindo em minha direção, nadando sobre a superfície da água, fazendo movimentos como a de uma cobra, entretanto de apenas alguns poucos centímetros.

— Você não desiste?

Eu não estava entendendo o que estava acontecendo. Não adiantava espantá-la, ela sempre voltava.

— O que você quer comigo?

Percebi que só havia uma coisa a se fazer. Utilizei a vieira para outra vez mantê-la em seu interior. Ela ficou agitada tentando fugir. Eu sabia que precisaria terminar aquilo. Foi quando eu a matei com meus dedos. Não queria ter feito, pedi

desculpas, mas não havia mais nada que eu pudesse fazer.

Em minha mente, como um flash, veio o que Teresa de Ávila havia dito sobre as larvas e miasmas que tentam nos confundir a fé. Eu estava agitado e nervoso. Respirei profundamente, olhei ao redor e senti a calmaria do mar me envolvendo. Aos poucos fui relaxando e me sentindo protegido. Olhei para a vieira e a agradei mais uma vez, acariciando-a. Coloquei-a no centro de minha testa e lhe dei um beijo. Respirei profundamente e segurando-a com ambas as mãos, deixei com que as palavras surgissem através de minha boca:

"Ao mar devolvo a vieira,
que me acompanhou durante todo o caminho.
E agora retorna à sua morada,
quem sabe encontre outro peregrino.
Foi um presente da mãe d'água
me protegendo e intuindo.

Ao mar também me lanço,
mergulho em seus braços,
Sinto-me como uma criança
tentando envolvê-lo em um abraço.

Suas águas me purificam
acalmando meu coração
e direcionando os meus passos"

Em seguida, mergulhei o mais fundo que pude e deixei lá a vieira, antes ainda, a admirei uma última vez, em seguida retornei à superfície. Estava feito. E meu coração estava leve.

Voltei à areia. Vi minhas coisas, mas não o estranho peregrino.

— Onde ele está? Queria tanto falar com ele sobre o que aconteceu.

Olhei em volta. Ele não estava em lugar algum. Meu pescoço ainda coçava um pouco, resultado da picada.

Coloquei a camisa e mantive-me com a bermuda e descalço. Passei a levar as botas com uma das mãos enquanto com a outra, segurava o cajado.

Sentia-me refrescado.

Continuei caminhando até a outra extremidade da praia. Ainda tinha esperança de vê-lo. Mas isso não aconteceu. Subi alguns degraus e andava pelas ruas até encontrar o albergue

municipal. Lá fui recepcionado por uma simpática senhora, para quem também mostrei minha credencial e recebi o certificado pelo caminho feito. Deixei minhas coisas próximo a cama e sai para comer algo. Faltavam ainda três quilômetros até o farol de finisterra. Não tinha pressa, pois eu queria estar lá ao pôr do sol. E nesta época a noite só chegava após às oito horas.

Encontrei um lugar para almoçar e um mercado onde comprei, entre outras coisas, um sorvete. Buscava por um lugar tranquilo para comê-lo.

— Acho que encontrei!

Era um banco, como os de praça. De lá eu via o mar. Era uma área de porto. E mais próximo de mim, havia uma grande âncora que foi colocada ali para homenagear a todos aqueles que foram vítimas de naufrágios. Por ali ocorreram diversos. Por isso a chamam de costa da morte. Sentado, eu descansava e admirava o lugar até que escutei uma voz:

— Os antigos acreditavam que o mar era o portal para a vida após a morte. O que você

acha? — perguntou-me enquanto sentava-se no banco.

Era o estranho peregrino.

— Onde você estava? Eu te procurei ao sair da água, mas não lhe encontrei.

— Eu precisei sair e você precisou fazer o que tinha de ser feito.

De alguma maneira ele sabia o que tinha acontecido. Eu pude ver em seus olhos.

— Você me disse que tudo o que acontece, tem uma razão, mas nem sempre parece ser assim.

— Não é porque você não entende o motivo, que ele deixará de fazer sentido.

— Então, tente me explicar.

Olhando para o mar ele começou a me dizer:

— Alguns chamam de demônios, outros de karmas, alguns de espíritos, falanges deles. Você precisa entender que tudo o que existe no mundo é feito em dualidades. São a mesma coisa em frequências diferentes. É uma lei do universo.

Voltando o olhar para mim, continuou a falar:

— Eles se mostram de formas diferentes para cada um. Pode ser através de outras pessoas, como naquele funcionário no metrô de Madrid — fitava-me com os olhos. Fazendo-me perceber que me acompanhava antes mesmo de eu tê-lo conhecido. — Neste caso, elas são usadas, sem nem se darem conta, para que eles façam você encarar aquilo que você nega em si mesmo. Quando agem desta forma, e não diretamente em você, poderá vê-los através dos olhos de quem eles se utilizam. Elas são usadas através das fraquezas que possuem. Vivem seu inferno pessoal. Mas acredite! Muitos estão tão acostumados neste processo que não o querem deixar.

Após aproximar-me um pouco mais de mim, continuou:

— Lembra-se daquela noite no restaurante? Da agonia e tremedeira que sentiu? De como as pessoas ficaram diferentes com você? Eles são capazes de produzir efeitos muito fortes e até mesmo mudar o senso de realidade. Agindo não somente sobre você, mas também sobre as pessoas próximas.

Eu comecei a ficar com medo. E me afastei um pouco

— Recorda-se dos pensamentos que pareciam como vozes falando diretamente com sua mente tentando lhe fazer desistir. Pouco antes de nos encontrarmos e seguirmos pela floresta de eucaliptos? Eram vozes, eles lhe falavam e não há nada que você possa fazer para não escutá-las.

Enquanto ele falava eu parecia voltar no tempo, naqueles mesmos momentos dos quais me dizia.

— Por que acha que sente agonia quando há muita gente? Perceba a média da energia daquelas pessoas e daqueles lugares e entenderá se estão agindo sobre elas e o que buscam fazer. São egrégoras que se formam e atuam sobre todos que se aproximam. Como acha que vai se sentir em um lugar cheio de pessoas ansiosas?

Sentado, eu olhava para o horizonte. Buscava ali alguma forma de entender tudo o que estava me dizendo.

— Muitas vezes manipulam suas emoções e realidades através dos sonhos. Como um processo de hipnose que passa a repercutir durante o dia sem que se entenda a origem. Como na noite de Olveiroa.

Fez uma pausa e completou:

— Até mesmo podem materializar algo que expressem o que querem que sinta, como a pouco.

Eu estava apavorado com tudo o que me dizia.

— E o que devo fazer?

— Se o que eles fazem você experienciar são suas fraquezas então, o que deve se atentar é na sua reação. Porque só você pode tornar realidade aquilo que eles desejam.

— E por que isso acontece?

— Tudo tem finalidade. Ele representa a contraparte da balança. Você não poderá enxergar a sua luz sem percorrer a sua escuridão.

— Mas isso não é injusto?

— Tudo no universo existe em dualidade, como eu já disse. E se existe a contraparte, também existe a parte. Isso acontece a todo instante.

Em seguida, prosseguiu:

— Procure se lembrar desses mesmos acontecimentos. No ápice deles, de quando você se acalmava e se conectava com sua essência, com sua vontade verdadeira. Perceba que uma força externa surgia, uma proteção. Você nunca está desprotegido. Imagine seu anjo e sentirá sua presença neste momento.

— É como disse Teresa de Ávila: Eu posso andar pelo entorno de meu castelo interior e conviver com os vermes que ali habitam e que vão tentar de tudo para que eu permaneça na ignorância, ou adentrar às moradas do castelo em busca da luz.

Depois abaixei a cabeça, pensativo.

— Mas ela mesma disse que não é fácil.

— É por isso que existe a oração — falou firmemente.

— A filósofa me disse que quanto mais tentarmos caminhar em busca de nossa evolução, maior será a investida da resistência.

— Este é o preço a se pagar para viver nossa lenda pessoal, mas também é a razão de nossa existência — concluiu.

Em seguida levantou-se.

— Vamos! Temos um caminho a percorrer.

Eu sorri e como ele, levantei-me.

— Preciso antes passar no albergue. Quero ir com meu cajado. Estou com ele desde o primeiro dia e estará comigo até o último.

— Muito bem! — disse sorrindo. — Um peregrino sempre deve ter consigo o seu cajado.

Era por volta das dezoito horas quando partimos em direção ao farol, à costa de Finisterra.

Caminhávamos em silêncio pela beira da estrada. Fazia uma linda tarde. Eu pensava em todas as coisas que aconteceram, nas experiências que tive e nas pessoas e lugares que conheci.

O estranho peregrino seguia um pouco à minha frente.

Quem é ele, afinal? Qual o propósito do destino em unir nossos caminhos e como tudo isso é possível?

Eu não sabia responder àquelas perguntas, contudo, aprendi que quando tentamos explicar as coisas, elas perdem a sua magia. Por isso, mais importante do que buscar entender, era sentir. E eu me sentia profundamente grato por sua companhia.

— Obrigado por estar presente em meu caminho!

— Não precisa agradecer. Se eu estou aqui é porque este caminho também é para mim. Enquanto eu lhe ensino, consigo assim, aprender de verdade.

Olhou-me e concluiu:

— Como já te disse uma vez, existem muitas formas de percorrer o caminho. E em cada uma delas terá o aprendizado que necessita.

Estávamos próximos. À nossa esquerda, por sobre uma grande pedra, havia um cruzeiro e logo mais adiante a última vieira indicando o

caminho, ou melhor, a primeira, pois logo abaixo registrava como ali sendo o marco zero. O Farol de Finisterra já estava diante de nossos olhos. Uma grande construção com um farol acima. Cada passo parecia ser o último. Continuamos margeando pela esquerda até descermos por alguns degraus. Ali estavam as pedras que desenhavam aquela imensa costa. A escultura de uma bota solitária que havia, fazia-me entender, de forma mais intensa, porque muitos consideravam aquele lugar o final do mundo. Lá também era realizada, desde muitos séculos, a queima das vestes dos antigos pagãos. Era um ritual feito por eles. Contudo, essa prática não era mais permitida, como uma medida de segurança.

— Vamos por ali! — disse o estranho peregrino enquanto passava por uma pequena trilha. — De lá, observe tudo ao seu redor e sinta onde deve ficar.

Eu sentei em uma pedra, ventava bastante, as fitas em meu cajado mexiam-se constantemente, parecia que iriam voar. Eu olhei calmamente para ambos os lados até identificar onde eu

permaneceria. Em seguida, aponte, mostrando o local ao estranho peregrino.

— Então vá! Aproveite para admirar o sol até que ele se ponha. Deixe que as coisas simplesmente aconteçam.

— E você, para onde vai?

— Eu farei o mesmo.

Ele caminhou em direção às pedras mais abaixo. Afastou-se bastante. Até que sentou-se sobre uma delas e ficou diante do sol.

O lugar onde fiquei era ao lado de uma grande pedra, desta forma, mesmo que tivesse bastante gente, não ficaria ninguém próximo. Eu me deitei naquele espaço mágico e com o cajado, fiquei observando o sol. Ele brilhava iluminando a todos. O seu reflexo na água lembrava-me uma pintura, que se movia acompanhando o movimento do mar. O seu calor tocava em meu rosto, como a carícia de um pai em seu filho. Fazia-me sentir protegido.

Aos poucos eu notava que ele se despedia, descendo atrás do horizonte, sem pressa. Era um momento de profunda magia, que despertava em mim emoções e me fazia mergulhar em pensamentos. Deixava-os fluir,

assim como o vento. Eu queria lhe dizer o que aquele momento para mim representava e não me preocupava com o julgamento de minhas palavras, porque o amor não julga, apenas se manifesta e nos abraça.

"Sol que se põe, levando consigo o que se deve deixar para trás. Porque não pertence mais a mim.

Ensina-me que para existir um novo começo, é necessário antes que se tenha um fim.

A simbologia da natureza que me anuncia um novo ciclo, como um processo de iniciação.

Mostrando-me que a morte é, na verdade, uma transformação.

E que isso é necessário acontecer, para que ele possa novamente surgir.

E a todos nós iluminar. Manter-nos a vida.

Assim como a chama que dentro de nós vibra.

É o que os povos antigos, tradições pagãs já percebiam com clareza.

A presença divina que habita na natureza."

Ele se pôs, mas por um tempo o céu ainda permaneceu alaranjado. As pessoas começaram a ir embora. Eu esperei um pouco e levantei-me

seguindo pelo outro lado. Uma música linda me chamou a atenção. Era uma garota, estava sentada e sobre a perna apoiava um violão, ela cantava suavemente. Uma canção que parecia me fazer voar. Eu não sabia quem era ela. Muitos passavam sem nem notá-la. Contudo, eu não consegui ignorar aquela voz suave como o anoitecer que surgia.

— É uma linda música — falou-me o estranho peregrino.

— É sim!

— Está tudo bem?

— Está! — falei pensativo. — É que enquanto ouvia a música dei-me conta de que terminou o segundo dos três caminhos.

— Pois então, prepara-se para o terceiro.

Em seguida continuou:

— Quando terminá-los, registre-os de alguma forma, para que quando outras pessoas verem, possam também se inspirar e seguir por esses caminhos sagrados. Isso a mim também foi dito.

— Verdade? E o que você fez?

— Fiz com que muitos pudessem sentir a magia e de alguma forma, trilhareem pelo misterioso caminho de Compostela.

— Mas o que você fez? — insisti.

— Cumpri minha lenda pessoal.

Pensei que se talvez eu soubesse o seu nome poderia descobrir o que ele havia feito.

— E afinal, como você se chama?

— Meu nome não importa, mas ficaria feliz se me chamasse de escritor peregrino.

Eu senti como se aquele momento fosse uma despedida.

— Não nos veremos mais, não é verdade?

— Você está ficando bom nisso — comentou. —

Este próximo caminho é seu, rapaz! Mas eu sinto que você está pronto.

— Queria que estivesse lá.

— Somos peregrinos! Devemos sempre seguir nossos caminhos. Se eles tiverem que se cruzar, o caminho se encarregará disso.

— Eu entendo o que você está dizendo e lhe agradeço por tudo o que me ensinou.

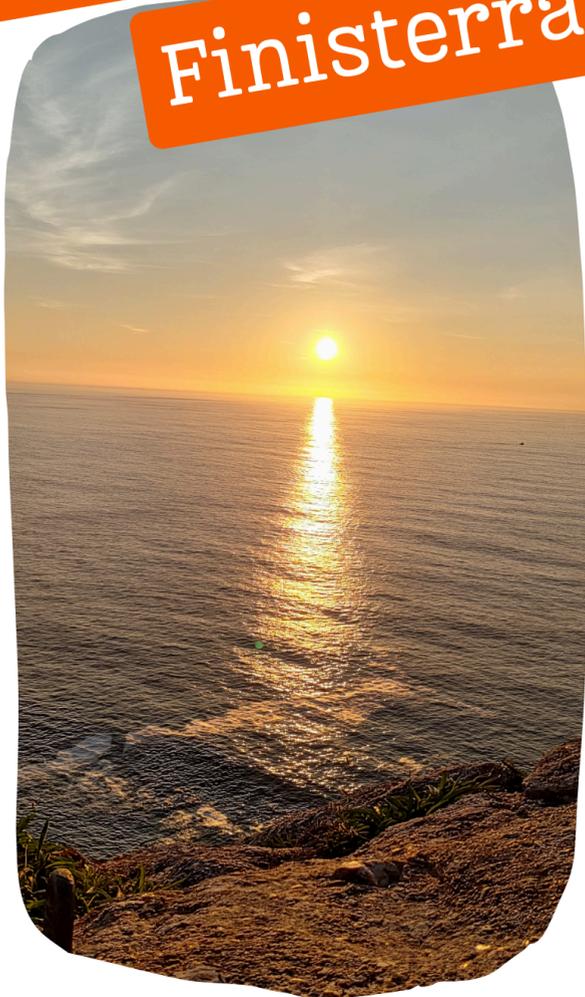
Ele fez um sinal com a cabeça e se afastou lentamente, indo em direção, novamente, às

pedras. Contudo, antes de sumir no escuro da noite, falou:

— Sempre olhe para a vida como uma grande aventura a ser vivida. Dessa forma sempre manterá vivo em você o ideal do bom combate e assim, cumprirá a sua lenda pessoal.

Caminho

Finisterra



Acesse o vídeo

Caminho dos Ancestrais

Tive um sonho muito pesado. Eu parecia possuído por um monstro. Foi forte e ruim. Apareciam fotos da minha família, mas eu não conseguia ver porque estava parecendo um bicho.

— Que sonho estranho.

Levantei. Arrumei-me e fui pegar o ônibus de Finisterra a Santiago. O que antes levei quatro dias caminhando, desta vez não demorou mais que uma hora e meia. Em seguida, peguei outro ônibus com destino a Ourense. Cheguei na cidade por volta das duas da tarde. Ali passaria somente uma noite, continuaria no dia seguinte. Deixei minhas coisas no albergue. Comi algo e fui até as termas da Chavasqueira. Mesmo na beira do rio era possível sentir suas águas quentes. Deitado fiquei relaxando o corpo, que parecia refazer-se. Sentia cada músculo agradecido. Eu olhava o céu e por um momento quase adormeci. Mais tarde fui ao mercado e comprei algo para jantar.

No dia seguinte pegaria o ônibus que, de fato, me levaria ao início do terceiro caminho. O de meus ancestrais. Já era noite, deitado na parte debaixo do beliche, iluminado por uma pequena lâmpada, que havia em cada uma das camas, eu fiquei olhando a foto de meus avós. Que ali tinham a minha idade. Eu estava prestes a fazer o caminho inverso. Enquanto naquela época haviam ido ao Brasil, eu voltava onde haviam nascido. Muitas perguntas vinham à minha mente. Muita expectativa e também, receios. Contudo, eu sabia que eu não era a mesma pessoa de antes. Os dois caminhos anteriores haviam me ensinado muita coisa. Mas estava chegando o momento de colocá-los em prática. Eu pensava na filósofa e também no estranho peregrino, ou melhor, no escritor peregrino, que é como ele gostaria que eu o chamasse. Eles foram pessoas muito especiais, que me ajudaram a chegar até aquele momento. Eles acreditavam em mim.

Eu voltei a olhar para a foto de meus avós e os acariciava o rosto, como se os fizesse diretamente a eles.

— Meus avós — dizia-lhes. — Eu estou chegando. Não sei o que vai acontecer, porém

aprendi a confiar no caminho e que devemos sempre caminhar, pois somos todos peregrinos.

Coloquei a foto sobre minha testa por alguns instantes enquanto mantive os olhos fechados e depois, a guardei em meu bolso, apaguei a luz e em seguida dormi.

Acordei, tomei café da manhã e fui em direção à estação rodoviária de Ourense. Não havia muitas opções de ônibus com direção a cidade onde eu ficaria. O primeiro deles partiu às treze horas e eu fui com ele. O trajeto não tardou mais que quarenta minutos. Próximo de onde o ônibus me deixou havia um mercado, onde fiz compras. Em seguida caminhei até o albergue municipal onde eu me hospedaria pelos próximos dias. Tive muita sorte em encontrar aquele lugar. Eu já havia falado com o responsável uns meses antes. Expliquei o que iria fazer e ele me ajudou. O albergue era grande e havia uma cozinha incrível. Minha tia-avó e seu filho eram as únicas pessoas que sabiam de minha ida, além de uma senhora, que não era de minha família, mas os conhecia desde quando ela ainda era uma criança. Uma tia minha do Brasil os havia avisado e passou para mim o contato deles. Ao chegar no albergue eu percebi que não havia mais ninguém além de mim. Deixei minhas coisas, comi algo e fiquei pensando por onde começar. Eu estava ansioso.

— Será que devo ir agora ver a minha tia-avó? Ou será que é tarde? Seria melhor eu avisar antes de chegar lá?

Eu olhei para o relógio, passavam das duas e meia da tarde.

— Calma! Tudo tem o seu tempo.

Mandei uma mensagem para seu filho. Perguntei qual o melhor horário para encontrá-los. Ele me disse que estavam felizes e que me esperavam para o almoço do dia seguinte.

Olhei pela janela. A vista era muito bonita. Havia árvores e pássaros cantando. Fazia um lindo dia de sol.

— O que devo fazer?

O restante dos lugares ficava a alguns quilômetros e algo me dizia para esperar um pouco mais. Ainda não era o momento.

Eu sentei na cama e olhei para minhas coisas, para meu cajado e voltei a olhar para a janela.

— Há um lugar que eu posso ir hoje!

Havia um lugar. Um antigo castro, onde viveram tribos de Celtas. Uma energia parecia me

chamar, falar em meus ouvidos. Mais do que escutar, eu podia sentir. Peguei meu cajado, mais algumas coisas e fui. A distância era de aproximadamente três quilômetros e meio. E a rota, eu me guiava através do mapa do celular. Caminhava devagar, havia aprendido a não ter pressa. Imaginava meus avós fazendo aquele mesmo caminho. No início beirava a estrada, mas logo encontrei uma trilha, desta vez não havia vieiras, mas não foi difícil manter-me no trajeto certo.

Uma placa me indicou que eu estava a poucos metros de chegar. O lugar era lindo, em meio a natureza. Não havia mais ninguém. Apenas eu e as ruínas de onde antes habitava aquele povoado. Construções circulares formadas de pedras, que sobreviveram durante séculos, algumas parcialmente cobertas pela rasteira vegetação, outras mais visíveis, todas rodeavam uma colina. E lá de cima, uma vista privilegiada de todo o entorno. Eu sentia-me como uma criança caminhando por toda parte. Descobrimo novas paisagens. Ali havia também algumas árvores que pareciam zelar por aquele lugar e o sol brilhava forte, fazendo com que tudo ao redor tivesse uma luz, uma espécie de energia que brilhava. Eu colocava as mãos sobre as pedras e

fechava os olhos. Respirava profundamente e fazia como havia aprendido, expandindo minha mente e conectando-me aquele lugar, que para mim era profundamente sagrado. Uma sensação de grande paz invadiu o meu corpo. Era como se eu estivesse recebendo uma benção. Sentia que não estava só. Que havia uma razão para estar ali naquele momento. Eu estava grato pelo presente que havia recebido.

Após algum tempo, despedi-me do lugar e fui em direção a uma construção semelhante à que eu estava. Não era antiga como aquela. Foi feita em homenagem, para representar de forma fiel como eram aqueles povoados. Casas de pedras simples e circulares, com telhados de palha, construídas em distância próximas umas das outras. Em um lugar deserto, que parecia magicamente guardado, de forma intocada, pelo tempo. Do vento que balançava as folhas, lembrava-me o som de vozes. E me fazia crer que a qualquer instante alguém surgiria de dentro daquelas pequenas habitações. Eu caminhava ali sozinho, era como se tudo aquilo fosse familiar a mim.

O tempo passou rápido, já era final de tarde. Eu sabia que precisava voltar e assim eu fiz. Estava

me sentindo imensamente feliz. Cantava e caminhava.

Já no centro da cidade, fui ao mercado e comprei uma grande empanada e uma garrafa de suco de laranja. Estava bem próximo ao albergue, quando uma senhora me viu andando com meu cajado. Curiosa ela me perguntou o que eu fazia ali e eu lhe respondi:

— Estou caminhando.

— E você vai até Santiago?

— Eu já estive lá.

— E o que faz aqui?

— Vim conhecer este lugar — respondi, sem dar muitos detalhes.

— E você gostou?

— Sim! Eu estou gostando muito!

— Já conheceu a catedral?

— Ainda não, mas quero conhecer!

— Você irá gostar.

E em seguida continuou:

— Você quer frutas?

Ela tinha um enorme pomar no jardim de sua casa.

— Quero sim! — respondi empolgado.

— Pois então me espere. Vou pegar algumas para você.

Alguns minutos se passaram e ela voltou com uma sacola cheia de maçãs e peras.

— Pegue meu filho! Quando elas acabarem volte e eu lhe darei outras mais.

Eu fiquei muito feliz e lhe agradei. Ela era uma senhora muito simpática. Em seguida fui ao albergue, tomei banho, jantei e me preparei para dormir. Eu estava ansioso pelo dia seguinte e grato pelo o que estava terminando.

Acordei. Estava um pouco nervoso. Fiz a barba, cortei as unhas, coloquei a melhor roupa e limpei o tênis. Eu queria causar uma boa impressão. De banho tomado, separei as lembrancinhas do caminho de Santiago que comprei para eles.

— O que será que eles vão pensar sobre mim? Será que deveria ter comprado algo melhor?

Cheguei diante da casa faltando ainda quinze minutos para o meio-dia, o horário combinado.

— Devo aguardar um pouco mais? Talvez eles sejam pessoas bem pontuais.

Eu fiquei parado por alguns minutos, decidindo o que fazer.

— Vou chamá-los!

Antes que eu pudesse fazer, seu filho apareceu diante da porta. Eu sorri e o cumprimentei. Em seguida à minha Tia-avó que estava sentada na poltrona logo na entrada. Eles me receberam muito bem. Conversamos bastante. Fiquei emocionado ao vê-los. Principalmente à minha Tia-avó. Ela tinha noventa e dois anos. Às vezes,

quando eu a olhava, ou mesmo quando a escutava falar, era como se, diante de mim, estivesse a minha avó, sua irmã. Seu filho preparava o almoço, ele tinha sessenta e três anos e a todo instante, fazia o possível para que eu me sentisse acolhido. Enquanto eu esperava, comia biscoitos feitos por ela.

Almoçamos, tomamos vinho e depois, de sobremesa, comemos Filloas. Eles me ensinaram como se deve pegar e dobrá-las.

Faziam tudo sempre com muito carinho.

De tarde, ele precisou sair por um momento e ficamos somente eu e minha tia-avó.

Conversamos por horas e nem percebemos o tempo passar, talvez porque não estávamos lá e sim, voltamos para tempos antigos em que ela ainda era uma criança. Dizia-me com saudade e alegria sobre as brincadeiras, as músicas, a relação de amizade entre elas. Contou-me sobre a força e determinação de minha bisavó. Falou que ela tinha os cabelos ruivos e sardas no rosto.

— É verdade? — perguntei admirado.

— Sim! É verdade. E tinha também os olhos azuis claros.

Contou-me ainda que ela era uma grande parideira. Até os médicos locais respeitavam muito o seu conhecimento.

— Antigamente não se tinha tão facilmente acesso a médicos. Mas tínhamos conhecimento que passávamos de geração em geração.

— Como assim?

— Conhecíamos as ervas e também rezas. Ela era uma grande benzedeira.

— Lembro-me de minha avó e minha mãe contarem-me a respeito dessas rezas.

— Sim! — falou-me. — Faz muito tempo.

Eu cantei para ela a reza que eu havia escutado e ela me disse como minha bisavó fazia. Das recordações que tinha. Sentia como se tivéssemos rompido a linha do tempo e pudéssemos mergulhar e viver os tempos do passado. Eu lhe falava das lembranças e histórias que havia escutado desde ainda jovem e ela não só as me confirmava, como também acrescentava detalhes, dando cores e vida a todas elas.

Eu queria aproveitar cada instante daquele momento mágico. E fazia ainda mais perguntas.

Ela me falou do período de guerra e das pessoas necessitadas que passavam por lá. Contou-me que tinham uma pequena padaria e não cobravam pelo pão a quem não pudesse pagar. Ela falava-me sobre a história de cada uma das pessoas da família, pela parte de minha avó. Era como se eu estivesse lendo o grande livro dos meus antepassados.

Já era final de tarde quando sentamos em frente a sua casa. Eu em um banco e ela em sua cadeira de rodas. Olhávamos a lua que surgia, a rua calma e as poucas pessoas que passavam e nos cumprimentavam acenando com a mão. Naquele momento percebi que estávamos novamente no tempo presente. Seu filho juntou-se a nós e ficamos os três conversando. Eram assuntos normais, como fazem as famílias. Eu me sentia em casa.

Um tempo passou e eu me despedi deles. Eu sabia que ela precisava descansar e ele, apesar de dizer o contrário, também estava cansado. Antes que eu saísse, ela convidou-me para dormir em sua casa, disse que eu era da família e que sempre teria um lugar para mim lá. Eu

fiquei muito feliz, mas não queria abusar. Abracei-os e combinamos de nos vermos novamente nos próximos dias. Voltei para o albergue. Eu estava tão feliz que nem podia descrever em palavras.

Deitado, no escuro do quarto, eu lembrava de nossa conversa. Das histórias, algumas felizes, outras tristes. Falou-me de amor, de saudade. De conquistas e dificuldades. Algumas delas pareciam se repetir, adaptadas ao tempo de quem as viveu. Assim como os nomes: os de minha bisavó, minha tia-avó e o de minha mãe eram o mesmo. Era realmente estranho pensar em toda a conexão que parecia nos unir a todo instante.

Eu fiquei um tempo pensando em todas aquelas coisas, até que me lembrei:

— Preciso me preparar para amanhã!

Levantei-me, acendi a luz e peguei uma folha de papel que guardava dobrada dentro da mochila. Nela havia escrito um itinerário. Eram onze pontos pelos quais eu percorreria. Cada um deles representava um lugar importante que revelaria ainda mais sobre minha família. Eu o lia e relia diversas vezes. Queria ter certeza de que

não deixaria de passar em nenhum dos lugares. Verificava todos eles no mapa traçando a melhor rota. Eu estava bastante ansioso. Fazia isso enquanto comia uma daquelas maçãs que havia ganhado.

Eu estava sentado na cama. Ao lado dela havia um pequeno móvel, onde por cima ficavam minha garrafinha de água e uma empanada protegida em um embrulho. Mais adiante, um armário, onde eu deixava apoiado o meu cajado e mantinha próximos, os meus calçados. Já a mochila, ficava escostada à parte inferior da cama junto com a sacola que guardava as frutas. Aquele pequeno quarto não era só o meu refúgio, mas também onde eu planejava tudo o que iria fazer. Sentia-me como uma criança em sua casa da árvore terminando os últimos detalhes para realizar a mais incrível das expedições.

Após algum tempo, peguei um pequeno caderno que havia comprado. Eu gostava de ficar rabiscando enquanto pensava e fiz nele também, algumas anotações. Tudo já estava pronto para o dia seguinte. Meus olhos piscavam querendo fechar, quase vencidos pelo sono. Passava das onze da noite, então recolhi o que estava sobre a cama e me deitei, logo após apagar a luz.

Acordei por volta das 8 da manhã. Fui até a cozinha, preparei meu café e coloquei alguns lanches na mochila. O albergue era muito grande, com diversos quartos, contudo, não havia mais ninguém hospedado, nem mesmo funcionários. Eu andava pelos corredores, o meu quarto era o menor deles, o único individual, eu acho. Mas de certa forma, parecia que o albergue inteiro estava ali somente para mim. O que também me encantava era a cozinha. Ela era grande e tinha tudo o que eu precisava. Eu procurava manter tudo limpo e organizado, por isso, na maior parte do tempo eu ficava em meu quarto, deixava a porta encostada. Mas era engraçado imaginar que eu estava sozinho naquele lugar enorme. Olhando pela janela eu notava o dia lindo que se formava e isso me dava ainda mais vontade de iniciar a expedição. De mochila nas costas e cajado na mão, deixei o albergue em direção ao primeiro dos lugares que estavam anotados em minha folha de papel. **A**

grande catedral da cidade.

Diante dela havia uma extensa praça e um chafariz. A porta estava aberta e devagar, eu entrei.

Caminhei pelos corredores e segui até os bancos que estavam vazios. Vi belas imagens

como a de São Francisco de Assis e altares ricos em detalhes. Cheguei a imaginar que surgiria, a qualquer instante, meu amigo, o estranho peregrino. Mas como ele próprio havia me dito, tratava-se de meu caminho particular. Algo em mim sabia que ele não estaria lá, apesar de querer vê-lo novamente.

Observando as grandes paredes, lembrei-me de minha avó dizendo como era grande e bonita aquela Catedral. E realmente era.

Voltei pela mesma porta que havia entrado e fui em direção ao segundo ponto, *a casa onde*

minha avó nasceu. Deixei a cidade e caminhei margeando a estrada. Sentia-me um pouco tonto. Meus pensamentos ficaram confusos. Os carros passavam rápido enquanto eu andava pelo chão de asfalto. A distância era de pouco mais de um quilômetro e meio. A casa ficava de frente a estrada e eram poucas que havia ali, por isso, de longe já conseguia enxergá-la.

Aproximei-me. Aparentemente não morava ninguém lá. Havia uma escada de pedra que levava até a porta. Eu subi os degraus vagorosamente. Havia também uma coluna de madeira, um tronco, preso entre o último degrau e o telhado, ajudando assim a sustentá-lo.

Coloquei a mão sobre ele e diante da porta ensaiava o que dizer caso alguém surgisse.

— Olá! — dizia enquanto batia na porta.

Não havia ninguém. Coloquei as mãos nas paredes e imaginei meus bisavós com seus filhos, entre eles minha avó, ainda crianças correndo pela área do lado de fora ou na janela, vendo o mesmo cenário que eu, há décadas atrás.

Na frente da casa havia um banco, eu sentei-me lá por um tempo, mantendo ao meu lado a mochila e o cajado. Tirei da carteira a foto de meus avós. Eu sentia saudades, mas também, havia outro sentimento que me acompanhava. Antes que pudesse ficar triste, levantei-me e fui a um lugar bem próximo de lá, à distância de poucos metros. Era a casa para onde minha bisavó havia se mudado com seus filhos, onde minha tia nasceu e também onde havia a pequena padaria. Eu estava entusiasmado novamente e fui até lá. Era uma casa de pedra, melhor preservada. Contudo, assim como a outra, não havia ninguém. Eu fiquei diante dela por um tempo, até que notei uma senhora me

olhando na casa, do outro lado da rua. Eu acenei para ela e fui até lá.

— Olá!

— Olá! O que você quer?

Eu lhe falei sobre a história de minha família, perguntei sobre uma padaria que me diziam haver ali.

— Sim. Ela ainda existe. Fica ao lado. Eles fazem pão para entregar aos lugares.

Ao lado da casa realmente havia uma área construída e tinha cheiro de pão. Eu bati na porta, mas não havia ninguém. Talvez tivessem saído para fazer entregas. Esperei por um tempo. Lembrei das histórias que minha tia-avó tinha contado. Fiquei feliz em saber que os pães da família ainda continuavam sendo feitos. Queria provar algum, mas precisava continuar, então segui em direção ao terceiro local: *A igreja onde eles assistiam às missas.* Continuei andando, até que poucos metros depois sai da estrada, seguindo à direita. O cenário havia mudado, parecia que eu tinha voltado para os

caminhos de Santiago e Finisterra. Por um instante imaginei que veria por ali, as vieiras me indicando a direção.

Bastaram poucos minutos para ficar diante da igreja, que também recordava-me a dos caminhos. Feita de pedra e ao redor, um pequeno cemitério. A todo momento era o passado que eu tentava enxergar. Imaginava eles fazendo aquele mesmo percurso, que muitas décadas depois, eu estava fazendo. As ruas vazias, as casas antigas e a natureza em volta aguçaram ainda mais a minha imaginação. E assim continuei andando, sem pressa, até que comecei a notar mais forte aquela sensação de antes. Era uma espécie de culpa e vergonha. Não eram desconhecidos, há muito moravam dentro de mim, mas estavam mais fortes do que nunca. Parei por um instante. Eu já não conseguia continuar. Apoiado em meu cajado abaixei a cabeça.

— Peço desculpas por não saber cuidar de nossa família. Por não ser forte como eu deveria. Por ter tantos medos e por todas as vezes em que hesitei. Eu gostaria de ter sido uma pessoa melhor.

Comecei a chorar, imaginando que talvez os tivesse decepcionado.

— Vocês tiveram muito mais dificuldades do que eu. Enfrentaram a guerra, a pobreza, atravessaram um oceano mesmo sem saber o que encontrariam.

Parei por mais um instante.

— Peço desculpas.

Continuava de cabeça baixa, sem dizer mais nada e assim fiquei por alguns instantes, até que, de repente, em meio às lágrimas, respirei profundamente, dando-me conta que uma forte emoção me envolvia. O batimento de meu coração acelerou. Eu os senti. Senti que estavam comigo, que sempre estiveram. Eu não os via, nem escutava, mas tinha certeza que estavam lá. Eles não me julgavam, nem tinham vergonha de mim. Tudo o que eu sentia era amor. Estávamos todos conectados pelo amor. Olhei para o céu e ao meu redor.

— Obrigado por estarem comigo!

Meu corpo estava relaxado e meu coração pulsava de forma leve. Senti-me como se estivesse sendo abraçado. Dei um singelo sorriso, agradeci novamente e confiante, retomei a caminhar. Sabia que deveria seguir.

Foram outros mil e quatrocentos metros, vinte minutos até chegar a *praia fluvial*. Era um pequeno rio. Aquele ponto marcava uma divisão imaginária. Até ali, era onde viveram a família de minha avó. Dali adiante, era a de meu avô, em um pequeno povoado próximo. Adentrei em uma bonita trilha com aproximadamente quatrocentos metros de distância até a outra extremidade. Só havia eu caminhando e os pássaros cantando e voando. Ouvi dizer que existiam javalis por ali. Não encontrei nenhum.

Assim que saí da trilha, já diante da estradinha, outra iniciava a poucos metros. Era um caminho que levava até uma canteira, mas esta, deixei para ir depois. Queria continuar, estava próximo de uma *finca de meu avô*, um pequeno pedaço de terra, tão pequeno que não havia nada além de vegetação e algumas árvores, contudo para mim era mágico. Eu descí e fiquei por ali. Andei próximo a elas. Sentia-me especialmente

acolhido naquele pequeno espaço. Ficava entre duas casas. Uma delas era a *casa de Dona Hortência*, aquela senhora que, além da minha tia-avó e seu filho, sabia da minha chegada. Eu percebi que ela estava no portão, porém parecia preocupada. Eu me aproximei e acenei, ela ficou ainda mais tensa.

— Olá! Como vai?

— Olá! — falou-me enquanto trancava o portão.

— Sou eu! — insisti.

Eu lhe disse meu nome e expliquei sobre minha família. Mas ela não me escutava.

— Continue seu caminho! O vilarejo é mais adiante.

Ela estava com medo. Eu precisava fazer com que ela entendesse quem eu era. Ela já voltava em direção a porta de sua casa quando eu falei alto para que de lá ela pudesse me ouvir:

— A senhora não é a dona Hortência?

Naquele instante ela parou de andar. Virou-se. Sua expressão havia mudado e ela voltou em minha direção.

— Me desculpe! Eu tinha esquecido.

— Não se preocupe — falei aliviado. — É que eu fiquei andando para lá e pra cá. Não há muita gente por aqui. A senhora se assustou e está certa.

— Você está com sede? Quer comer alguma coisa?

— Obrigado! Eu estou bem! Eu queria conversar.

— Venha, filho! Entre! Vou pegar um refrigerante para você.

— Não se preocupe, comigo.

Fomos até a cozinha.

— Pegue! — insistiu. — Aqui tem um refrigerante e uma torta de maçã.

— Obrigado!

Peguei o que ela havia me oferecido e enquanto comia, pedi para que ela me contasse a respeito de minha família.

— Eles eram pessoas muito boas. Você tem que ter orgulho deles, dos Cuorderos.

— Cuorderos?

— Sim! Cuorderos. Era a maneira carinhosa como os chamávamos. Tinham este nome porque faziam cordas.

— Eu não sabia. Então, sou um cuordero também?

— Sim! E você deve entender isso como uma honra — falou-me olhando em meus olhos. — É um motivo de orgulho.

E depois continuou:

— Eles eram pessoas muito boas. Todos aqui gostavam deles. No período da guerra eles ajudavam as pessoas que passavam pela estrada com fome e cansadas, deixava-as passarem a noite na parte debaixo da casa, onde era o celeiro. Um lugar quente que os abrigava e protegia das noites frias. E quando podiam também, ajudavam dando algo de comer, como um caldo ou pão.

— Meu avô contou a história de seu irmão que morreu na guerra — comentei.

— Muitos morreram. Foram tempos difíceis.

Eu percebi que ela estava contente em me dizer tudo aquilo. Era como se toda aquela história fosse seguir viva através de mim. E eu estava encantado em escutar tudo o que ela me dizia. Ficamos um bom tempo conversando.

— A senhora conheceu a minha avó?

— Sim! Quando ela se casou e passou a morar com seu avô.

Ela parou por um instante e continuou:

— E algum tempo depois seu avô foi sozinho para o Brasil tentar ganhar o sustento de sua família, assim como muitos outros fizeram. Não foi fácil para a sua avó, ainda mais com duas crianças pequenas.

— A mais nova das crianças é a minha mãe — comentei e em seguida completei. — Elas ainda ficaram morando na casa da família de meu avô por três anos antes de se encontrar com ele no Brasil.

— Não era fácil e nem barato. — comentou.

— Eles passaram por muita dificuldade, não é mesmo?

Ela apenas acenou com a cabeça.

Ficamos um momento em silêncio. Eu tentava assimilar tudo o que havia me dito e ela voltava sua mente para o passado e certamente muitas lembranças lhe vinham.

— Meu rei — falou-me com a voz carregada de emoção. — Espero que tenha muita sorte. E para Espanha, voltará? Bom, não sei se ainda estarei aqui. Tenho oitenta e oito anos.

— Não diga isso! Ainda viverá muito!

— O tempo dirá!

Levantou-se e me ofereceu frutas para que levasse e comesse no caminho. Eu percebia que ela os via através de mim. E isso me deixava muito emocionado. Seguimos de volta ao portão. Eu notava que ela se segurava para não chorar. Eu a abracei e me despedi enquanto ela dizia:

— Vá, meu rei! Siga seu caminho!

Olhei para ela uma última vez e acenei, despedindo-me antes de continuar caminhando.

Eu estava a poucos metros da casa onde toda aquela história havia se passado, onde viveram a família de meu avô, minha avó e onde minha mãe nasceu. *Uma casa, muitas histórias.* E lá estava eu, diante dela. Havia sido reformada, Não tinha mais o celeiro na parte de baixo e nem as janelas, como me haviam contado. Mas minha imaginação me permitiu reconstruí-la, através das histórias que escutei. Lá foi um lugar de felicidades, mas também de tristezas e dificuldades. Esta parte me fez sentir mal. Mas eu sabia que não eram somente as boas lembranças que registravam nosso passado. Ao contrário, as difíceis que, muitas vezes, deixam marcas profundas. Entretanto, era tempo de entender que elas faziam parte do passado.

— É hora de seguir.

Um pouco mais adiante entrei por um caminho e de lá, andei em meio a natureza até encontrar uma igrejinha toda feita de pedra e diante dela, um cruzeiro. Era a *capela de San Lourenço*. Lá existia uma área externa coberta e com muretas baixas. Talvez minha mãe e tia brincassem ali ou sentassem nos degraus do cruzeiro, onde

naquele dia havia castanhas secando em um caixote de madeira. E bem próximo, alguns bancos sob a sombra das árvores e as borboletas que voavam ao redor.

O próximo dos pontos era a *igreja Santa Baia de*

Berredo. Eu sabia que os meus bisavós estavam enterrados no cemitério que ficava lá, ao redor da igreja. Quando cheguei, o portão estava aberto e eu entrei. Havia muitas lápides e placas com nomes e datas. Eu não fazia ideia de onde estavam enterrados. Algumas placas eram postas no chão, onde caminhávamos. Ali debaixo estavam enterrados. Eu andava de um lado a outro e não encontrava, porém estava decidido e ficar lá até que achasse.

Diante do cemitério havia algumas casas. De uma delas, surgiu da janela, um senhor. Ele gritou lá de cima:

— O que procuras aí?

— Olá! — disse tentando fazer amizade. —

Busco onde estão enterrados meus bisavós.

Ele então fez sinal para que eu esperasse.

Alguns minutos depois ele entrou no cemitério.

Tinha uma boina engraçada. Era magro e fez-me lembrar um guia local.

— Quem foram seus bisavós?

Falei-lhe os nomes. Ele coçou a cabeça e pensou por uns instantes.

— Onde moravam?

Eu falei onde era a casa.

— Faz quanto tempo?

— Imagino que bastante.

Ele pensou mais um pouco e começou a dizer nomes de familiares que eu já tinha ouvido falar.

— Sim! São da minha família.

Então ele pediu para que eu o acompanhasse.

— Aqui estão! — falou-me seguro, como quem realmente conhecia a todos que estavam lá. E de fato ele havia feito um trabalho incrível. Eu agradeci admirado e contente. Se não fosse ele, certamente não os teria encontrado. E da mesma maneira que veio, ele se foi.

Meu bisavô e minha bisavó. Eu sabia que o que estava ali era somente o corpo que já havia voltado à terra, à sua origem, como um grande ciclo da vida. Uma eterna transformação, como dizia Lavoisier. Diferente da alma. Entretanto, eu havia chegado até lá. E por alguma razão aquele homem surgiu e permitiu que isso fosse possível. Três gerações antes de minha existência. Graças a dona Hortência eu havia conhecido um pouco mais sobre eles, os Cuorderos. Mas me perguntava sobre quais seriam seus medos, seus sonhos. Em silêncio eu apenas pensava. O vento balançava as flores que algumas pessoas haviam deixado para seus entes queridos. Eu não tinha nada comigo para deixar ali e isso não importava porque a felicidade que sentia, eu sabia que chegaria até eles de alguma maneira. Então eu apenas disse:

— Obrigado!

Eu sabia que tinham passado por muitas dificuldades, mas seguiram em frente e graças a isso e a todos que me antecederam, todos meus familiares, eu pude estar lá naquele momento. Todos nós, conectados, não somente pelo sangue, mas também pelo amor e pelo

aprendizado. Erramos, acertamos. Vencemos e perdemos. Caímos e levantamos. Sorrimos e choramos. Mas sempre seguimos.

— Somos todos peregrinos! — disse rompendo o silêncio do lugar. Sentia como se falasse com cada um de meus ancestrais, de minha família.

Após algum tempo, levantei-me. Eu estava pronto para seguir até o próximo local: A *finca das batatas*. Lugar onde meu avô plantava, entre outras coisas, batatas. Eu tinha escutado essas histórias quando era mais jovem. Era um caminho bonito em meio a natureza. Muita vegetação e árvores. Não era possível saber o ponto exatamente, não havia ali mais nenhuma plantação, contudo eu tinha uma marcação no mapa e era por ela que me guiava. Em algum momento um caminho à direita surgiu e eu segui por lá. Folhas secas no chão e outras avermelhadas faziam-me recordar dos antigos caminhos. No exato ponto do mapa havia uma grande pedra, diferente das outras. Ao redor, a mata estava fechada, de lá adiante não havia caminho. Eu sabia que era ali. Eu sentia. Ajoelhei-me diante daquela pedra e com o

cajado em minha mão, agradei. Eu comecei esta jornada com medo, duvidando se seria capaz. Eu tropeçava, caía e levantava até que meus passos tornaram-se fortes, até que eu tivesse aprendido a encontrar dentro de mim a direção, até saber que caminhar é muito mais do que simplesmente andar, é se conectar com o meio, aprender a admirar a beleza do lugar, os ensinamentos que ele tem a oferecer e as pessoas que surgem em nossas vidas. Aprendi a enxergar a simbologia do universo, os seus sinais. Sabia que dificuldades surgiriam e que deveria enfrentá-las como a um bom combate. Caminhando sempre em busca de nosso propósito, aquilo que somente nós podemos fazer e viver, a nossa lenda pessoal. Tirei do bolso a foto de meus avós, olhava para seus rostos jovens, e emocionado eu os agradei. Peguei uma pedra que encontrei ali próximo e coloquei sobre a grande pedra. Era um símbolo de minha chegada, um marco, um registro que se fazia notar em todos os tempos: passado, presente e futuro. Afinal, tudo estava conectado. Representava a libertação em relação a tudo que nos fazia sofrer e a união, a nossa conexão, feita através do amor.

No caminho de volta, estava outra vez diante da trilha que levava até *a Canteira*. Disseram que ali existia uma grande escavação e atingiram o lençol freático, enchendo de água todo aquele imenso buraco que havia sido escavado. Isso aconteceu a décadas atrás. E hoje o que existia era um grande lago cercado por morros. Eu fui em direção a trilha. Após algum tempo caminhando, já foi possível avistar aquele lago imenso. Continuei descendo por mais alguns minutos até chegar lá embaixo. Não havia ninguém. A água de tão calma parecia um espelho que refletia a luz do sol e o verde da vegetação em volta. Havia uma grande pedra ao meu lado. Deixei lá minhas coisas e sentei-me, fiquei admirando aquele lugar mágico enquanto me lembrava de tudo o que havia vivido desde que comecei esta aventura. Na medida que meus pensamentos voavam livremente, senti minha mente e coração expandindo. Eu escutava o som do vento, a folha que caía, o pássaro que cantava, a água, quando de tempos em tempos se mexia, o pulsar de meu coração e a minha respiração. Eu sentia o perfume das flores, o cheiro da terra, o calor da pedra aquecida e do sol que tocavam meu corpo. Eu

não buscava por nenhuma explicação, apenas deixava a magia acontecer. Minha mente foi em direção àquelas águas e meu olhar com ela. Eu lembrei-me de uma antiga história celta sobre o rei Arthur. Quando ele recebia da dama da água, a sua espada, a espada da vontade.

— Quem sabe um dia eu seja digno desta espada e possa com ela derrotar a resistência, combater o bom combate e viver a minha lenda pessoal.

Eu parei por um instante e pensei sobre o que havia dito. Olhei novamente para o lago e sorri, porque havia aprendido que a verdadeira força tem que ser despertada dentro de nós. Não existe um artefato externo. E era isso que aquela lenda simbolizava.

— Somos falhos — falei sorrindo. — Os caminhos são percorridos por seres comuns, que mesmo com medo continuam. Tropeçam, desorientam-se mas não desistem. Não precisamos de uma espada mágica, porque não haveria dificuldade, nem lições e tão pouco, transformação. O que precisamos é viver com a magia dentro de nós.

Sorri novamente, desci da pedra, tirei a roupa e atirei-me à água. Mergulhei o mais fundo que pude e voltei à superfície. Olhei em volta toda aquela natureza, toda aquela magia. E tudo o que sentia era gratidão e amor. Eu havia completado os três caminhos, mas sabia que aquilo não era um fim, afinal, somos todos peregrinos e portanto, seguimos sempre. Devemos ter fé no caminho, acreditar na magia do universo e em nosso propósito nele.

Caminho

Ancestrais



Acesse o vídeo

A visita

Alguns dias passaram. Eu conheci outras pessoas da família e vivi momentos felizes e divertidos. Voltei a casa de minha tia-avó onde passamos as tardes conversando e vendo novelas.

— Espero revê-los em breve.

De volta a Madrid terminava de tomar meu café da manhã. Neste mesmo dia, próximo das onze horas da noite eu pegaria o voo com destino ao Brasil, contudo, havia uma última coisa a fazer. Tomei um trem em direção a cidade de Ávila. Lugar onde nasceu e viveu santa Teresa. Assim que cheguei, caminhei em direção às muralhas. Atravessei por uma das entradas e segui até onde ficava a sua casa, hoje uma igreja. Logo à frente, havia uma pequena praça e uma imagem de Santa Teresa sentada no banco. Por algum motivo, as pessoas que estavam ali se levantaram e eu pude sentar ao seu lado. Ficamos só nós dois.

— Olá! — falei com a voz baixa. — Queria lhe contar sobre uma pessoa, que para mim é muito especial: A filósofa. Ela lhe admira muito, sabia? E graças a ela cumpri esta jornada.

Eu falava como se fossemos bons amigos aproveitando o sol, sentados em um banco de praça. Notei que em sua mão havia uma flor. E pensei que talvez eu deveria ter lhe trazido uma também.

— Me desculpe! — comentei.

Era estranho falar sozinho com uma imagem. Ao menos era o que pensaria quem me visse, porém, algo mágico estava acontecendo. Eu olhei novamente para aquela flor e percebi que era eu quem havia ganhado o presente. Eu entendi e sorri:

— Obrigado por tê-la colocado em meu caminho. Foi através dela, que chegou até mim e me preparou para o que eu precisava fazer. E o mesmo se passou com meu amigo, foi Santiago quem uniu nossos caminhos e através dele, permitiu que eu aprendesse tudo o que era necessário. Agora eu entendo, de maneira

profunda, o que eles queriam me ensinar sobre cumprir o propósito, viver a vida pessoal. É desta maneira que encontramos o maior sentido de nossas vidas: Ajudar ao próximo. Afinal, o dom do homem é a manifestação de Deus para ajudar a humanidade. E é isso que o universo tenta nos mostrar a todo instante.

Teresa de

Ávila



Acesse o vídeo

Agradecimentos

Cada um de nós tem o seu próprio caminho, mas isso não quer dizer que estejamos sós. Ao contrário, estamos todos conectados. E por isso agradeço profundamente à filósofa Lúcia Helena Galvão e ao estranho peregrino, Paulo Coelho que através de suas histórias, de suas lendas pessoais, ensinaram-me, estiveram comigo durante esta jornada, fazendo com que eu compreendesse as lições que o caminho me apresentava.

Agradeço também a todas as pessoas que conheci e que assim como eles, transformaram-me e tornaram possível meu aprendizado.

Aos meus amigos. Eles são grandes presentes que Deus fez surgir em meu caminho.

E em especial, à minha família, aos que vivem comigo e também, aos que conheci durante esta jornada e fui tão bem recebido. Histórias que guardo no coração. A todos meus ancestrais e ao amor que nos une e faz com que possamos evoluir juntos, no infinito caminho da vida, onde seguimos sempre, como eternos peregrinos.

Considerações finais

Espero que tenha gostado e que este livro possa ter lhe ajudado a encontrar o seu caminho, a perceber a magia que existe dentro de você e da sua conexão com o universo.

Bom caminho, peregrino!

Caso queira, poderá fazer uma doação, de qualquer valor. Isso me ajudará bastante.



Chave Pix

escritormochileiro@gmail.com

Leandro Perez Freire
Banco Itaú S.A.

Outras opções para fazer sua doação:



escritormochileiro@gmail.com

Titular da conta: Leandro Perez Freire

BIC: TRWIBEB1XXX

IBAN: BE75 9676 7001 6651

Nome e endereço do banco: Wise

Rue du Trône 100, 3rd floor Brussels 1050 Belgium

Titular da conta: Leandro Perez Freire

Código Swift: CMFGUS33

WIRE Routing Number: 026073008

ACH Routing Number: 026073150

Banco: Community Federal Savings Bank

Conta: 652106327255

Tipo de conta: Cuenta-corriente

End. do banco: 8916 Jamaica Ave, Woodhaven, NY 11421